JALMIR CÉSAR GONÇALVES DE ARAÚJO

A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E AS FACÇÕES TÊXTEIS EM IBIRAMA-SC

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

Orientadora: Dra. Isa de Oliveira Rocha.

FLORIANÓPOLIS

2016

A663r Araújo, Jalmir César Gonçalves de
A resstruturação produtiva e as facções têxteis em Ibirama-SC / Jalmir César Gonçalves de Araújo. - 2016.
117 p. il.; 29 cm

Orientadora: Isa de Oliveira Rocha
Bibliografia: p. 111-115
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2016.

1. Indústria têxtil – Santa Catarina. 2. Produtividade industrial. I. Rocha, Isa de Oliveira. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. III. Título.

CDD: 338.476770098164 – 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

JALMIR CÉSAR GONÇALVES DE ARAÚJO

A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E AS FACÇÕES TÊXTEIS EM IBIRAMA-SC

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

Banca Examinadora:

Orientadora**:** _____

Profª. Dr. Isa de Oliveira Rocha
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____

Prof. Dr. Ivo Raulino
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Membro: _____

Prof. Dr. Pedro Martins
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____

Prof. Dr. Fábio Napoleão
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Florianópolis, 04/05/2016

A minha esposa Josi e aos meus filhos, pela alegria do amor maior, pela alegria e continuidade de muitas realizações!

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer envolve o sentimento de lembrar. Pessoas que estiveram presentes durante este processo de criação, de adaptação de pesquisa. O ato de estudar envolve dedicação, renúncia, desconstrução. Por vezes dividimos experiências e vivências com familiares e amigos e por vezes abrimos mão desse convívio, em nome do conhecimento, da pesquisa.

Primeiramente agradecer a minha esposa Josilene, pelo estímulo e compreensão nos vários momentos desta caminhada.

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional. Aos meus pais, José e Emília, que de alguma forma sempre procuraram contribuir na minha formação de estudante, de ser humano. Às minhas irmãs, Jaicenir e Joelma, pela força e pelos pernoites.

À minha orientadora, professora Dra. Isa de Oliveira Rocha, por ter acreditado na minha pesquisa, pelos ensinamentos e direcionamentos e pelo estímulo nos momentos em que precisei.

Aos professores do programa do mestrado, em especial ao professor Dr. Pedro Martins, por sua competência em ensinar e nos ensinar a aprender.

Ao secretário do MPPT e amigo, Christian, por sua dedicação aos alunos do mestrado e ao programa.

Aos colegas de turma de 2014, registro que foi muito bom estar com vocês, participando de debates, discussões, compartilhando angústias.

Agradecimento especial ao amigo Cássio (*in memoriam*), por sua colaboração e troca de experiências.

À Universidade do Estado de Santa Catarina, que promove um ensino público de qualidade em extensão e pesquisa.

Obrigado a todos!

Outros tempos, velha máxima .....!

“No momento em que toda a sociedade brasileira acompanha ativamente o desenrolar dos acontecimentos políticos, fica evidente que não basta apenas estar com a leitura dos jornais em dia para entender o que está ocorrendo. No volume de informações que é veiculado todos os dias, é necessário identificar os ingredientes, os atores, os interesses em jogo. Fazer isto é fazer análise de conjuntura”.

Herbert de Souza – Betinho

ARAÚJO, Jalmir César Gonçalves de. **A reestruturação produtiva e as facções têxteis em Ibirama-SC**. 2016. 117 f. Dissertação (Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

RESUMO

Na década de 1990, observou-se no Brasil a abertura comercial, que trouxe profundas mudanças na forma de produção e organização social de alguns setores industriais, mormente a chamada reestruturação produtiva. Essa reestruturação impactou fortemente alguns setores produtivos, como o têxtil, que adotou medidas como a quebra de sua estrutura verticalizada, terceirização e subcontratação de algumas dessas operações relacionadas à costura. O principal objetivo deste estudo foi analisar os impactos da reestruturação produtiva no setor têxtil e suas determinantes no aumento das facções têxteis em Ibirama-SC. Para tanto, revisou-se a formação sócio-espacial do município de Ibirama, desde o início da sua colonização e sua evolução socioeconômica; e a caracterização da cadeia produtiva local frente à reestruturação produtiva, da década de 1990 até o presente. O referencial teórico da pesquisa apoiou-se na perspectiva geográfica de formação sócio-espacial (M. Santos), nas reflexões sobre o desenvolvimento econômico brasileiro e mundial de I. Rangel e na obra de A. Mamigonian, que discute o dinamismo econômico do Brasil Meridional. A metodologia aplicada foi de ordem qualitativa, com o uso de fontes documentais, como revisão bibliográfica, levantamento e sistematização de dados e informações disponíveis em instituições diversas, como sindicatos, associações, IBGE, prefeitura, FIESC. A pesquisa empírica compreendeu a realização de entrevistas com roteiros semiestruturados, cujo universo englobou seis (6) facções do município de Ibirama. Ficou evidenciado o aumento do processo de subcontratação de facções na região do Alto Vale do Itajaí pelas micro, pequenas e médias empresas. Outro aspecto observado foi o fechamento de unidades da Hering nos municípios de Rodeio e Ibirama, fruto justamente do processo de reestruturação. Se a instalação da Hering em Ibirama e região impactou de forma positiva, resultando numa transferência geográfica de valor, o encerramento de suas atividades em 2016 evidenciou um impacto na vida de centenas de trabalhadores, que tiveram e continuam tendo de reestruturá-la.

Palavras-chave: Reestruturação Produtiva. Facções Têxteis. Ibirama (SC).

ARAÚJO, Jalmir César Gonçalves. **The restructuring productive and textile factions in Ibirama-SC.** 2016. 125 f.

ABSTRACT

It was observed in Brazil in the 1990s, the trade opening, which has brought about profound changes in the way of production and social organization of some industrial sectors. And therefore, the productive restructuring ocurred. This restructuring heavily impacted in some productive sectors, taking as an example the textile, which adopted measures such as the breaking of its vertical structure, outsourcing and subcontracting some of this operations related to sewing. The aim of this study was to analyze the impact of corporate restructuring in the textile sector and its determinants in the increase of textile companies in Ibirama-SC. Thus, there was a review of sociospatial formation of the city of Ibirama, from the beginning of its colonization and its socio-economic development; the characterization of the local production chain, compared to the restructuring process from the 1990s to the present. The theoretical framework of the research relied on the geographical perspective of sociospatial formation (M. Santos), the reflections on the Brazilian and world economic development (I. Rangel) and A. Mamigonian's works , which discusses the economic dynamism of Southern Brazil. The methodology was qualitative, with the use of documentary sources, such as literature review, collection and systematization of data and information available in various institutions (unions, associations, IBGE, city hall, FIESC). The empirical research included conducting semi-structured interviews and scripts. The research universe were six (6) factions in the city of Ibirama. It was evident the increase in subcontracting process in the region of Alto Vale do Itajai, the Micro, Small and Medium-sized enterprises, with the textile companies. Another aspect observed was the closure of units of Hering in the municipalities of Rodeio and Ibirama, a precisely consequence of the restructuring process. If the installation of Hering in Ibirama and region impacted positively, resulting in a geographical transfer of value, the closure of its activities in 2016 showed an impact on the lives of hundreds of workers who have had and will have to restructure their lives.

KEYWORDS: Productive Restructuring. Textile companies. Ibirama City (SC).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição relativa por faixa etária da população de Ibirama 29
Figura 2 - Mapas de localização do município de Ibirama..... 30
Figura 3 - Foto aérea do município de Ibirama (década de 1990)..... 31
Figura 4 - Delimitação em contorno da colônia Hansa-Hamônia 34
Figura 5 - Estação de trem em Hammonia (1940)..... 38
Figura 6 - Evolução demográfica geral da população de Ibirama- SC.....38
Figura 7 - Construção da sede da companhia Hering em Ibirama (1975)..... 44
Figura 8 - Facção de costura de malha 51
Figura 9 - Linha de produção numa empresa têxtil..... 55
Figura 10 - Uma das primeiras versões do símbolo da Hering 59
Figura 11 - Comportamento do emprego em SC..... 64
Figura 12 - Valor agregado por área no município de Ibirama 66
Figura 13 - Mapa de delimitação dos bairros de Ibirama, com o número de facções 68
Figura 14 - Modelo de ordem de serviço..... 87
Figura 15 - Carta da indústria têxtil companhia Hering, solicitando incentivos fiscais..... 92
Figura 16 - Receita e participação no mercado interno da Hering 95
Figura 17 – Mapa de cobertura do pólo têxtil e de confecção de Blumenau e região..... 96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Indústrias de Hammonia (1904 até 1922) 37
Quadro 2 - Maiores empresas catarinenses (1981)..... 62
Quadro 3 - Distribuição espacial por bairros das facções em Ibirama 67
Quadro 4 - Empresas pesquisadas 71
Quadro 5 - Empresas participantes da pesquisa - eixo 2 73
Quadro 6 - Empresas participantes da pesquisa - eixo 3 77
Quadro 7 - Empresas participantes da pesquisa - eixos 4 e 5..... 82
Quadro 8 - Mapa estrutural das sociedades capitalistas 104

LISTA DE ABREVIATURAS

ABVTEX – Associação Brasileira do Varejo Têxtil
AMAVI – Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí
CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CNAE – Cadastro Nacional de Atividades Econômicas
EPP – Empresa de Pequeno Porte
FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial
ITEP – Instituto de Estudos do Estado do Pará
ME – Microempresa
MEI – Microempreendedor Individual
MPMEs – Micro, Pequenas e Médias Empresas
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
PIB – Produto Interno Bruto
PMEs – Pequenas e Médias Empresas
RAIS – Relação Anual de Informações
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas
SECEX – Secretaria de Comércio Exterior
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SINDTÊXTIL – Sindicato Têxtil
SINTEX – Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau
TST – Tribunal Superior do Trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 23
2 REVISÃO DA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DE IBIRAMA 29
2.1 OS IMIGRANTES E A TERRA 31
2.2 AS ATIVIDADES ECONÔMICAS DE IBIRAMA 38
2.3 A INDÚSTRIA TÊXTIL NO VALE DO ITAJAÍ 40
2.4 A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA 47
3 PANORAMA DAS FACÇÕES TÊXTEIS EM IBIRAMA 53
3.1 A DINÂMICA DO TRABALHO 54
3.2 O TRABALHO FEMININO 57
3.3 A ESPACIALIDADE DA PRODUÇÃO 60
3.4 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS FACÇÕES EM IBIRAMA 65
4 ANÁLISE DA DINÂMICA DAS FACÇÕES TÊXTEIS EM IBIRAMA 89
4.1 O PROCESSO DE SUBCONTRATAÇÃO E AS FACÇÕES TÊXTEIS 95
4.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL 101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 107
REFERÊNCIAS 111
ANEXO A – FORMULÁRIO BASE DO ROTEIRO DE PESQUISA 117

1 INTRODUÇÃO

A formação sócio-espacial de Ibirama tem início com a ocupação da região do Alto Vale do Itajaí com imigrantes europeus em diferentes fases, imprimindo transformações socioeconômicas e espaciais, urbanas e rurais, relacionadas com o próprio desenvolvimento nacional.

A primeira metade do século XIX registra a vinda de belgas para áreas próximas à foz do rio Itajaí-Açu, onde já estava estabelecido pequeno contingente de origem lusa: vicentista e açórico-madeirense. Todavia, só na segunda metade do século XIX a região foi ocupada mais intensamente. A partir de 1850 iniciou-se a fixação de imigrantes de origem germânica (fundando Blumenau e Brusque, entre outros) principalmente no Baixo e Médio Vale. Mais tarde (1875) vieram imigrantes originários do território italiano e tirolês que fundaram núcleos coloniais dos quais se originaram muitos dos atuais municípios do Médio e Alto Vale. Após 1890 começaram a chegar russos, poloneses e húngaros, entre outros.

Essa forma de ocupação com imigrantes em pequenas propriedades com mão de obra familiar foi o resultado da política nacional que D.João VI empreendeu para a ocupação territorial do Brasil Meridional, principalmente em áreas de mata e de relevo acidentado. Esse processo de venda e regulamentação das terras do Alto Vale do Itajaí só seria implantado com sucesso quando entrou em cena a Sociedade Colonizadora Hanseática.

O povoamento com imigrantes em pequenas propriedades ao longo do Vale do Itajaí resultou na proliferação de diversificada pequena produção mercantil, origem de distintas atividades econômicas rurais e urbanas, entre as quais estava o setor têxtil. A expansão da indústria têxtil no Alto Vale, na segunda metade do século XX, e a reestruturação produtiva a partir da década de 1990 resultou em mudanças sócio-espaciais regionais e locais.

Atuante como professor de Sociologia efetivo na rede pública de Santa Catarina, fui atraído por alguns desses fatos a ponto de me entusiasmar e me convencer de que seria um bom tema de pesquisa.

Com população total de 17.330 habitantes conforme dados do IBGE (Censo 2010), Ibirama tem sua economia sustentada pelo setor têxtil, o maior empregador do município, do qual mantém grande dependência.

Em 2007, pesquisa da receita estadual de Santa Catarina identificou 184 estabelecimentos industriais em Ibirama, dos quais 91 de confecção de artigos de vestuário e acessórios, as denominadas facções. Não houve diferenciação entre confecção e facção têxtil. Constatou-se, no entanto, crescimento acentuado das chamadas facções no município,

sobretudo depois da década de 1990. Motivado por essas questões, preocupou-me a dependência que o município tinha desse setor têxtil, em face das reestruturações produtivas ocorrendo muito rapidamente no mercado mundial e nacional. O mercado local acaba sofrendo os efeitos dessas reestruturações. Muitas vezes, gestores públicos, empregadores e empregados não se dão conta daquilo que os atinge ou está na iminência de atingir. Realizar um estudo mais abrangente sobre o tema relacionado às facções têxteis em Ibirama constitui a base desta pesquisa. Para tanto, como principal questão-problema, destaca-se a seguinte pergunta: Em que medida se configura a relação entre a reestruturação produtiva, o aumento do número de facções e a reorganização social e espacial em Ibirama?

Para responder esse questionamento de pesquisa, foram elaboradas algumas perguntas de partida: 1- De que maneira ocorreu a gênese da formação sócio-espacial de Ibirama? 2 - Em que medida a presença de empresas da área têxtil como a Hering influenciou a dinâmica produtiva regional? 3 - Quais os impactos da reestruturação produtiva em Ibirama? 4 - Qual a dinâmica de funcionamento de uma facção têxtil? 5 - De que forma as facções têxteis exercem sua dinâmica na reorganização espacial e social do município de Ibirama?

Na intenção de responder essas questões de partida, elegeu-se como objetivo geral analisar os impactos da reestruturação produtiva no setor têxtil e o aumento das facções têxteis em Ibirama e sua influência no desenvolvimento do município.

Para melhor detalhar o estudo, destaco alguns objetivos específicos que conduzirão a pesquisa: revisar a gênese da formação sócio-espacial de Ibirama no século XIX; descrever a evolução socioeconômica de Ibirama ao longo do século XX; descrever como a Companhia Hering chegou a Ibirama e sua importância na geração de mão de obra e renda no município; analisar as facções têxteis e sua dinâmica organizacional; analisar a influência das facções têxteis no desenvolvimento local.

A estrutura da pesquisa está organizada em três seções. A Seção I, intitulado “Revisão da formação Sócio-Espacial de Ibirama”, inicialmente tratou da formação sócio-espacial de Ibirama e da reestruturação produtiva no setor têxtil.

Para analisar a gênese da formação e desenvolvimento das colônias em Hansa Hammonia e do resultante município de Ibirama nos finais do século XIX e ao longo do século XX, adotaremos como referencial teórico a categoria de análise de formação sócio-espacial.

É uma categoria Marxista que, segundo Santos (1977, p. 81), “diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com forças externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso”. E Milton Santos acrescenta:

> Daí a categoria de Formação Econômica e Social parecer-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais freqüentemente lhes provêm o impulso. A base mesma da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta. Deveríamos até perguntar se é possível falar de Formação Econômica e Social sem incluir a categoria do espaço (SANTOS, 1977, p. 10).

Na perspectiva da categoria de formação econômica e social, são levados em conta os aspectos relacionados ao modo de produção, formação social e espaço.

Para compreender a realidade sócio-espacial local, como resultante de processos históricos mundo-Brasil, utilizam-se os pressupostos de Rangel (2005), que analisa a formação social com base em combinações dos modos de produção existentes no Brasil, estabelecendo relações com o funcionamento cíclico do capitalismo mundial (ciclos de Kondratieff), com as grandes mudanças políticas (ocorridas no país durante as fases econômicas depressivas: independência, abolição/república, revolução de 30) e com a "industrialização via substituição escalonada das importações" (ROCHA, 2004, p. 18).

A perspectiva de Santos (1997) e Rangel (2005) é sintetizada nos trabalhos de Mamigonian para explicar o dinamismo econômico não-periférico e não-dependente do Brasil meridional. Ou seja, a vigorosa industrialização de Santa Catarina é analisada como resultante de uma formação social alicerçada na pequena produção mercantil (MAMIGONIAN, 1965).

A vinda de imigrantes, sobretudo alemães, que mais tarde fundariam cidades como Blumenau e Joinville, não foi ao acaso: uma série de fatores atuou para motivar esse deslocamento deles para o Brasil.

Esta análise pode ser sintetizada começando pela revolução industrial inglesa, influenciando não só a Europa, mas abrindo mercados por todo o mundo. Nesse cenário entra a Alemanha, que também teve seu desenvolvimento industrial, embora mais tardiamente, aproveitando os conhecimentos técnicos das revoluções inglesa e francesa e desestruturando a base social e econômica feudal.

Na primeira metade do séc. XIX o Brasil ainda mantinha um perfil de país exportador de alimentos e matérias-primas e contava com mão de obra baseada no regime de escravidão. Pressionado pela Inglaterra, o Brasil "abre mão parcialmente" desse regime de trabalho, abolindo a escravatura e ficando a carecer de mão de obra mais qualificada para atuar em máquinas vindas principalmente da Inglaterra para vários setores.

Entra em cena a imigração europeia para o Brasil em diferentes fases, sob diversas situações, trazendo imigrantes de diferentes regiões da Europa, com características

diferenciadas quanto à cultura e aos ofícios lá existentes. A literatura de apoio a este primeiro eixo apoia-se ainda em: Richter (1992), que destaca o papel das Companhias Colonizadoras; Wiese (2007), que resgata o perfil histórico da gênese da formação de Ibirama; e Renaux Hering (1985), que trata da colonização e do início da industrialização no Vale do Itajaí.

O segundo eixo temático da primeira seção vai tratar da reestruturação produtiva no setor têxtil. A análise começa reiterando a importância da polarização econômica exercida por Blumenau e Joinville na gênese do desenvolvimento da indústria têxtil em Santa Catarina e na região do Vale do Itajaí. Mamigonian (1965) traça um perfil do início da indústria em Blumenau com a pequena produção mercantil e conclui que o tipo de imigração e essa pequena produção propiciaram o nascimento de algumas fábricas e a ampliação da divisão social do trabalho. Parte dessa máxima se aplicaria também a outras áreas de Santa Catarina.

Goularti Filho (2007) afirma que a origem da indústria têxtil em Santa Catarina pode ser creditada ao espírito inovador de alguns empresários, mas sem esquecer outros fatores externos que beneficiaram o surgimento e a consolidação desse setor. E enumera alguns, como a queda das importações durante a primeira guerra mundial, o crescimento urbano, a política cambial, a queda das importações na 2ª Guerra mundial, como responsáveis pela consolidação do setor têxtil.

Retoma-se aqui o referencial explicativo de Ignácio Rangel: ciclos de Kondratiev, industrialização via substituição escalonada de importações. Quando o mercado interno recupera sua força, empresas fundadas em Santa Catarina, como Hering, Karsten, Artex e Teka começam a ganhar destaque nacional, vendendo camisas e meias para o eixo Rio-São Paulo.

Convém ainda destacar a seguinte literatura: Raulino (2010), que analisa aspectos da crise e a reestruturação das empresas têxteis no Médio Vale do Itajaí; e Luclktenberg (2004), que analisa a Cia Hering em sua reestruturação produtiva e administrativa, sobretudo após a abertura comercial na década de 1990. Assim como outros setores da economia catarinense, o setor têxtil foi impactado pelas políticas de âmbito mundial e nacional.

A indústria têxtil entrou nos anos 1960 como uma das principais atividades econômicas do Estado. No período de 1960 a 1970, mais uma vez o consumo interno estimulou a produção verticalizada: em torno de 68 % da produção de têxteis em Santa Catarina eram concentrados em grandes empresas, que empregavam em média mais de mil trabalhadores.

Na década de 1970, a região do Vale do Itajaí concentrava elevado índice de exportações. Para ilustrar o poderio da então companhia Hering, em 1981 seu quadro

funcional registrava 11.227 trabalhadores. Não se deve olvidar, no entanto, que a década de 1970 foi política e economicamente conturbada em nível mundial, com a crise do petróleo, enquanto o Brasil, vivendo um regime ditatorial, executava planos de desenvolvimento com empréstimos, gerando uma crescente dívida externa.

Na década de 1980 as empresas do setor têxtil já começavam a sentir necessidade de modernizar seus parques fabris. Na década de 1990 o setor foi forçado a engendrar uma reestruturação produtiva. Nos anos anteriores à década de 1990, apesar de algumas retrações, o setor têxtil era amparado por certa proteção comercial. A abertura econômica iniciada pelo então presidente Collor de Melo obrigou a indústria brasileira a competir com produtos estrangeiros mais baratos, sobretudo asiáticos, que inundavam nosso país beneficiados com menores alíquotas de importação.

Um dos setores mais prejudicados foi o têxtil. Em seis anos (1992 a 1998), nossas exportações caíram 11 %. Santos (1991) enfatiza que a partir da globalização surge um "mercado hierarquizado e articulado pelas firmas hegemônicas, nacionais e estrangeiras que comandam o território com apoio do Estado" (SANTOS, 1991, p. 13).

Diante de tal cenário, quando a palavra globalização começa a fazer sentido, vários setores econômicos e muitos países tiveram de reordenar suas políticas econômicas e cambiais.

A partir de 1994, a reestruturação produtiva contou com vultosos investimentos em modernização tecnológica. A guerra fiscal também estava em marcha.

Empresas deslocavam seus parques fabris para onde houvesse maior incentivo dos estados. De Ibirama, na década de 1990, a Hering transferiu parte de suas atividades para Goiás, assinalando o início do processo de sua reestruturação produtiva.

Fortemente verticalizada até então, a Hering havia transferido para pequenos fornecedores a área de fiação, terceirizando em seguida mais da metade das atividades de costura e acabamento. Quem sentiu também os efeitos dessa reestruturação foram os trabalhadores. Se por um lado houve quebra da verticalização dos grandes parques industriais, por outro, criaram-se novas oportunidades em pequenas empresas do ramo têxtil, chamadas de “facções”, que serão analisadas na terceira seção da pesquisa.

Essa reestruturação, que chega em âmbito global e acaba reestruturando o “lugar”, constitui-se numa saída diante das condições em que a realidade econômica se apresenta. Essa quebra da verticalização, esse rearranjo produtivo traz consigo novas formas de relações sociais e hierárquicas. Transforma o que seria a casa – o ambiente familiar – num espaço também de produção. Muitos empregados se transformaram em patrões, e as relações de

parentesco são também de divisão social do trabalho. Talvez seja temerosa tal concentração industrial no município de Ibirama e região, sobretudo no setor têxtil. Mas são casos a serem estudados em maior profundidade, e por isso se configura numa das razões – ou a principal razão – de nossa pesquisa: a proliferação das facções têxteis.

A Seção II, intitulado "Panorama das facções Têxteis em Ibirama", está organizado principalmente em torno da pesquisa empírica sobre as facções têxteis locais. Depois de contextualizar o cenário de transformação do trabalho, com literatura apoiada em: Durkheim (2004), na divisão social do trabalho; Marx (1985), sobre a indústria domiciliar; Weber (1992), com o estudo da racionalização da produção e o aspecto cultural na determinação da escolha de espaços de produção; e Moser (1985), destacando a importância do trabalho feminino na região do Vale do Itajaí, entre outros autores e fontes, foram feitas as pesquisas de campo. A análise das facções do município de Ibirama contou com informações levantadas por meio de entrevistas. Na medida em que foi definida a base da bibliografia que iria nortear o trabalho de pesquisa, foi possível ir a campo em busca dos dados referentes às facções em Ibirama.

É desafiador fazer pesquisa qualitativa dentro das chamadas ciências sociais, pela sua complexidade em relação ao objeto, que não é tão transparente nem tão exata como pesquisa em outras áreas do conhecimento.

Para Minayo: "A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado" (MINAYO, 1994, p.123).

Nesse sentido, uma boa revisão da literatura é imprescindível à pesquisa de campo, assim como de igual importância será a escolha dos procedimentos de pesquisa, na tentativa de revelar com a máxima precisão possível as perguntas da pesquisa a serem respondidas.

Intitulado "Análise da Dinâmica das Facções têxteis em Ibirama", a Seção III será destinado à análise das seções I e II. Será analítico na medida em que informações e dados serão confrontados, objetivando chegar a conclusões. É a parte da compreensão dos dados, confirmação ou não dos pressupostos e possíveis relevâncias. Para compreender os processos de terceirização e subcontratação, com seus efeitos na dinâmica local e regional, a análise teve por base as obras de Harvey (1992), no processo de compreensão da acumulação flexível; de Goularti Filho (2002), no estudo dos efeitos da abertura comercial nas exportações das empresas de Santa Catarina; de Holmes (1986), que esclarece algumas hipóteses para a subcontratação. E ainda outros autores que auxiliaram na compreensão da pesquisa.

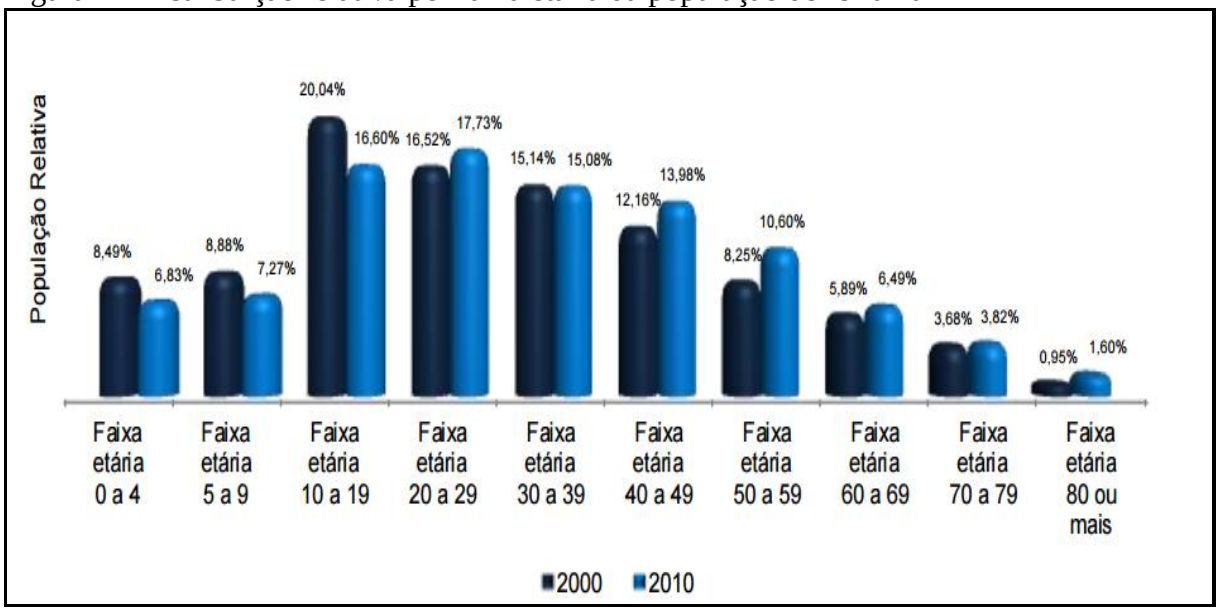
2 REVISÃO DA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DE IBIRAMA

Ibirama é um município de Santa Catarina, pertencente à região denominada Alto Vale do Itajaí. O nome Alto Vale se deve à altitude média da região, de 500 metros acima do nível do mar; do Itajaí, por considerar os rios Itajaí do Sul, Itajaí do Oeste, Itajaí do Norte ou rio Hercílio, como base para designar uma bacia hidrográfica que representou um meio de orientação e transporte para o estabelecimento das primeiras bases da imigração europeia e a fixação de futuras cidades em seu entorno.

Pelo Decreto-lei Estadual nº 941, de 31-12-1943, o município de Hamônia passou a denominar-se Ibirama, e o distrito de Getúlio Vargas a denominar-se Presidente Getúlio. Ibirama é um termo indígena que significa: Ibi-terra, Rama-abundância, ou seja, terra da fartura, terra da abundância.

Ibirama conta com uma população de 17.330 habitantes, conforme o censo IBGE de 2010. Com área de 247,348 km ², sua densidade demográfica é de 70,06 habitantes por km². Hoje o município pode ser classificado como um "município letárgico" no que se refere ao crescimento demográfico. Ou seja, perde relativamente sua população jovem para outros centros urbanos, mantendo a média de crescimento demográfico estadual. Na Figura 1, a concentração populacional por faixa etária.

Figura 1 - Distribuição relativa por faixa etária da população de Ibirama

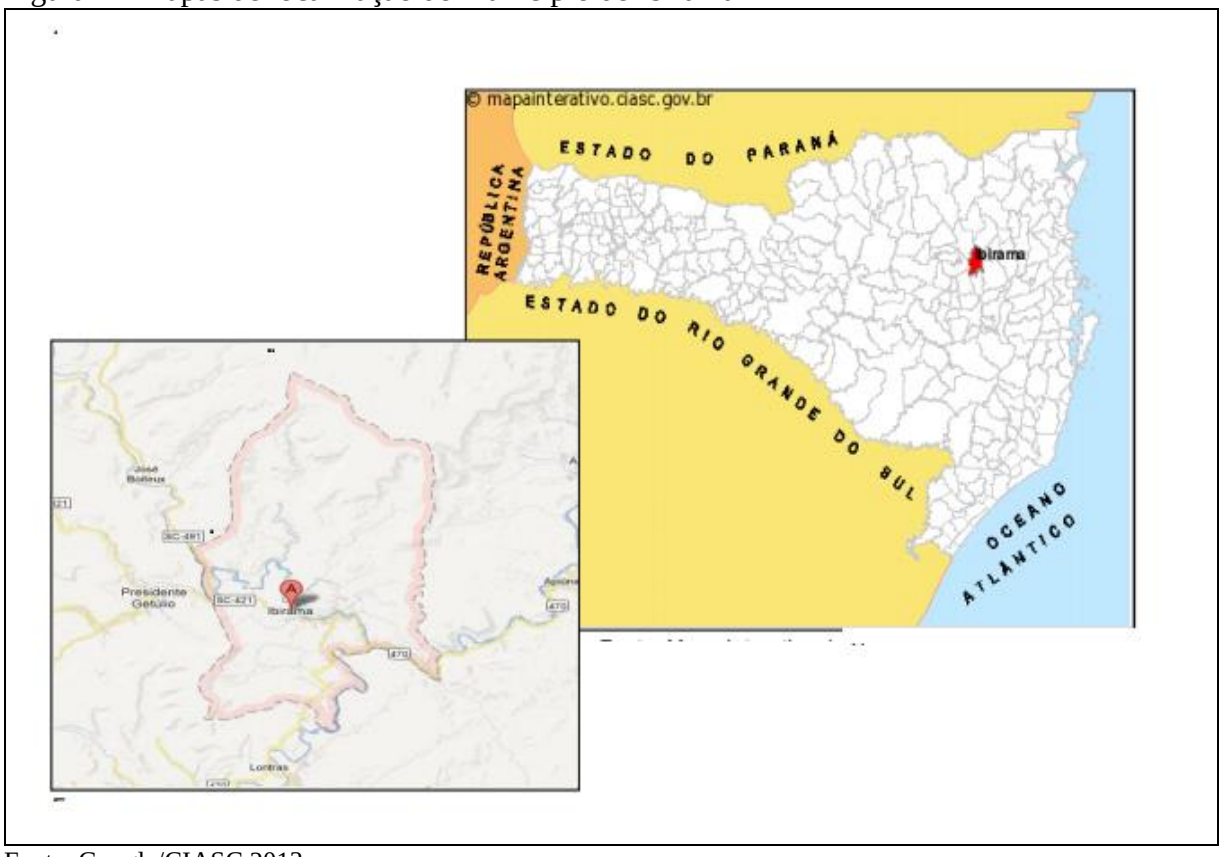


Fonte: SEBRAE-SC, com base em dados do IBGE, 2000 e 2010.

Crescem paulatinamente os índices de evasão de jovens em direção a outras cidades, como Rio do Sul e Blumenau. São jovens de áreas rurais que não permanecem no campo, nas pequenas propriedades agrícolas, mas também jovens das áreas urbanas, que saem da cidade em busca de melhores opções de estudo e trabalho. Esse número crescente de evasão de jovens pode ser explicado pela presença de um Centro da UDESC (CEAVI), do IFC e de empreendimentos como a Usina Salto Pilão no município. Porém, o domicílio desses jovens é sazonal, na medida em que o período de permanência na cidade coincide com a duração de seus cursos de graduação.

Ibirama apresenta um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,737, alcançado no ano 2010, o que coloca o município na 38º posição, em comparação com os outros 293 municípios catarinenses. Na Figura 2, a localização do município em dois planos: no primeiro, a dimensão espacial do município, e no segundo mapa, a localização de Ibirama dentro do Estado de Santa Catarina, na posição meio-norte.

Figura 2 - Mapas de localização do município de Ibirama



Fonte: Google/CIASC 2013.

Logo abaixo (figura 3), uma foto aérea da cidade de Ibirama, tendo como destaques em primeiro plano a Igreja Evangélica Martin Luther, de estilo gótico, inaugurada em 12 de

maio de 1929, representando a fé cristã trazida pelos imigrantes; e a ponte sobre o rio Itajaí do Norte ou rio Hercílio, que liga o bairro Bela Vista ao centro. Em segundo plano, observa-se o processo de ocupação e urbanização, às margens do rio Hercílio. Mais ao fundo, detalhes do início da Serra Mirador, um dos pontos mais altos do município e da região.

Figura 3 - Foto aérea do município de Ibirama (Década de 1990)

Fonte**:** Arquivo Histórico de Ibirama - SC.

2.1 OS IMIGRANTES E A TERRA

Para estudar o desenvolvimento regional do Alto Vale do Itajaí, mormente o município de Ibirama, é necessário atentar para a sua formação territorial e constituição social e econômica.

A formação sócio-espacial como paradigma fundamental para estudar as dinâmicas regionais em Santa Catarina, com base nas relações de processo/resultado, forma/função, passado/futuro (SANTOS, 1999), torna-se uma perspectiva plena quando relacionada com o pensamento do desenvolvimento econômico do Brasil/Mundo de Rangel (2005) e Mamigonian (1999).

Na Europa estava em curso a primeira Revolução Industrial (séculos XVIII - XIX), que não só alterava os ritmos da produção, antes artesanal, mas iria alterar de forma intensa as

relações econômicas e sociais dos países e de seus habitantes. Por questões econômicas e estruturais, países como Inglaterra e França partem na frente no processo de industrialização e desenvolvimento tecnológico. O estágio de desenvolvimento industrial da Inglaterra deve-se muito à "revolução agrícola, que a precedeu" (NIVEAU, 1969).

A Alemanha só consegue seu desenvolvimento industrial mais tarde, no século XIX, quando alguns países já estariam num segundo estágio da revolução industrial. Dominada por questões territoriais, conflitos e guerras, a Alemanha consegue finalmente, na segunda metade século XIX, voltar suas ações para o processo de industrialização. NIVEAU destaca ainda o papel dos *Zolverein* (união aduaneira), no desenvolvimento da indústria alemã. Essas zonas de livre circulação de pessoas, em conjunto com tecnologias adotadas nos países vizinhos, como Inglaterra e França, alavancaram o desenvolvimento industrial da Alemanha. A disposição de mão de obra e de matéria–prima, como o carvão para gerar energia, também ajudaram no desenvolvimento da indústria alemã.

Porém, esse processo fez com que muitos artesãos e camponeses, que ficaram à sua margem, se tornassem mão de obra excedente na Alemanha da época. É evidente que houve outros fatores a influenciar a vinda de imigrantes alemães. Fatores de ordem territorial do governo brasileiro, pois Dom João VI queria "colonizar" alguns vazios demográficos; de ordem econômica, sobretudo no final do século XIX, logo após a abolição da escravatura; questão cultural ligada ao processo de ter mão de obra branca e especializada. Desde 1824, quando vieram os primeiros imigrantes para o Brasil, que se fixaram em Nova Friburgo (RJ), até início do século XX, várias foram as etapas do desembarque de europeus no Brasil.

A Sociedade Colonizadora Hanseática[1], fundada em 30 de março de 1897 em Hamburgo (Alemanha), veio substituir a antiga Sociedade Colonizadora Hamburguesa, e teria como objetivo principal colonizar as terras nos vales do rio Itajaí do Norte e rio Itapocu, na região norte de Santa Catarina.

Alfred Wilhelm Sellin foi contratado para conduzir o processo de colonização dessas áreas. Em 21 de agosto de 1897, Sellin dirigiu requerimento ao governador de Santa Catarina, Hercílio Pedro da Luz, pedindo que fosse reconhecido o contrato assinado em 28 de maio de 1849, com a então Sociedade Hamburguesa, para que os trabalhos na região do vale do Itajaí do Norte pudessem ser iniciados, já que a então Sociedade Colonizadora seria a sua sucessora por direito.

---

[1] O termo Hanseática provém da antiga palavra alemã Hansa, que significa corporação ou sociedade, ou acordo comercial.

Como consequência, as terras foram divididas em quatro distritos. O distrito Itajaí-Hercílio era o maior e mais importante, no então município de Blumenau (compreendendo hoje os municípios de Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vitor Meireles). Desde sua fundação (1897) até 1931, a Sociedade Colonizadora Hanseática vendeu cerca de 1701 colônias, que eram propriedades rurais, e 330 propriedades urbanas. Foram construídos cerca de 300 km de estradas.

A terra era adquirida em forma de lotes que custavam 28, 36, ou 44 mil réis por hectare, de acordo com a qualidade do solo. A grande maioria dos imigrantes não dispunha de recursos para o pagamento a vista. Como explica Richter: "Tinham que efetuar o pagamento do total dentro de 7 anos, iniciando com o pagamento em parcelas depois do segundo ano e saldando daí em diante 1/5 de sua dívida anualmente. A partir do terceiro ano seriam cobrados juros de 6%" (RICHTER, 1992, p. 74).

O povoamento e a distribuição de terras na região do Vale do Itajaí seguiram um modelo adotado da Alemanha, chamado Waldhufendorf.

Renaux-Hering escreveu:

> O Waldhufendorf, característico da Floresta Negra, Odenwald leste do Mittelgebirge e das Florestas das terras baixas do Norte da Alemanha, consiste na distribuição de lotes contínuos – Hufen – às famílias camponesas. A hufe era demarcada a partir de uma via fluvial, indo do Vale até o topo de uma montanha, em estreitas faixas de terras que variavam de 100 a 300 metros de largura por um ou mais quilômetros de extensão, constituindo a propriedade particular do camponês (RENAUX-HERING, 1987, p. 39).

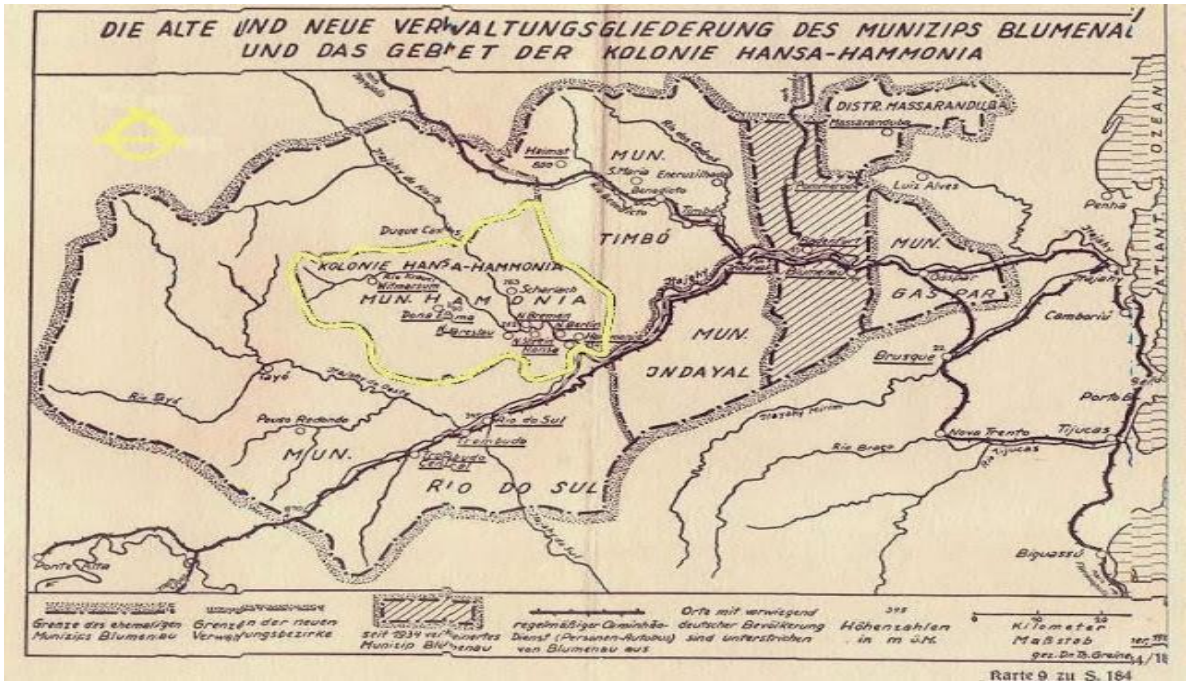
Outro aspecto a ser lembrado, tomando por base esses detalhes, foi a referência do rio e de ribeirões, como ponto paralelo de partida para demarcar as áreas de povoamento. A partir desses rios e margens, vários povoados se desenvolveram.

As dificuldades dos imigrantes que chegavam a Hammônia eram imensas nos primeiros tempos do século XX. Além da viagem oceânica demorada, tinham de lidar com a diferença climática, a umidade, o calor, os animais ferozes. A floresta subtropical que cobria toda essa área teve de ser vencida pelo imigrante. O esforço e o risco para tal conquista, evidentemente, também não foram pequenos. Além desses aspectos que eram tão estranhos ao imigrante europeu, acrescentou-se o temor dos índios, que, a bem da verdade, já habitavam estas terras. Floresta por desbravar e esses ditos "selvagens" representaram uma ameaça ao processo de colonização e expansão das colônias.

A seguir, mapa antigo (Figura 4) destacando a colônia Hansa Hamônia[2]

[2] Também disponível em: < http://angelinawittmann.blogspot.com.br/2013/11/jose-deeke.html>.

Figura 4 - Delimitação em contorno da colônia Hansa-Hamônia, cerca de 600 hectares, na bacia do rio Hercílio



Fonte: Arquivo Histórico de Ibirama.

O confronto entre imigrantes e indígenas foi inevitável, e vários foram os relatos desses encontros, geralmente sanguinários.

Para o imigrante, o indígena representava o povo que poderia colocar sua segurança e a posse de novas terras em risco; para o povo indígena, o imigrante, o povo branco, representava uma ameaça à sua sobrevivência, aos seus territórios de moradia, caça e pesca.

Se, de um lado, havia pessoas que combatiam a população indígena (os denominados bugreiros), de outro lado, havia um movimento denominado Liga Patriótica pregando o respeito à terra e a quem as habitava: os índios.

A situação permanecia muito tensa e somente em setembro de 1914 houve um contato pacífico entre os chamados Botucudos e os brancos, sob o comando de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, no Posto de Atração do rio Platê. Depois desse encontro, os indígenas foram aldeados na então reserva Duque de Caxias, hoje chamada de Terra Indígena Ibirama La Klãnõ, pertencente ao município de José Boiteux).

O aldeamento trouxe uma trégua ao conflito armado, mas a delimitação das terras gerou muitos problemas, sobretudo depois da construção da Barragem Norte, na segunda metade do século XX. Cabe lembrar a presença dos cafuzos no processo de formação-oposição interétnicas durante esse processo. Com a instalação da Barragem Norte, houve

também um prejuízo considerável para a comunidade cafuza, pois a área que lhes fora determinada, próximo ao Ribeirão Platê, foi reduzida praticamente pela metade, com o represamento do Rio Itajaí do Norte. Seria preciso achar uma nova área para eles, como esclarece Martins (1995):

> Da condição de isolamento anterior, das categorias de identificação disponíveis no novo ambiente e da condição de miscigenação predominante no grupo (negro x índio), nasce uma nova identidade que vai balizar o modo de vida dos cafuzos, a relação com os diversos grupos indígenas e com a sociedade regional, e orientar a organização da luta por uma reserva própria, quando a construção de uma barragem desaloja os habitantes daquela reserva (MARTINS, 1995, posfácio da obra Anjos de Cara Suja).

A luta por uma nova área que pudesse abrigar a comunidade cafuza foi intensa, como destaca o professor Pedro Martins. Mais tarde iriam ser deslocados para uma nova área, localizada às margens do Rio Laeisz.

O dia 08 de novembro de 1897 é considerada a data oficial da fundação da colônia alemã de Hammonia[3], por coincidir com o dia em que o diretor da Sociedade Colonizadora, Alfred Wilhelm Sellin, e o Engenheiro Emil Odebrecht e comitiva chegaram à barra do rio Taquaras, onde hoje está situada a prefeitura de Ibirama. Depois disso, a comitiva seguiu rio acima, em suas canoas, nomeando os afluentes do rio Itajaí, como esclarece Wiese:

> Em 11 de Novembro, a comitiva chega a um lugar que deram o nome de Neu-Bremen, hoje Dalbérgia, Ali Sellin denominou o Rio Itajaí do norte com o nome de Rio Hercílio, em Homenagem ao Governador de Santa Catarina, Hercílio Pedro da Luz. Nos dias seguintes, a comitiva continuou viagem [...] Assim um afluente da margem esquerda do Rio Hercílio foi denominado de Rio Scharlach, em homenagem ao Dr. Julius Scharlach, advogado e presidente do Conselho Fiscal da Sociedade Colonizadora. Outro afluente da margem esquerda foi chamado de Rio Laeisz, em homenagem ao Conselheiro Carl Ferdinand Laeisz, Presidente da Câmara de Comércio de Hamburgo; o Rio Plate, margem esquerda do Hercílio, em homenagem ao Conselheiro Geo Plate; Rio Wiegand, da mesma margem, em tributo ao Dr. Heinrich Wiegand, Diretor da empresa de navegação *Norddeuscher Lloyd* e dos fundadores da Colonizadora Hanseática. Na margem direita do Rio Hercílio, foram encontrados e batizados os rios Dolmann, em homenagem a Carl Paul Dollmann, Cônsul da Alemanha, comerciante em Hamburgo e antigo diretor da Sociedade Colonizadora, e o rio Denecke, em homenagem ao Dr. Denecke, físico em Hamburgo (WIESE, 2007, p. 42).

Mapeado o território de Hammonia, era preciso construir os acessos a essa nova colônia. Surgiram alguns problemas. O rio Itajaí dificultava a navegação em áreas próximas ao que hoje se chama Morro Pelado. O acesso pelo Ribeirão do Cocho foi a primeira alternativa, passando pelo ribeirão Taquaras até chegar a Hammonia. Porém, o trecho era muito íngreme, tanto de subida quanto de descida. O acesso pelo norte foi cogitado

[3] Hammonia era a denominação antiga da cidade de Hamburgo, na Alemanha.

(Joinville), mas disputas por limites entre Santa Catarina e o Paraná impediram que a obra fosse concretizada. Importante notar que a expansão da Colônia levou em conta a referência dos rios na organização de seus lotes devido à fertilidade das terras e o acesso às estradas.

Em 1899 a primeira estrada foi concluída, com 13 km de extensão, da desembocadura do Ribeirão do Cocho, passando pelo Ribeirão Taquaras até chegar a Hammonia. Em abril de 1898 foi iniciada a construção do rancho dos imigrantes, que serviria como abrigo para as famílias que viessem para a colônia Hansa. Era uma construção imensa, de aproximadamente 90 metros de comprimento. Em julho de 1899 chegou o primeiro imigrante para a colônia Hammonia: Willy Lüderwald, com 37 anos, sua jovem esposa Magdalena Lüderwald, de 23 anos, e sua menina de dois anos. Willy Lüderwald recebeu o título de "O Pioneiro".

Conforme Wiese (2007), depois de adquirir seus lotes à companhia colonizadora, os imigrantes começavam a desenvolver o plantio para o seu sustento, fazendo cada família a sua roça. Alguns imigrantes utilizavam o rancho do imigrante como abrigo, enquanto não construíam sua morada. De 1899 até 1907, a colônia contava com cerca de 1610 habitantes, dos quais 1128 eram luteranos e 482 eram católicos. Na medida em que a Sociedade Colonizadora começou a trabalhar com os teuto-brasileiros, Hammonia começou a desenvolver-se mais rapidamente, já que muitos tinham um ofício, como sapateiros, alfaiates, pedreiros, carpinteiros. Começam a surgir as pequenas propriedades, com foco na subsistência da família e da colônia. Porém, com a nova leva de imigrantes somados aos chamados teuto-brasileiros, nota-se um aumento de mão de obra mais especializada, já que muitos imigrantes com instrução técnica acabaram montando pequenos negócios na colônia recém-criada.

Se o ramo têxtil era destaque em Santa Catarina, capitaneado pela polaridade Blumenau-Brusque, a partir de 1914 ocorre a diversificação em vários setores da economia local e regional, com destaque para o setor de alimentos, beneficiamento de arroz e laticínios.

A seguir, o Quadro 1 mostra as indústrias de Hammonia até o ano de 1922, conforme Richter.

Quadro 1 - Indústrias de Hammonia (1904 até 1922)

INDÚSTRIA	NÚMERO
Engenhos de açúcar	10
Engenhos de serra	23
Engenhos de fubá	10
Engenhos de farinha	6
Olarias	11
Padarias	3
Fábrica de caixinhas	1
Fábrica de laticínios	4
Cervejarias	2
Açougues	10
Fábrica de limonada	1
Funilarias	4
Ferrarias	7
Marcenarias	8
Fábricas de cigarros	2

Fonte: Richter (1992, p. 68).

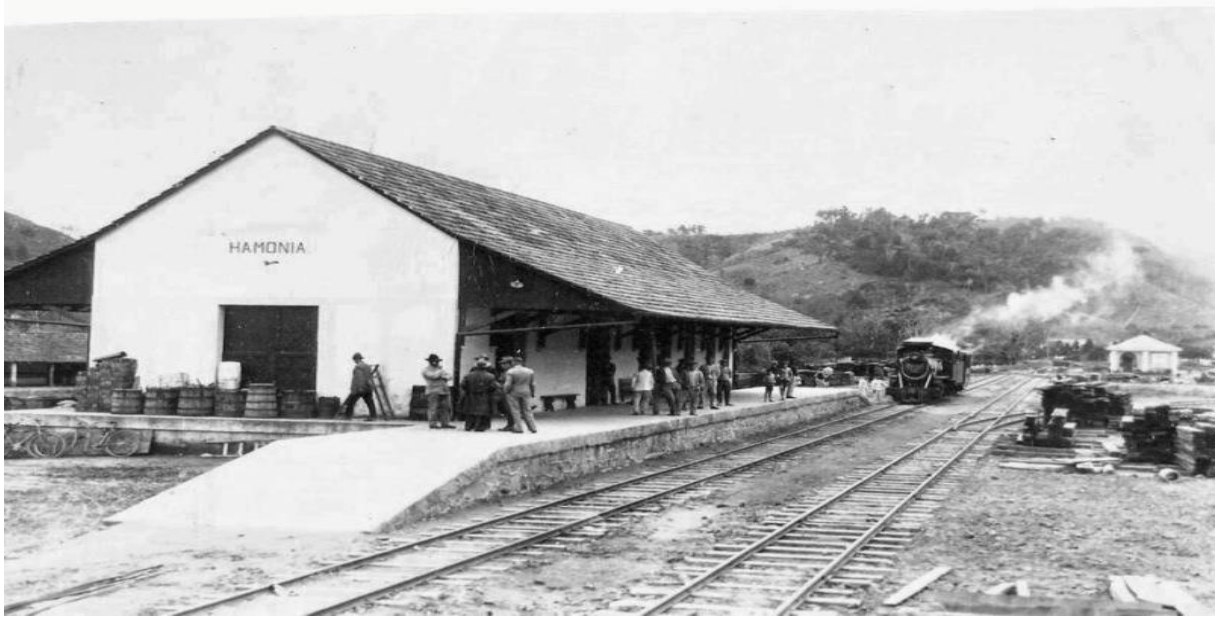
A abundância de madeira nas matas do Alto Vale do Itajaí impulsionou a economia regional paralelamente ao desenvolvimento da pequena produção mercantil, como os pequenos artesanatos, de alimentos (conservas), de oficinas mecânicas, de frigoríficos, entre outros produtos e serviços para o mercado de consumo local.

Nos primeiros tempos no Alto Vale do Itajaí, as serrarias eram movidas com força manual. Conforme o historiador regional Wiese (2007): “Como este trabalho era lento e pesado, logo surgiram serrarias movidas a água. A matéria-prima era de ótima qualidade, como canelas, cedros, ipês, entre outras espécies”. As serrarias, que em sua maioria eram instaladas perto de rios ou pequenos cursos de água, foram de fundamental importância na construção das casas dos imigrantes que, no início, eram bem rústicas, mas com a instalação dessas serrarias já era possível serrar tábuas e alinhamentos que deram outro visual às residências. Surgem as fábricas de móveis. Assim como foi o processo da pequena produção para a subsistência com relação a outras atividades, como a produção de alimentos, a

produção de madeira começou a alcançar um excedente que mais tarde seria vendido para outras colônias e até exportado.

Nesse período cabe destaque à construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, iniciada em 1908, com objetivo de promover o desenvolvimento de Blumenau e sua ligação com outras colônias do Vale do Itajaí, entre elas Hammonia. A ferrovia transportava cargas e passageiros entre as colônias e representou um meio de escoar a produção, principalmente de madeira, até Blumenau, e posteriormente até o porto de Itajaí. Na Figura 5, abaixo, foto da antiga estação de trem de Hammonia.

Figura 5 - Estação de trem em Hammonia (1940)



Fonte: Arquivo Histórico de Ibirama-SC.

A última viagem do trem nessa ferrovia foi no dia 12 de março de 1971. Mesmo com a preocupação do governo federal em atualizar o sistema ferroviário nacional, os novos tempos ditados pelo mercado internacional, sobretudo das indústrias estrangeiras de automóveis, consolidou-se no país uma política de transportes voltada para a expansão rodoviária, em detrimento da ferroviária.

2.2 PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS DE IBIRAMA

A extração e o beneficiamento de madeira e a agricultura familiar eram as principais atividades econômicas do município de Ibirama até a década de 1970. A partir daí houve diversificação e ordenamento de outras atividades econômicas e industriais. Surgiam indústrias ligadas ao beneficiamento da fécula, metalurgia e têxtil.

Na década de 1980 a base econômica segue sustentada por essas indústrias, com um incremento do comércio que visava atender sobretudo agricultores, que realizavam suas safras de fumo, arroz, milho, feijão e mandioca.

A partir da década de 1990, o cenário muda radicalmente. Até o ano de 1989 a área territorial de Ibirama era de 1.023,09 km². Com a emancipação política de José Boiteux e Vitor Meireles, essa área territorial caiu para 247,348 km². Essa redução significativa de seu território evidenciou também uma inversão econômica e demográfica singular. Na Figura 6, o quadro demográfico mostra alguns dados referentes à evolução da população de Ibirama da década de 1970 até o ano de 2010.

Figura 6 - Evolução demográfica geral da população de Ibirama - SC

Tabela 200 - População residente por sexo, situação e grupos de idade - Amostra - Características Gerais da População					
Município = Ibirama - SC					
Variável = População residente (Pessoas)					
Sexo = Total					
Grupos de idade = Total					
Situação do domicílio	Ano				
	1970	1980	1991	2000	2010
Total	21.008	23.529	13.773	15.802	17.330
Urbana	4.186	8.256	9.657	13.115	14.813
Rural	16.822	15.273	4.116	2.687	2.517

Fonte IBGE/ Censo: Demográfico/ Quadro elaborado.

Nas décadas de 1970-980, quando Ibirama ainda agregava as áreas dos atuais municípios de José Boiteux e Vitor Meireles, sua população rural era próxima de 80%. A economia estava centrada na agricultura (fumicultura) e no setor madeireiro. A partir da década de 1990, quando José Boiteux e Vitor Meireles se emancipam politicamente, verificamos a redução drástica de sua área territorial e uma inversão demográfica radical. Além da diminuição da população total, nota-se a inversão da população rural-urbana, urbana-rural. O que antes era predominantemente rural torna-se, a partir da década de 1990, uma população majoritariamente urbana. A taxa atual de urbanização do município de Ibirama é de 84,1 % (IBGE – 2010). Oportuno salientar que somada a essa inversão demográfica ocorre a diversificação econômica no município.

Com a diminuição da área agrícola plantada, ganha destaque a agricultura familiar. Os principais produtos, por ordem de área cultivada, são: milho, fumo, aipim, arroz, cana-de-açúcar, feijão, tangerina, laranja e cebola.

O desenvolvimento da pecuária também segue os moldes da agricultura familiar, com destaque para os rebanhos de bovinos, suínos e aves. A piscicultura é uma atividade que vem ganhando espaço em Ibirama e no Alto Vale. Hoje há em Ibirama 10 empreendimentos de Pesque-pague (EPAGRI).

O turismo de aventura é atividade econômica também presente no município, porquanto, conforme a EMBRATUR, o Alto Vale do Itajaí é um polo de ecoturismo. Atividades ligadas aos atrativos naturais da região privilegiam Ibirama como um dos municípios destacados para a prática de *rafting* nos rios Itajaí-Açu e Itajaí do Norte.

O setor de serviços passou a contribuir com parcela considerável ao PIB do município com a geração de energia elétrica, com três empresas instaladas em seu território. Duas Usinas Hidrelétricas de Energia e uma Pequena Central Hidrelétrica.

A maior parte das indústrias do município é constituída de pequenas e microempresas, das quais a grande maioria está ligada à confecção de artigos de vestuário e acessórios. Conforme dados da Secretaria da Fazenda Estadual, em 2007 foram identificadas 184 unidades industriais em Ibirama, das quais 91 estavam ligadas ao setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios. Mesmo não sendo o setor que mais contribui para a composição direta do PIB do município, é o setor que mais emprega. Diante disso, importante contribuir, através deste estudo sobre a situação do segmento em nosso município, demonstrando de que forma tal atividade ganhou tamanha importância.

2.3 A INDÚSTRIA TÊXTIL NO VALE DO ITAJAÍ

O início do processo de instalação de indústrias, sobretudo a têxtil no Vale do Itajaí, foi influenciada pelo contexto econômico nas escalas mundial, nacional e estadual. A vinda de imigrantes, sobretudo germânicos, que mais tarde fundariam cidades como Blumenau e Joinville, não foi por acaso. Uma série de fatores atuou sobremaneira na migração para as Américas, dentre os quais o encaminhamento da industrialização e a desestruturação feudal.

A nossa análise começa reiterando a importância da polarização econômica exercida por Blumenau e Joinville. Sobre Blumenau, Mamigonian (1965) traça um perfil da gênese de sua industrialização, a partir da presença de diversificada pequena produção mercantil urbana e rural. O autor conclui que o tipo de imigração efetuada em áreas de mata do Sul do Brasil, com o desenvolvimento de pequena produção mercantil, propiciou o nascimento de empreendimentos industriais e comerciais, além da ampliação da divisão social do trabalho.

Merece destaque também o então município de Brusque, igualmente pesquisado pelo autor (MAMIGONIAN, 1960).

Para estudar a Indústria Têxtil aqui no Alto Vale, é preciso contextualizar seu surgimento e sua dinâmica, levando em conta o processo de formação econômica e social em todo o Vale do Itajaí, em relação ao Brasil e ao contexto mundial.

Há várias obras científicas sobre esse tema, com concordâncias e divergências, envolvendo a gênese da indústria têxtil em Santa Catarina, em especial no Vale do Itajaí.

Alguns autores atribuem o surgimento e dinamismo do setor têxtil em Santa Catarina, no Vale do Itajaí, ao caráter pioneiro e empreendedor de figuras como os membros da família Hering e Renaux, numa visão schumpeteriana, afirmada por Renaux-Hering:

> Ao terminar a fase de formação e consolidação da indústria têxtil no Vale do Itajaí, compreendida entre os anos de 1880 e 1914, algumas considerações precisam ser feitas em função das hipóteses inicialmente lançadas. O desenvolvimento econômico do Vale do Itajaí obedeceu a uma dinâmica interna própria, entendida basicamente como a industrialização determinada por mercado e recursos gerados dentro da economia regional, tendo como peça-chave no processo a tradição da mão-de-obra européia e a liderança de empreendedores de mentalidade industrial (RENAUX-HERING, 1987, p. 180).

Outros autores discordam e/ou complementam essa visão de desenvolvimento da indústria catarinense, sobretudo a têxtil, como Goularti Filho, que no seu livro *Formação Econômica de Santa Catarina* (2002), ensina que o surgimento da indústria têxtil obedeceria a outra ordem, que ele chamou de "crescimento articulado". Para ele, o desenvolvimento catarinense seria um movimento único decorrente de suas próprias características espaciais e sociais, embora articulado à economia nacional. Dessa forma, ele corrobora a ideia institucionalista de não relegar somente a fatores externos as causas do desenvolvimento econômico.

Para Mamigonian (1965), o tipo de imigração, a presença da pequena produção mercantil aliada à dinâmica sócio-espacial propiciou o nascimento de indústrias e a ampliação da divisão social do trabalho, favorecendo a formação de um mercado de consumo. Parte do excedente permaneceu em Blumenau e foi repartido entre pequenos industriais e pequenos comerciantes, possibilitando a constituição de uma base financeira indispensável ao movimento de industrialização. O surgimento de vários pequenos comerciantes e industriais nas zonas de colonização europeia engendrou uma acumulação pulverizada e uma concorrência mais acirrada, permitindo a prosperidade de alguns capitalistas, dando origem à indústria local.

Seja como for, a indústria têxtil em santa Catarina surgiu com em paralelo o desenvolvimento do setor têxtil nacional (1880). Se Santa Catarina tinha sua base econômica na pequena propriedade mercantil, no setor agrário, passa a mudar especialmente com o advento da Primeira Guerra Mundial, quando se percebe um aumento do número de indústrias e, portanto, de novas relações de trabalho. Para fins de organização temporal e espacial, utilizarei a contribuição das autoras Jurgenfeld e Silva (2013), que classificam o processo de formação e acumulação das grandes empresas têxteis de Santa Catarina em quatro ciclos:

> a) primeiro ciclo: os pioneiros têxteis de Blumenau e Brusque. Este ciclo compreende o final do século XIX até a 1ª Guerra Mundial. Com a chegada da 1ª Guerra Mundial, o setor enfrentou dificuldades, com a restrição de produtos importados. Por outro lado foi positivo, pelo abastecimento do mercado nacional [...];
> b) segundo ciclo: as empresas têxteis de Blumenau e Brusque criadas na década de 1920. Nota-se no setor uma pequena diminuição dos preços, por conta do início da grande recessão de 1929. Por outro lado, o setor têxtil de Santa Catarina consegue sua inserção no mercado nacional, de forma mais consistente, principalmente por conta do enfraquecimento do setor têxtil em grandes centros brasileiros, como o sudeste, provocado pela então crise do café [...];
> c) terceiro ciclo: as têxteis dos anos 1930. O setor têxtil segue forte, apesar da iminente 2ª Guerra Mundial. Com a Revolução de 1930, a crise cafeeira e o início da industrialização nacional, proposta por Vargas, consolidou ainda mais o setor;
> d) quarto ciclo: as empresas têxteis do pós-2a Guerra Mundial [...]. Com a 2 ª Guerra Mundial, seria normal supor uma profunda crise no setor têxtil. Porém, o que se verificou foi um processo de estagnação nas importações e uma dinâmica no mercado interno e até externo através das exportações para países que estavam envolvidos no conflito. Uma maior integração Regional ocorreu. Com relação ao destaque das empresas, surgem três empresas de destaque: a Sulfabril, a Maju e a Dudalina (JURGENFELD; SILVA, 2013 - Grifo nosso).

A década de 1970 representou um paradoxo para o setor têxtil catarinense. Se por um lado havia um atraso tecnológico de seus teares, por outro lado permanecia exportando seus produtos. Empresas como a Hering procuraram diversificar suas atividades comprando empresas de outros setores e expandiram suas filiais no estado de Santa Catarina. Buscava em municípios pequenos mão de obra abundante, eficiente e barata, em especial a força de trabalho feminina.

Para Moser:

> Ao analisar o problema da força de trabalho da mulher, é importante não só atender para o fato de que a mulher emerge no capitalismo como ser inferiorizado em relação ao homem, mas, também, que estes estereótipos são mantidos, aludindo, para isto a razões naturais e biológicas. No entanto, sabe-se que há todo um aparato cultural que prepara os indivíduos para a submissão [...]. A mulher remunerada, a nova trabalhadora produtiva, tem sua condição social historicamente determinada por um passado de constante submissão no âmbito familiar. A partir do momento em que ao seu papel familiar se soma um trabalho realizado na rede das relações capitalistas de produção, onde o controle sobre o trabalho é ponto fundamental, a estrutura de dominação anterior e sua condição de trabalhadora doméstica torna a mulher força de trabalho, mão de obra altamente explorável e sem direito a maiores reivindicações (MOSER, 1985, p. 34).

A mulher sempre desempenhou seu papel familiar e se submeteu aos afazeres domésticos até o momento em que algumas fábricas resolvem instalar-se em pequenos municípios como Rodeio e Ibirama, e ela passa a se expor a um novo tipo de submissão, agora vinculado ao capital, à empresa em que iria trabalhar.

A essa dupla submissão, acrescenta-se ainda o trabalho na agricultura que a mulher desenvolveu. Grande parte dessas mulheres, que mais tarde iriam trabalhar na Companhia Hering em Ibirama, eram oriundas de áreas rurais e ajudavam seus pais e maridos na atividade de campo, semeando, plantando, capinando, colhendo.

Dentre essas culturas destacam-se a de fumo e milho e a produção de fécula. Atividades extrativas e industriais, como corte e beneficiamento de madeira, por exemplo, eram atividades direcionadas para a mão de obra masculina.

Não havia, portanto, uma atividade que ocupasse a mão de obra feminina, no município de Ibirama e regiões próximas. Nesse cenário de necessidade de expansão da Companhia Hering, aliada à necessidade do município em oferecer alternativas de emprego e renda, começaram as tratativas para instalar uma filial da empresa em Ibirama.

A seguir, depoimento do Senhor Luiz Alexandre Müller[4], explicando alguns detalhes dos bastidores, em relação à vinda da Companhia Hering para Ibirama:

> *Ficamos sabendo que a Hering queria ampliar suas atividades, suas filiais para alguns municípios. Fomos a Blumenau e contatamos um Executivo da empresa que era o Senhor Hans Prayon. O senhor Prayion nos colocava em contato com um dos diretores da Hering, que era o Senhor Ingo Hering. Entramos em negociação, que durou meses. Chegamos a um ponto comum, onde a Prefeitura faria a doação do terreno, o serviço de terraplanagem onde eles achassem que ficaria melhor. Um dos nossos maiores desafios foi enfrentar a resistência dos nossos empresários locais, que não queriam a concorrência de uma empresa que iria pagar um salário maior. Mas insistimos na negociação e conseguimos uma Sede temporária, no Clube Recreativo União. Enquanto isso vieram alguns engenheiros para estudar o que seria um local adequado para as futuras instalações. Eles subiram no alto do morro do Bela Vista de manhã e só desceram à noite, já com o terreno escolhido. Compramos o terreno de uma indústria de fécula e daí em diante já começou o planejamento para a futura sede. A vinda desta empresa foi fundamental para a região de Ibirama. Movimentou cerca de 1100 funcionários e tínhamos um potencial de mão de obra feminina. Não tinha nenhuma empresa que empregasse as mulheres da região.*

Segundo Wiese:

> No dia 07 de junho de 1976, foi instalada em Ibirama a Companhia Hering, no salão da sociedade Desportiva União. O atual prédio da empresa foi inaugurado em outubro de 1977. A instalação da empresa trouxe um novo fôlego para a economia

[4] Entrevista feita em 11 de junho de 2015. Luiz Alexandre Müller atualmente é advogado em Ibirama, mas na época (1972-1976), era o Prefeito de Ibirama e foi o principal negociador e entusiasta na vinda da Companhia Hering.

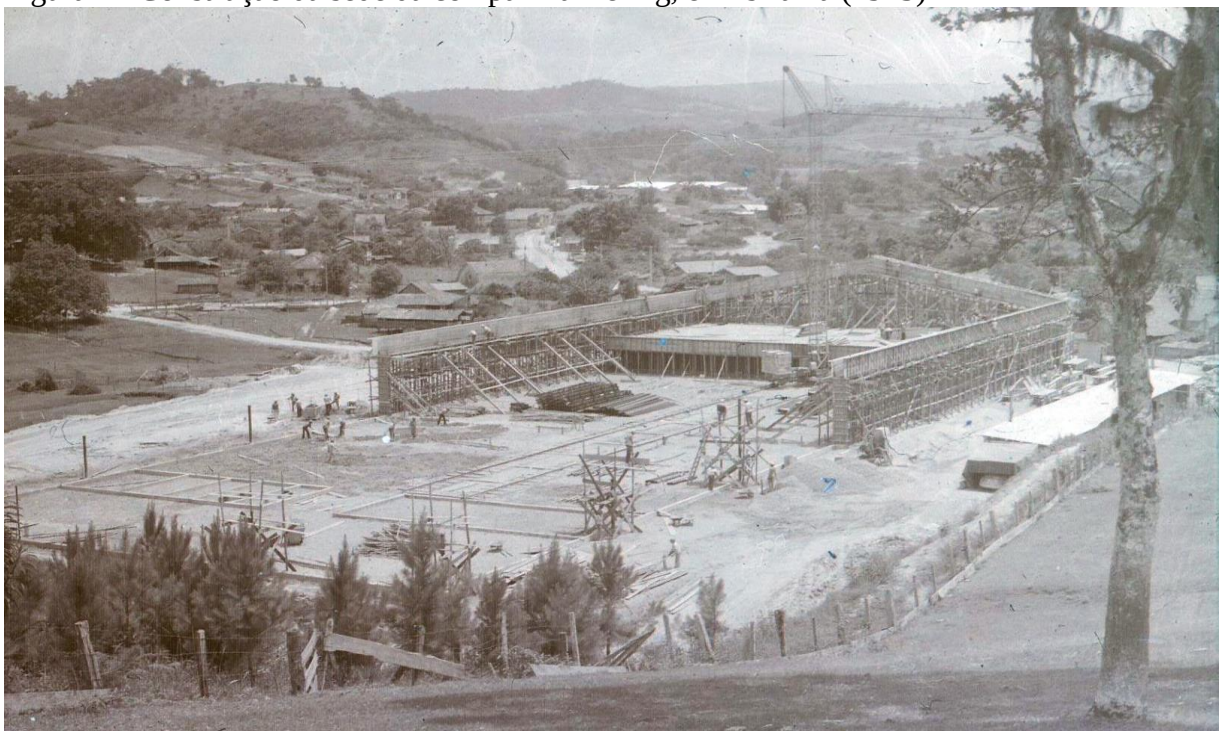
> de Ibirama. A partir da sua instalação, novas empresas do ramo, embora de porte menor, se instalaram no município, contribuindo efetivamente na criação de novos empregos (WIESE, 2007, p. 239).

Com a mudança definitiva para sua sede no bairro Ponto Chic, iniciaram as atividades na nova instalação com corte e costura, ocupando mão de obra local e de municípios vizinhos.

A instalação de uma unidade da Hering em Ibirama trouxe na sua esteira a possibilidade de novos empreendedores investirem no setor. Através de programas de treinamento e cursos de aperfeiçoamento, a Hering contribuiu para a especialização da mão de obra feminina e até masculina, pois no início, o trabalho de instalação de equipamentos, manutenção e reparo das máquinas de costura, era trabalho exclusivamente masculino.

Na Figura 7, foto mostrando o início das obras da sede da Companhia Hering no Bairro Ponto Chic, que viria a representar um marco para o desenvolvimento da região.

Figura 7 - Construção da sede da companhia Hering, em Ibirama (1975)



Fonte: Arquivo Histórico de Ibirama-SC.

Outro fato digno de ser lembrado diz respeito ao desenvolvimento de cooperativas que viriam para a região, associadas ao nome Hering: uma de crédito (Credihering) e a outra do ramo supermercadista, de consumo (Cooperhering).

> A cooperativa de abastecimento (cooperhering) objetivava fornecer produtos mais em conta aos seus cooperados. Tudo começou em 1944, quando um grupo de operários da Indústria Têxtil Companhia Hering, muitos dos quais eram tecelões como os pioneiros de Rochdale, resolveu fundar uma cooperativa de consumo de

> empregados, com área de atuação em Blumenau e com o objetivo de distribuir gêneros alimentícios aos cooperados. Na época, a dificuldade de aquisição dos produtos era muito grande, principalmente o abastecimento de alimentos extremamente precário, o que comprometia o orçamento familiar. Foi em 16 de março de 1944, nas dependências do Clube Náutico América, às 10 horas, com 101 pessoas, entre funcionários e dirigentes da Cia Hering, que foi fundada a Cooperhering – Cooperativa de Consumo dos Operários da Indústria Têxtil Companhia Hering de Responsabilidade Ltda., hoje Cooper (PORTAL COOPER. Disponível em: http://www.cooper.coop.br/a-cooper#historia).

Em Ibirama, a antiga Cooperhering foi fundada em 10 de maio de 1985, ao lado de onde estava instalada a companhia Hering. Inicialmente as vantagens do sistema cooperativo eram restritas aos funcionários da Cia Hering. Na década de 1990, emancipou-se da Cia Hering, e o nome Cooperhering reduziu-se para apenas Cooper, com o diferencial de passar a atender agora toda a comunidade.

A Viacredi, outra Cooperativa vinculada à Hering, foi fundada em 26 de novembro de 1951 por 21 funcionários da Companhia Hering, liderados pelo Presidente da empresa, Ingo Hering, que não só foi o líder e cooperado número 1, como também ficou na presidência da Cooperativa por 16 anos, conforme histórico da empresa. O primeiro passo foi dado quando o empresário decidiu conhecer o funcionamento da Cooperativa de Crédito das Indústrias Renner, no Rio Grande do Sul. A partir daí, a Credihering passou a oferecer vantagens aos seus associados cooperados. Devido à diminuição do número de trabalhadores da empresa, sobretudo na década de 1990, a cooperativa elaborou novas estratégias de expansão. Uma delas foi a abertura de crédito à população geral, ocorrida em 2002, inclusive com a troca de nome para Viacred. Em entrevista ao Jornal de Santa Catarina, Vanildo Leoni esclarece a situação atual da Viacred:

> *O crescimento significativo da Viacredi até alcançar o topo do ranking das cooperativas de crédito em número de associados aconteceu depois que a instituição abriu as portas para o livre acesso da comunidade. Com as transformações do perfil da têxtil e a redução de funcionários, a cooperativa viu a necessidade de também mudar para continuar crescendo.*

Leoni conta que o início da mudança aconteceu no final dos anos 1980, mas só se concretizou uma década depois.

> *Em 2002 desvinculou a marca da Hering e, por decisão dos cooperados, passou a se chamar Viacredi. Com crescimento médio ao ano de 30%, a instituição está próximo de conquistar o cliente número 300 mil. Em número de sócios é hoje a maior do país no segmento e é a terceira maior cooperativa de crédito em movimentação financeira.Não temos clientes. Temos cooperados, que são sócios. Trabalhamos para que todos sejam muito bem recebidos. A missão da cooperativa é*

> *ajudar no desenvolvimento econômico e social* (JORNAL DE SANTA CATARINA, 16/10/2014)[5].

A Viacred hoje representa não somente uma força local, mas sua atuação regional merece destaque, sobretudo para o Vale do Itajaí.

Nos anos 70, o Vale do Itajaí concentrava elevado índice de exportações industriais, principalmente das grandes empresas têxteis. Dentre elas se destacava a Hering, que em 1981 tinha em seu quadro cerca de 11.227 trabalhadores. Além disso, o grupo Hering atuava em outros setores: era a maior empresa de moagem de óleo de soja (Ceval) e ocupava o terceiro lugar como produtor de carnes suínas e frangos do Brasil (Seara). Mamigonian (2011) destaca ainda a atuação da empresa na área de telecomunicações e redes hoteleiras. Mas, na crise dos anos 1980 as indústrias têxteis já começavam a sentir a necessidade de modernizar seus parques fabris, e na década de 1990 o setor buscou como saída a reestruturação produtiva.

A abertura econômica promovida pelo então Presidente Collor de Melo fez com que a indústria brasileira tivesse que competir com produtos estrangeiros mais baratos que, em virtude da política cambial e das menores alíquotas de importação, inundavam o país, sobretudo os produtos asiáticos. Um dos setores mais prejudicados foi o setor têxtil, que em seis anos (1992 a 1996) viu as exportações cair 11%. Mamigonian (2001) destaca a dupla penalização da produção brasileira com a abertura comercial: pela invasão do mercado interno por produtos asiáticos e pelas dificuldades de exportação, com a supervalorização do real frente ao dólar. Mamigonian salienta ainda que os setores têxtil e de confecção foram os mais atingidos em Santa Catarina com o processo de abertura comercial.

Diante deste cenário de internacionalização de políticas econômicas neoliberais e de recessão econômica, vários setores econômicos passaram a adotar a reestruturação produtiva, que resultou, por exemplo, em diminuição do número de empregos, terceirização da produção e aumento da produtividade com a aquisição de novos maquinários.

A guerra fiscal também estava em marcha, e empresas deslocavam seus parques fabris para estados que ofereciam mais vantagens nos incentivos fiscais. Era o início de sua reestruturação produtiva.

---

[5] Disponível em: <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/politica-e-economia/noticia/2014/10/cooperativa-de-credito-de-blumenau-e-a-maior-do-pais-4622165.html>.

2.4 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

O termo reestruturação dá ideia de organizar novamente, reorganizar algo. Pode ter uma conotação de estática, de parada, de ruptura com algo, de mudança de direção. Logicamente que vamos tratar da reestruturação produtiva, aplicável principalmente a setores de nossa economia, em especial ao ramo têxtil, sobretudo no início da década de 1990. Vários são os autores que dissertaram sobre o tema "reestruturação produtiva". Alguns lidos, mais especificamente, pelo fato de analisar os efeitos desse fenômeno na indústria têxtil, e outros conceituais, dentre os quais destaco Harvey (1996), Castells (2000), Soja (1993), Santos (2005). Destaco ainda as publicações de Raulino (2008), Luclktenberg (2004) e Goularti Filho (2002).

Acentuada em nível mundial, sobretudo no início da década de 1990, a reestruturação produtiva caracterizaria movimentos econômicos de abertura comercial, expressa na globalização econômica e financeira, na implantação de políticas neoliberais e no advento da Terceira Revolução Industrial e Tecnológica. A reestruturação produtiva impactaria os diversos setores sociais, trazendo como consequência novas formas de organização do trabalho, como a flexibilização. Já no processo de produção, a reestruturação produtiva resultaria nos processos de terceirização.

Segundo Soja (1993), essa nova fase de reestruturação receberia nomes diversos, como acumulação flexível (HARVEY, 1992); capitalismo desorganizado (CLAUS OFFE, 1985) e (LASH; URRY 1987). Harvey esclarece assim o que ele chama de acumulação flexível:

> é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (HARVEY,1992, p. 140).

Na década de 1990 o Brasil sofre com a abertura comercial. A diminuição da alíquota de importação faz com que aumente de forma considerável essa atividade, enquanto as exportações, em alguns setores, decaíram muito.

No entanto, esse processo de reestruturação produtiva não acontece fora do meio social e espacial. Antunes (2002) esclarece:

> foi nos anos 1990, entretanto, que a reestruturação produtiva do capital desenvolveu-se intensamente em nosso país, através da implantação de vários receituários oriundos da acumulação flexível e do ideário japonês". com a intensificação da lean production, do sistema just-in-time, kanban, do processo de qualidade total, das formas de subcontratação e de terceirização da força de trabalho. Do mesmo modo, verificou-se um processo de descentralização produtiva, caracterizada pela relocalização industrial, onde empresas tradicionais, como a indústria de calçados ou a indústria têxtil, sob a alegação da concorrência internacional, iniciaram um movimento de mudanças geográfico-espaciais, buscando níveis mais rebaixados de remuneração da força de trabalho, acentuando os traços de superexploração do trabalho (ANTUNES, 2002, p. 17).

Interessante lembrar que mais importante que o conceito, valiosos foram os efeitos que a reestruturação produtiva traria para Santa Catarina. Mais particularmente ainda, em se tratando de Alto Vale do Itajaí. Quais foram suas implicações para a nossa região? Dentre esses setores, Goularti Filho analisa o têxtil.

> As exportações catarinenses no ramo têxtil cairam de US$ 423,6 milhões em 1993 para US$ 258,7 milhões em 1999, uma queda de 63,7%, reduzindo a participação do total exportado no Estado para 10,1%, ou seja, uma queda de 50,0%. Dentro do segmento, o item mais prejudicado foi o de confecção em geral (Secex/SED-SC). Uma empresa como a Hering, que em 1992 chegou a exportar US$ 100 milhões, em 1998 exportou apenas US$ 18 milhões. Do total exportado pela Hering, 50,0% era destinado aos EUA e Canadá, esse índice caiu para zero em 1998 (GOULARTI FILHO, 2002, p. 326).

E continua:

> No Vale do Itajaí, os grupos econômicos ligados ao setor têxtil partiram para a diversificação de seus investimentos, entrando nos ramos alimentício, comercial e financeiro. A indústria têxtil ampliou a cadeia produtiva e disseminou, na região, uma rede de pequenas e médias indústrias dos vestuários, com a formação de um aglomerado de serigrafias, bordadeiras, estamparias e facções domiciliares e industriais (GOULARTI FILHO, 2002, p. 327).

Justamente naquele período empresas do setor reestruturaram seus setores, provocando mudanças nas estratégias de produção e de acumulação.

Uma dessas estratégias foi a diminuição de seus parques industriais (desverticalização) com a respectiva redução de trabalhadores. Empresas e trabalhadores são submetidos a programas envolvendo qualidade total (PQT), onde buscam adequar-se ao competitivo mercado global. Raulino (2008) afirma que todas essas inovações visam a incrementar a produtividade do trabalho, com a redução do tempo "morto" no processo produtivo e a busca da adesão do trabalhador à ideologia empresarial. Outro aspecto importante dessa reestruturação produtiva foi o movimento de terceirizações e subcontratações, descentralização produtiva.

Um dos pontos centrais de nossa análise será essa ligação entre a reestruturação e a espacialização. A reestruturação em curso e as suas consequências no espaço social e regional, tomando como exemplo a Companhia Hering.

Em Ibirama, na década de 1990, ocorre a transferência de parte da produção da Hering para o estado de Goiás, resultado da exigência de novos mercados, mão de obra mais barata e incentivos fiscais concedidos pelo estado goiano.

Fortemente verticalizada até então, a Hering transferiu para pequenos fornecedores a área de fiação, terceirizando logo a seguir mais da metade das atividades de costura e acabamento. A empresa, que chegou a ter 21 mil trabalhadores nas várias empresas, entrou em 2001 com apenas 5 mil trabalhadores. Igualmente, outras empresas têxteis de grande porte começaram a adotar a política de parque fabril pequeno, mas integrado e com investimentos em produtos com maior valor agregado.

Se por um lado houve uma quebra da verticalização dos grandes parques industriais, criaram-se novas possibilidades de renda em pequenas empresas do ramo têxtil, chamadas de "facções".

No caso de Ibirama, a Companhia Hering praticamente fechou sua unidade de produção, e centenas e até milhares de mulheres tiveram que se adaptar a essa nova realidade. Mulheres que tiveram como primeiro e único emprego ser costureira da Hering. Convém salientar que antes da década de 1990, trabalhar na Hering em Ibirama era sinal de status, funcional e salarial.

Muitas trabalhadoras que saíram da empresa montaram suas facções ou foram trabalhar numa delas. Esse processo de reestruturação produtiva atingiu outras empresas da região e começaram a se configurar vários problemas trabalhistas: informalidade; alta produtividade mas em precárias condições de trabalho.

É o caso de Ibirama. O município tem no setor têxtil seu maior empregador. São estabelecimentos de confecção de artigos de vestuário e acessórios, as denominadas facções.[6]

A facção é assim definida pelo SEBRAE:

> Funciona assim: uma indústria maior, que normalmente tem como principal atividade a criação e comercialização, cria a sua coleção, efetua os cortes das peças e encaminha para outras indústrias menores que são contratadas para montar as roupas. Essas indústrias não comercializarão os produtos, apenas são responsáveis pelo serviço de montagem das roupas, devolvendo em seguida para a indústria maior, que confere as peças, padroniza a qualidade e comercializa os produtos. A idéia de facção surgiu a partir da tendência de terceirização de serviços que vem ocorrendo em todas as áreas, geralmente, a escolha da opção pelo sistema de facção, é resultado de identificação como uma saída para o empresário que montou uma confecção, mas não conseguiu sucesso com sua marca própria. O segmento de facção é parte integrante do setor têxtil brasileiro que faturou em 2008 cerca de US$ 46 bilhões. Com 78% de sua produção concentrada na região Sudeste, segundo dados da ABIT, hoje o Brasil é o sexto maior produtor têxtil do mundo, são 30 mil

[6] A facção é um sistema de terceirização e de integração que vem sendo muito utilizado na indústria da confecção. Cabe esta definição diante de outros significados atribuídos ao termo facção.

> empresas em todo o país que representa uma indústria pujante e qualificada, que tem investido forte no desenvolvimento de suas técnicas de produção e que responde por aproximadamente 3,5% do PIB total brasileiro (PORTAL SEBRAE).

Conforme Colli (2000), Facção é uma empresa que presta serviço à indústria de confecções, sem os riscos da comercialização; por outro lado, quem subcontrata a fação elimina vários custos de produção; é como se fosse uma confecção com etiqueta de terceiros.

Depois do chamado processo de reestruturação produtiva, culminando com a quebra da chamada verticalização industrial, verificou-se no setor têxtil esse aumento de terceirização e até mesmo quarteirização do trabalho produtivo, aumentando muito o número das unidades de facção.

Convém salientar que esse processo não foi privilégio de Ibirama, mas houve e continua havendo em muitas regiões do Brasil. A abertura comercial que ocorreu no início da década de 1990 forçou as empresas do ramo têxtil a rever suas estruturas e estratégias.
Raulino esclarece:

> Foi a partir de 1995, quando passou-se a ouvir de que as empresas do pólo têxtil do vale do Itajaí estavam com fortes dificuldades, e que a causa destas dificuldades era a abertura comercial dos anos de 1990, que estaria afetando de forma significativa as empresas da região, obrigando-as a um forte processo de reestruturação, que, entre outras coisas, levou num primeiro momento a um forte desemprego do setor têxtil da região. [...] Se considerarmos o Médio Vale do Itajaí, estima-se que de 1992 a 1999, mais de 15 mil trabalhadores tenham sido demitidos, o que do ponto de vista do desenvolvimento da região trouxe reflexos negativos (RAULINO, 2008, p. 86).

Por outro lado, Raulino (2008) salienta que ultimamente o número de empregados no setor têxtil tem aumentado em Santa Catarina, por causa do processo de terceirização das empresas de Santa Catarina, mormente as do Médio Vale do Itajaí. Essa aparente contradição pode ser o resultado da reestruturação produtiva, porquanto esses empregados, em sua grande maioria mulheres, foram alocadas em outras unidades de produção e serviços.

A crise sofrida pelo setor têxtil com a abertura econômica na década de 1990 trouxe não só o desemprego, mas também essa necessidade de reestruturar, por isso algumas empresas não sofreram tanto com a dita "crise", mas aproveitaram dessa onda para fazer ajustes em seu parque industrial.

Essa reestruturação começa em nível global e acaba reestruturando a região, o "lugar". Aliás, Milton Santos reitera a importância do lugar, por ser "o depositário final dos eventos". Alguns eventos ocorrem em nível mundial; temos um compromisso com a compreensão dos eventos no âmbito de mundo, porém somos afetados no âmbito regional e local. Em relação à reestruturação produtiva, processos como a globalização transformam o que seria a casa, um

ambiente familiar, num espaço também de produção. Muitos empregados se transformaram em patrões, e as relações de parentesco são também de divisão social do trabalho.

Para Santos:

> As transformações do espaço-tempo doméstico sob o impacto da internacionalização dos processos produtivos podem vir a ser no futuro ainda mais profundas, tanto no Norte como no Sul. Como se sabe, uma das transformações históricas da família por parte do capitalismo consistiu na conversão da família numa unidade de reprodução social (habitação, alimentação, socialização, reprodução biológica) separada da unidade de produção que, com a primeira revolução industrial, passou a ser a fábrica, um fenômeno analisado com particular detalhe por Max Weber. Hoje em dia as novas tecnologias de informação, da comunicação, da automação estão a actuar no sentido de superar esta distinção e fazer de novo convergir na família as funções de produção e de reprodução (SANTOS, 2005, p. 304).

Conforme verificado nos estudos sobre as áreas de diversificada pequena produção mercantil do Sul do Brasil, a região do Vale do Rio Hercílio, que compreendia todo o território do município de Ibirama (mais tarde desmembrado nos municípios de Ibirama, José Boiteux e Victor Meireles), até os anos 1980 desenvolvia uma agricultura familiar que atendia a demanda regional, principalmente de fumo e arroz etc., além de apresentar estabelecimentos ligados principalmente à exploração da madeira (serrarias).

Atualmente verifica-se que a própria atividade agrícola familiar vem perdendo espaço para a produção da facção, imprimindo uma nova reestruturação produtiva regional. A instalação de uma filial de confecções da Hering (de Blumenau) na década de 1970 e a abertura comercial neoliberal a partir da década de 1990, marcada pela crise do setor têxtil catarinense, trouxeram a terceirização da produção fabril por meio da proliferação de facções têxteis no meio rural e urbano do Alto Vale do Rio Itajaí.

As facções tocadas pela força de trabalho familiar possibilitam a redução de custos com mão de obra para as empresas de confecções localizadas nos polos fabris do Médio Vale (Blumenau, Brusque, Indaial), mas por outro lado precarizam a vida de parte dos trabalhadores, que passam a receber pela produção entregue, independente da carga horária, das condições de trabalho e de outros direitos trabalhistas consolidados.

Tal concentração fabril de facções no município de Ibirama e região, sobretudo no setor têxtil, precisa ser mais bem analisada, como é o objetivo desta dissertação. Abaixo, na Figura 8, trabalhadores na linha de produção de costura de malhas numa facção que obedece a todas as exigências estabelecidas pelos órgãos competentes.

Figura 8 - Facção de costura de malha em Ibirama

Fonte: Santos (2015).

3 PANORAMA DAS FACÇÕES TÊXTEIS EM IBIRAMA

Na presente seção será abordada a dinâmica de funcionamento das facções em Ibirama, sua distribuição espacial e sua influência no desenvolvimento local e regional. O levantamento foi feito com base em pesquisa empírica entre essas facções e com pessoas ligadas ao setor. Para tanto, serão abordados conceitos ligados à espacialidade da produção e à evolução do trabalho.

Atualmente em Ibirama estão registradas cerca de 160 facções, distribuídas entre o espaço rural e o espaço urbano, de variados tamanhos, observando dinâmicas próprias e derivadas quanto aos seus modelos de gestão.

O surgimento desse modelo de unidade de produção e a sua perpetuação como negócio estão intimamente ligados a dois fatores já citados, mas que merecem maiores detalhamentos: a instalação da Cia Hering em Ibirama na década de 1970 e a nova dinâmica de reestruturação produtiva.

Se o primeiro fator foi fundamental no treinamento e aperfeiçoamento da mão de obra feminina, o segundo fator veio quebrar um modelo clássico de produção. Interessante salientar que essa quebra de padrões, de modelos de sistemas de produção alterou profundamente as configurações espaciais, mas também alterou profundamente as relações sociais, nos espaços de produção e entre as pessoas que dela participam. Como ensina Soja, (1993) com base em Lefebvre (1976), as relações sociais e espaciais são dialeticamente inter-reativas, interdependentes: as relações sociais de produção são formadoras do espaço e contingentes ao espaço. Notadamente não se pode atribuir um caráter determinista a essas relações. Os espaços de produção e as relações sociais vigentes dependem também do nível de desenvolvimento econômico, político e cultural que cercam esses espaços.

Observamos que o aspecto econômico-espacial fornece a base de uma análise sobre as unidades de produção, que neste caso se refere às facções têxteis. Porém, é importante acrescentar nesta análise o aspecto cultural, esta nova forma de caracterizar o espaço das relações sociais dentro dos estudos sobre o aumento das facções em Ibirama. Em primeira análise, justificando esta posição, reafirmo a mudança de postura dessas relações tomando como base a formação sócio-espacial da região, das relações de produção e das novas relações sociais. A cultura assume também um papel importante na análise dessa nova realidade globalizada, em rede, em fluxos (CASTELLS, 1999).

3.1 A DINÂMICA DO TRABALHO

O trabalho constitui ponto de análise por representar talvez o principal fator de propulsão social. Estamos falando agora do trabalho na dita sociedade ocidental, imersa num sistema econômico peculiar.

Primeiramente nossa descrição irá centrar-se no período chamado moderno, quando houve um processo de transição entre a produção artesanal e o início da produção em série; de uma sociedade rural, para uma sociedade que começava a se urbanizar; as invenções técnicas que permitiram a passagem do estádio artesanal para o estádio da indústria moderna (NIVEAU, 1969), devido ao advento da revolução industrial no início do século XVIII, sobretudo na Inglaterra. Verifica-se um avanço muito rápido nas máquinas, nos teares. As invenções de Samuel Crompton e Edmond Cartwrigth revolucionaram a indústria têxtil da época. As relações de produção também sofreram alterações. As relações entre os homens e o trabalho se tornariam objeto de estudos e teorias. Surge aí uma nova sociedade industrial, urbana, com seus avanços tecnológicos, mas também com seus dilemas.

Caracterizada pela produção acelerada e pela racionalidade econômica, a nova sociedade industrial começava a exaltar uma divisão social do trabalho, com problemas relacionados à carga horária exorbitante, trabalho infantil, doenças. Em seus estudos, Durkheim descreve essa nova sociedade, sobretudo com referência ao papel do trabalho, em substituição a grupos sociais como a família, a igreja, a escola. Busca no trabalho a retomada de uma ordem, através de um processo de solidariedade. Em suas palavras:

> Mas, se a divisão do trabalho produz a solidariedade, não é apenas porque ela faz de cada indivíduo um 'trocador', como dizem os economistas; é porque ela cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres que os liam uns aos outros de maneira duradoura. Do mesmo modo que as similitudes sociais dão origem a um direito e a uma moral que as protegem, a divisão do trabalho dá origem a regras que asseguram o concurso pacífico e regular das funções divididas (DURKHEIM, 2004, p. 429).

Se para Durkheim o trabalho teria esse poder de regrar essa nova sociedade, para Karl Marx a divisão do trabalho traria profundas contradições nas relações entre os homens. Repetimos aqui uma das frases mais célebres de Marx: "a história de toda sociedade até hoje é a história da luta entre classes".

Para Marx, a divisão social do trabalho é a forma de distribuir tarefas dentro de determinada sociedade. A divisão do trabalho e a especialização das atividades em classes são, basicamente, a divisão dos meios de produção e da força de trabalho. Em se tratando de

divisão do trabalho nas diversas sociedades, para Marx esse processo era decorrente. Mas em se tratando da sociedade capitalista, essa divisão social reforça a dualidade entre as classes.
Na análise de nossa pesquisa sobre as facções têxteis em Ibirama, uma das contribuições de Marx refere-se ao trabalho domiciliar, sobre a indústria domiciliar, decorrente da divisão do trabalho. Nas suas palavras:

> Ela está agora transformada no departamento externo da fábrica, da manufatura ou da grande loja. Ao lado dos trabalhadores manufatureiros e dos artesãos, que concentra espacialmente em massas e comanda diretamente, o capital movimenta, por fios invisíveis, outro exército de trabalhadores domiciliares espalhados pelas grandes cidades e pela zona rural (MARX, 1985, p. 71).

Ainda sobre o trabalho domiciliar, Sandoval Filho (2002) acrescenta:

> Por sua vez, as condições de exploração a que estaria submetida a classe trabalhadora, na indústria domiciliar, seria ainda mais degradante do que na manufatura moderna devido à maior dispersão e conseqüente menor capacidade de resistência dos operários; deve salientar-se que os mais variados tipos de pessoas aproveitadoras se posicionam como agentes intermediários entre os empregadores de fato e os trabalhadores. Além disso, no trabalho domiciliar, os trabalhadores concorrem diretamente com fábricas mecanizadas e manufaturas no mesmo setor produtivo; e as circunstâncias em que é feito o trabalho na produção domiciliar são ainda piores do que na manufatura moderna, isto tanto no que se refere às condições de luz, ventilação e espaço quanto à irregularidade do emprego − a concorrência entre trabalhadores é muito maior, o que significa dizer que os salários são ainda mais baixos do que o normal (SANDOVAL FILHO, 2002, p. 117).

Essas declarações, tanto de Marx quanto de Filho, se referem ao século XIX, quando houve esse processo de subcontratação, mas de alguma forma iremos verificar essa retomada de subcontratações no século XX através de processos de terceirizações, trabalhos parciais, sobretudo no setor têxtil.

O modo de produção executado por meio do sistema de subcontratações no século XIX, utilizando o trabalho principalmente de mulheres e crianças nos seus domicílios, acabou declinando para uma nova centralização produtiva.

Fatores como a rápida expansão de mercados consumidores, a crescente influência de sindicatos, lutando pela regulamentação das horas de trabalho, a limitação do uso do trabalho infantil, o desenvolvimento e aperfeiçoamento de máquinas no sistema de produção contribuíram para retomar a concentração industrial e a consequente urbanização.

O deslocamento da produção para as grandes fábricas não diminuiu a exploração de suas forças de trabalho. Mulheres, jovens e crianças ainda sofriam com maus tratos, demissões sumárias, péssimas condições de trabalho, acidentes de trabalho.

Marx destaca o avanço da “bem moderna ciência da tecnologia”. Sandoval Filho (2002) comenta que isso significou a objetivação do processo de trabalho que deixa de estar

sujeito às características subjetivas de cada pessoa envolvida na produção, convertendo-se num processo científico, em que tudo passa a ser determinado pela aplicação consciente planejada dos princípios das ciências naturais, sobretudo a mecânica.

O desenvolvimento de novas tecnologias, novas máquinas, aliado à administração científica da produção, levou a um capitalismo industrial centrado na maximização dos lucros, através de uma racionalidade econômica.

O trabalho repetitivo se torna uma das características desse tipo de sistema econômico, em operações por vezes alienantes entre o operário, a máquina e a sua produção. Outro fator importante é o *tempo.* Tempo de produção. A racionalização desse tempo. Para Weber:

> Uma economia racional é uma organização funcional orientada para os preços monetários que se originam de interesses dos homens no mercado. O cálculo não é possível sem a estimativa de preços em dinheiro e, daí, sem lutas no mercado. O dinheiro é o elemento mais abstrato e "impessoal" que existe na vida humana (WEBER, 1982, p. 379).

Weber estabelece aí a importância de ser racional no controle do processo econômico. A frase "tempo é dinheiro" ilustra bem a racionalidade daquela época, mas ainda hoje perdura como ditame de um sistema capitalista que mudou sua forma de atuação, mas permanece com algumas máximas. Abaixo, na Figura 9, uma linha de produção têxtil, organizada em células.

Figura 9 - Linha de produção numa empresa têxtil

Foto: Schlup (2016).

Mais tarde, no início do século XX, essa racionalidade na produção seria característica do Sistema Fordista, aperfeiçoado diante do tratado desenvolvido por Taylor na obra sobre os princípios da Administração Científica. Se o fordismo, segundo Harvey, encontrou

dificuldade para se estabelecer como sistema eficiente de produção e acumulação capitalista, no período entre-guerras, foi a partir do pós-guerra que o fordismo alcançou mais notoriedade. Indústrias que haviam nascido no período entre-guerras, no setor de produção de carros, navios e equipamentos de transporte, entre outros, tornaram-se motores do crescimento econômico. Harvey destaca ainda a atuação do estado (keynesiano) na promoção de políticas voltadas para regulamentar o mercado e instituir garantias trabalhistas. Com a expansão de novos mercados mundiais, somados à quebra do acordo de Bretton Woods, à rigidez do sistema fordista, à crise do petróleo, fizeram nos anos de 1970 e 1980, segundo Harvey (2002) "um conturbado período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político", o que viria a chamar de acumulação flexível, já comentado na seção 1.

Dentro desse reajustamento social, destaca-se o papel das mulheres trabalhadoras nessa transição. Segundo Harvey (2002), a luta contra a exploração capitalista na fábrica é bem diferente da luta contra um pai ou tio que organiza o trabalho familiar num esquema de exploração disciplinado e competitivo que atende às encomendas do capital multinacional, o que hoje se aplicaria à produção familiar através das facções.

3.2 O TRABALHO FEMININO

O presente tema pretende ilustrar de forma concisa o papel da mulher operária diante das nuances do trabalho, com destaque para a atuação da mulher em diferentes escalas. Traçando um recorte histórico, objetiva-se abordar o trabalho feminino nas facções têxteis, objeto da presente pesquisa.

Através dos tempos, a mulher esteve desempenhando papéis ora de coadjuvante, ora de protagonista no que se refere a sua representação, em sistemas de produção e acumulação social. Houve momentos de nossa história ocidental, em que a mulher desempenhou mais do que um papel de classificação sexual. Acumulou e desempenhou muito bem tarefas de ser mãe, esposa e dedicada operária. Por vezes, sua condição enquanto trabalhadora foi negligenciada, tendo como base um determinismo biológico. Para Beauvoir:

> A teoria do materialismo histórico pôs em evidência muitas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma anti-phisis: ela não sofre passivamente a presença da Natureza, ela a retoma em mãos. Essa retomada de posse não é uma operação interior e subjetiva; efetua-se objetivamente na praxis. Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos só têm importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que

> depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade (BEAUVOIR, 1970, p. 73).

A afirmação de Beauvoir contraria a ideia de que o papel da mulher esteja pré-determinado dentro de uma estrutura envolvendo a família. Em se tratando de família, esta assume outra dimensão que não aquela de educar. A primeira demonstração deste novo papel da família foi visto em Marx, na medida em que a produção era domiciliar. Claro que as épocas são outras, assim como estão presentes outras variáveis históricas e sociais.

A produção domiciliar em Marx, durante a revolução industrial, e a produção domiciliar do século XX em Santa Catarina, timidamente iniciada na década de 1970, mas que foi acentuada com a reestruturação produtiva, guardam algumas semelhanças quanto à utilização do trabalho e aos mecanismos de acumulação objetiva.

Silva (2002) acrescenta uma contribuição quando compara esses dois momentos à luz de autores como Antunes (1995) e Teixeira (1995), naquilo que podemos chamar de descentralização fabril.

Segundo Silva (2002), enquanto Marx, em O Capital, ilustrava um processo transitório do artesanato, da produção domiciliar para uma crescente industrialização capitalista, atualmente ocorre o processo inverso: o retorno da produção industrial descentralizada para os domicílios.

Atualmente já se pode afirmar que esse modelo de produção familiar apresenta alguns diferenciais. Não sabemos se é correto chamar de retorno à subcontratação, uma domiciliarização produtiva.

Enquanto na produção familiar domiciliar descrita por Marx tínhamos um sistema capitalista em plena expansão, com a reestruturação produtiva temos um sistema capitalista em fase de ajuste, numa outra forma de relação de capital e trabalho, numa expansão, num desenvolvimento em ritmos desiguais, entre países e entre mercados.

Ainda sobre o trabalho feminino, que representa cerca de 80% da mão de obra empregada em facções têxteis, cabe ressaltar as condições em que essa força de trabalho começa a ser utilizada na indústria têxtil, sobretudo no Vale do Itajaí.

Convém lembrar que antes da construção de grandes empresas no Vale do Itajaí, que viriam a utilizar a mão de obra feminina, a família também representava uma unidade de produção baseada na pequena propriedade agrícola, que no início do Século XX era apenas de subsistência. E na medida em que a produção agrícola começou a gerar excedentes, consequentemente se estabeleceram as trocas e as vendas, o que Mamigonian (1965) chamou de Sistema Colônia-Venda.

O emprego da mão de obra feminina na indústria brasileira, sobretudo no setor têxtil, remonta os primórdios da República.

Em se tratando de Santa Catarina, a polaridade exercida por Blumenau e Brusque no setor têxtil é acompanhada da expansão de empresas como a Hering, sobretudo na década de 1970, quando decide expandir seu negócio para outros municípios e regiões. No início, a Hering descentralizou suas seções de costura para o então Bairro Água Verde e Garcia, em Blumenau; Encano em Indaial; as outras seções de costura nos municípios do Médio e do Alto Vale do Itajaí, como Rodeio, Presidente Getúlio, Benedito Novo. As seções de Presidente Getúlio e Benedito Novo acabaram sendo fechadas em 1983.

Oportuno lembrar que a expansão na década de 1970 pode ser relacionada a um período de expansão da economia nacional e catarinense. Planos e Mecanismos como as "Superintendências" influenciaram a dinâmica da expansão regional, nacional e até no processo de exportação. Nos planos governamentais estava implícita a intenção de ordenar e executar programas capazes de fortalecer a estrutura industrial estadual, principalmente com a instituição de mecanismos de fomento fabril, como foram o BRDE, o BESC e o FUNDESC (ROCHA, 1997). A marca dos dois peixinhos[7] ultrapassa fronteiras. Abaixo (Figura 10), foto do símbolo da Hering.

Figura 10 - Uma das primeiras versões do símbolo da Hering

Fonte: Clicrbs /Foto: Francisco Fresar.

[7] Qualquer brasileiro reconhece a marca Hering, assim como muita gente do Exterior; afinal, ela foi, em 1964, a primeira empresa têxtil brasileira a exportar. Mas poucos conhecem a origem da logomarca dos dois peixinhos e, menos ainda, detalhes sobre a epopeia da criação à consolidação. Hering, em alemão, significa "arenque", um tipo de peixe semelhante à sardinha, muito comum na Alemanha. Os dois peixinhos representam os irmãos Bruno e Hermann, imigrantes vindos da cidade de Hartha, no interior da Alemanha, e fundadores da notável Companhia. (Luiz Henrique da Silveira - Publicado no Jornal de Santa Catarina/Artigo edição de sábado 08/maio/2010). familiaday@terra.com.br.

Moser (1985) enfatiza as mudanças que a Cia Hering trouxe para a região ao se instalar em Rodeio em 1974:

> A fábrica instala-se na sede provisória em 1974. A partir dessa realidade, a fisionomia do lugar vai mudando a olhos vistos. O dinheiro, que já não existia em muitas famílias, entrou regularmente em casa, através do trabalho da mulher, mãe ou filhas. As casas começam a ser reformadas, os eletrodomésticos começam a aparecer nas residências e, através das prestações, e se abre a possibilidade de se ter nas casas todo o conforto que a propaganda oferece. Surgem lojas e bares. Adolescentes vão saindo da escola, pois os pais necessitam do dinheiro das fábricas. A prefeitura, que, num primeiro momento recolhe os impostos, pouco a pouco percebe que, por uma técnica de centralização da contabilidade, a parte maior dos impostos é recolhida em Blumenau. No entanto, o lado econômico da questão é fácil de ser notado, e ninguém pode contestar o fato de que a fábrica trouxe o ressurgimento sócio-econômico de Rodeio (MOSER, 1985, p. 60).

Diante desse cenário, nota-se a influência que uma empresa do porte da Hering pode exercer numa pequena cidade como Rodeio. Moser (1985) complementa: "A unidade produtiva definitiva, que começou a operar em 1978, gerava a ocupação de 1000 (mil) mulheres"

Levando-se em conta que o município tinha na época cerca de 7 mil habitantes, dá para avaliar a magnitude dessa importância.

Em se tratando de Ibirama, a instalação da Hering em 1976 veio não apenas aproveitar a mão de obra feminina existente, mas também iria alterar a fisionomia sócio-espacial do município.

3.3 A ESPACIALIDADE DA PRODUÇÃO

É desafiador conceber o espaço em suas múltiplas interpretações e entender que o espaço de produção social não ocorre por acaso, mas é resultado de múltiplas interações, econômicas, políticas e sociais.

O desafio da análise objetiva, diante desses inúmeros fatores subjetivos, exige um critério de análise que mais se aproxime dessas realidades, que são materializadas em relações sociais, iguais, desiguais, acumulativas em determinado espaço, em determinado tempo.

Antes do advento da Cia Hering em 1976, o município de Ibirama tinha na agricultura e no extrativismo sua base econômica. A lavoura de fumo e o plantio e exploração da mandioca eram destaques até então na agricultura. O corte e o beneficiamento de madeira movimentavam a economia do município, com diversas serrarias.

A mão de obra feminina era utilizada mormente na agricultura. Portanto, até 1976 não havia um espaço de produção que empregasse a mão de obra feminina na cidade. Município

de vocação eminentemente rural por sua atividade produtiva, a cidade era considerada o espaço, o local onde se concentravam os serviços não encontrados no interior, como atendimento médico e hospitalar, mercados, mercearias e serviços bancários.

Convém lembrar, como já se viu aqui, que até 1989 o Município de Ibirama tinha uma área territorial de 1.023,09 km², pois incluía os hoje desmembrados municípios de José Boiteux e Vitor Meireles. Para se ter uma ideia, a área total do município hoje é de 247,348 km². Com a emancipação daqueles municípios, Ibirama perdeu não apenas substancial parcela de sua área territorial, mas também muito em arrecadação e movimentação cidade-campo, urbano-rural.

O advento da Hering em Ibirama, nos moldes como ocorreu em Rodeio, fez parte do processo de expansão da empresa, visando a aproveitar essa mão de obra feminina disponível, esse "exército industrial de reserva". Essa expansão em direção a municípios pequenos gerou também a transferência de algumas atividades, o que Soja (1993) chama transferência geográfica de valor.

Segundo ele:

> Definida em termos mais específicos, a transferência geográfica de valor é o mecanismo ou processo através do qual uma parte do valor produzido em dada localidade, área ou região é realizada em outra, somando-se à base de acumulação localizada da região receptora (SOJA, 1993, p. 140).

Além dessa transferência geográfica de valor, existem outras transferências, que vão além do aspecto produtivo e de valor. No caso específico de nossa região, temos cidades polarizadas que transferiram alguns setores de sua produção para outras regiões. É o caso de cidades como Blumenau, Brusque, Jaraguá do Sul, que diminuem algumas atividades produtivas, aumentando-as em outras regiões, processos produtivos, na medida em que flexibilizam, terceirizam atividades, como costura e embalagem.

Convém diferenciar o processo de expansão das empresas, na década de 1970-1980, com a flexibilização produtiva, com a reestruturação produtiva iniciada principalmente na década de 1990, concentrando o número de trabalhadores de algumas empresas, em especial da Hering, como mostra o Quadro 2, conforme Luclktenberg (2004):

Quadro 2 - Maiores empresas catarinenses 1981

POSIÇÃO GERAL	POSIÇÃO DO SETOR	EMPRESA	NÚMERO DE EMPREGADOS
1	1	Cia Hering	11.227
2		Fundição Tupy S/A	7.427
3		Cônsul S/A	5.150
4	2	Artex S/A – Fábrica de Artefatos Têxteis	4.792
5		Cia Hansen Industrial	3.961
6		Sadia Concórdia S/A Ind. e Com.	3.913
7		Eletromotores Weg S/A	3.711
8		Usati S/A	3.700
9	3	Sul Fabril Malhas	3.500
10	4	Teka – Tecelagem Kuhenrich	3.190
14	5	Cremer S/A Produtos Têxteis e Cirúrgicos	2.132
18	6	Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A	1.492
21	7	Omino Hering S/A – Confecções	1.350
23	8	Cia Industrial Schlosser	1.306
26	9	Buettner S/A Ind. e Com.	1.290
28	10	Casimiro Silveira S/A Ind. e Com.	1.260

Fonte: Luclktenberg (2004).

Este quadro evidencia claramente a liderança da Hering em número de trabalhadores. Era uma liderança absoluta no setor e entre outros setores da economia. Com 11.227 empregados de ambos os sexos, representava quase 40% dos trabalhadores da indústria têxtil catarinense.

Hoje a Hering conta com aproximadamente 3.234 trabalhadores[8], o que representa uma redução considerável no seu quadro funcional, com desligamento considerável de trabalhadores da produção. Logicamente que o percentual maior de desligamentos foi entre as costureiras. Essa política adotada pela Hering impactou fortemente a formação do espaço existente e a reestruturação dos novos espaços.

A chamada crise nos anos 1990, com a abertura comercial brasileira no governo Collor e intensificada no governo FHC, serviu de base para a Hering aproveitar novas políticas de reduzir pessoal, principalmente costureiras, para investir em outras formas de produzir e, mais tarde, de vender.

O processo de reestruturação produtiva, que pode que ser descrito como um fenômeno mundial, global, atingiu os setores industriais de maneira desigual, dependendo do grau de planejamento e de ajustes das empresas em determinados setores. De forma geral, interessa a

[8] Dados FIESC (2015).

integração econômica desses setores com o mercado interno e externo. Um dos fatores que levaram essas empresas a rever seus processos industriais e produtivos foi a adaptação de muitas dessas empresas às novas realidades surgidas com o advento da reestruturação produtiva mundial, sobretudo em países centrais, com organizações se adequando à lógica de mercado, do capital. No Brasil não foi diferente.

No decorrer do tempo, com a variação cambial e a consequente valorização do real, várias empresas deixaram de exportar. Em se tratando do setor têxtil, verificou-se uma dependência e até fragilidade, no que se referia a políticas cambiais e movimentos de exportação e importação, entre outras políticas de Estado e de mercado.

Toda empresa tem por objetivo a acumulação de capital através do lucro. Se o mercado exige que se façam ajustes, certamente as empresas os farão. Os ajustes compreenderam medidas de redução do parque produtivo, com demissões em massa.

A parte que mais sentiria, por exemplo, um processo de demissão em massa, seria a região. Os impactos desses processos dependem do grau de desenvolvimento da região e das políticas de realocação desses empregados, além da atuação de sindicatos na busca do cumprimento contratual e até mesmo de políticas de manutenção do emprego. Por razões econômicas e culturais, a distribuição e redistribuição de atividades têxteis buscam baixos salários. Mamigonian (1986) já salientava a disposição da indústria regional, onde havia "inúmeras sedes municipais ou proximidades com um ou dois estabelecimentos de grande porte, frequentemente filiais - integradas como as seções de costura das grandes malharias".

A busca pela mão de obra mais barata chega a alguns domicílios rurais, que buscam na atividade fabril um complemento da renda. Chega a municípios como Blumenau e Brusque, onde estão localizadas as principais indústrias têxteis, mas curiosamente onde não estão localizados as maiores concentrações de mão de obra subcontratadas relacionadas ao processo de costura. Outro fator a justificar a transferência da produção para outras empresas está relacionado com o custo da mão de obra.

Estudo feito por pequenas e médias empresas do setor têxtil, tendo por base cálculos e previsões, concluíram que subcontratar operações relacionadas à costura representaria uma diminuição considerável em seus custos fixos. Essa redução geral de custos representaria melhores condições de investimentos em maquinários mais sofisticados, em novos arranjos produtivos, para enfrentar a concorrência dos mercados.

No geral algumas empresas diminuíram seus custos de produção em até 20%. Se de um lado há uma redução do custo de produção, por outro lado o número de facções, de

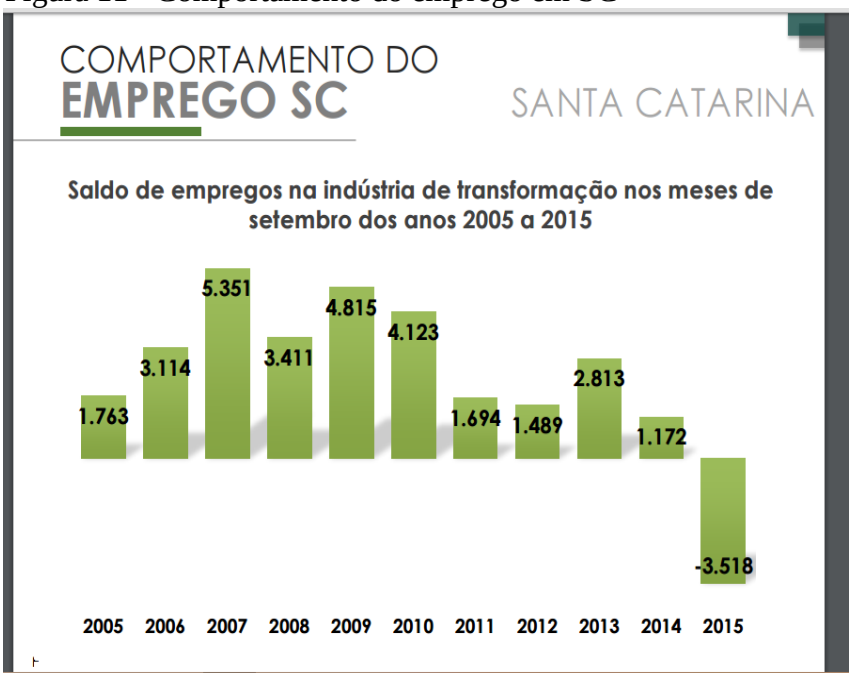
faccionistas encarregados de realizar o trabalho principalmente de costura, aumentou muito na região do Médio e Alto Vale do Itajaí.

A preocupação dos sindicatos ligados ao setor têxtil e das autoridades ligadas ao Ministério do Trabalho resumia-se numa indagação: de que maneira seria regulamentado esse processo de subcontratação?

No momento em que esses processos de subcontratação se tornaram mais frequentes, começaram os questionamentos e preocupações, sobretudo com o avanço da informalidade.

Diante dessa pergunta, verifica-se uma perda substancial no setor de transformação, no qual se inclui o setor têxtil. O gráfico da Figura 11 mostra o comportamento do emprego no setor de transformação em Santa Catarina.

Figura 11 - Comportamento do emprego em SC



Fonte: MTE- CAGED (2015).

Fazendo uma análise geral desses dados, percebe-se que no mês de setembro de 2015 o número de empregos em Santa Catarina caiu em relação ao de setembro de 2014. (-4.475 postos e variação de -0,2%).

Conforme o sumário executivo FIESC, a indústria de transformação também teve desempenho negativo (-3.529 postos e variação de -0,5%), sendo este o setor que mais contribuiu para o resultado geral. Comparando o mesmo mês em diversos anos, outubro de 2015 apresentou o pior resultado desde 2005. Esse decréscimo na oferta de empregos do setor de transformação sugere uma reestruturação nos vínculos empregatícios e realocações setoriais.

Com a redução do estoque de empregos, preocupa a realocação dessa mão de obra, o que sugere maior rotatividade. Se em anos anteriores, tomando como exemplo o ano de 2009, tínhamos uma oferta de pleno emprego, a situação começa a mudar com o fechamento de vários postos de trabalho

Conforme análise da FIESC, no acumulado do ano até outubro, o saldo de empregos da indústria de transformação catarinense foi de -12.010 postos, de um total de -17.140, sendo o terceiro mês seguido com desempenho negativo.

Fica evidente a importância dos empregos e sua concentração no setor. Sendo um dos setores que mais gera empregos, são previsíveis os efeitos desse processo de variação empregatícia e de realocações para outros setores.

3.4 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS FACÇÕES EM IBIRAMA

A presente pesquisa de campo foi realizada com 6 (seis) facções com domicílio em Ibirama, num universo de aproximadamente 160 facções registradas no cadastro sintético da prefeitura local. Cabe salientar que dessas 160 facções registradas, apenas cerca de 30 facções estão atuando de forma efetiva.

O critério de escolha das facções foi intencional, pois procuramos aquelas que melhor representariam os segmentos de terceirização, de subcontratação. Uma das questões a serem respondidas é referente à espacialidade dessas facções. Onde estariam localizadas essas unidades de produção e de serviços?

A metodologia de pesquisa foi baseada em entrevistas semiestruturadas com funcionários em seus locais de trabalho e depoimentos de proprietários de facções, além de depoimentos de outros envolvidos no processo de pesquisa.

Respeitando um aspecto de imagem e divulgação, e por questões éticas e autorais, alguns nomes foram trocados para preservar a identidade das empresas. Outras pessoas não se incomodaram de dar entrevistas com a própria identidade revelada por representarem uma categoria ou terem feito parte de um processo histórico.

O roteiro de perguntas foi elaborado tendo por base alguns aspectos que pudessem contribuir nas respostas das questões de partida da pesquisa. No sentido de melhor organizar os dados coletados e para facilitar a análise, o roteiro foi dividido em eixos, com questões que a princípio teriam maior reatividade. O roteiro das questões está no documento anexo A (p. 114).

No eixo 1 estão presentes questões que abordam aspectos relacionados à identificação das empresas, seu tamanho e sua constituição, com destaque para sua distribuição espacial.

No eixo 2, o quadro de trabalhadores, a importância da Hering na promoção e no desenvolvimento da região, proporcionando recursos ao município e promovendo, se maneira singular, treinamento e especialização da mão de obra feminina.

No eixo 3, questões ligadas à dinâmica interna das facções, contratadores, subcontratados. Destaque para os efeitos do processo de reestruturação produtiva, na medida em que algumas grandes diminuíram a mão de obra de seus parques fabris, vimos um crescimento considerável de pequenas e médias empresas no setor têxtil.

No eixo 4, verificou-se a dinâmica local e regional e a importância das facções para o município de Ibirama e região.

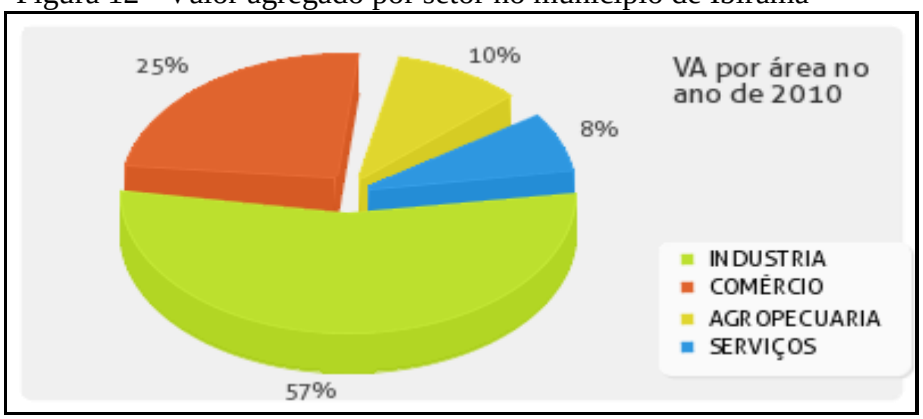
No eixo 5, relatam-se as angústias quanto ao presente e ao futuro do setor têxtil. Além disso, foram investigadas as empresas sob a ótica sócio-ambiental.

Sabe-se que alguns números sobre as facções em Ibirama não representam a totalidade citada. Muitas facções atuam sem registro, o que dificulta a coleta de alguns dados. No geral, foram buscadas mais informações sobre a dinâmica produtiva, inclusive quem seriam os contratantes, com perguntas de partida relacionadas à polarização econômica exercida por cidades como Blumenau, Brusque e Jaraguá sobre outras cidades menores, que constituem espaços de subcontratações.

Nos últimos anos o município vem perdendo espaço e renda no tocante ao PIB e à capacidade industrial, em comparação com outras cidades de mesmo porte, em relação aos números de Santa Catarina e até em relação ao Brasil.

A Figura 12 mostra no gráfico o valor agregado por setor econômico no município de Ibirama.

Figura 12 - Valor agregado por setor no município de Ibirama



Fonte: Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMAVI).

Verifica-se a concentração de 57% no setor industrial, principalmente do ramo têxtil, madeireiro e metal mecânico.

A indústria de transformação emprega um total de 3.561 trabalhadores, incluindo homens e mulheres. A ocupação com maior número de trabalhadores é a de costureiro (a) em máquina de costura e produção em série, dos quais 165 são homens e 1039 são mulheres.[9] Essa proporção de mulheres em relação aos homens evidencia a atividade que a maioria delas desenvolve no segmento da costura. Mesmo com um saldo equilibrado entre admissões e desligamentos, a informalidade preocupa, na medida em que não entram para as estatísticas e pode haver erros de análise no tocante aos níveis de ocupação formal do município. A faixa etária desses trabalhadores vai dos 30 aos 39 anos. Em seguida vamos analisar o número de facções em Ibirama, como representado no Quadro 3.

Quadro 3 - Distribuição espacial por bairros das facções em Ibirama

BAIRROS	**NÚMERO DE FACÇÕES**
25 de Julho	01
Anchieta	07
Areado	10
Bela Vista	14
Centro	33
Dalbérgia	21
Nova Stettin	13
Operário	02
Ponto Chic	27
Progresso	06
São Miguel	15
Taquaras	04
Rio Rafael	04
Rio Sellin	03
TOTAL:	**160**

Fonte: Prefeitura de Ibirama / Elaboração do Autor.

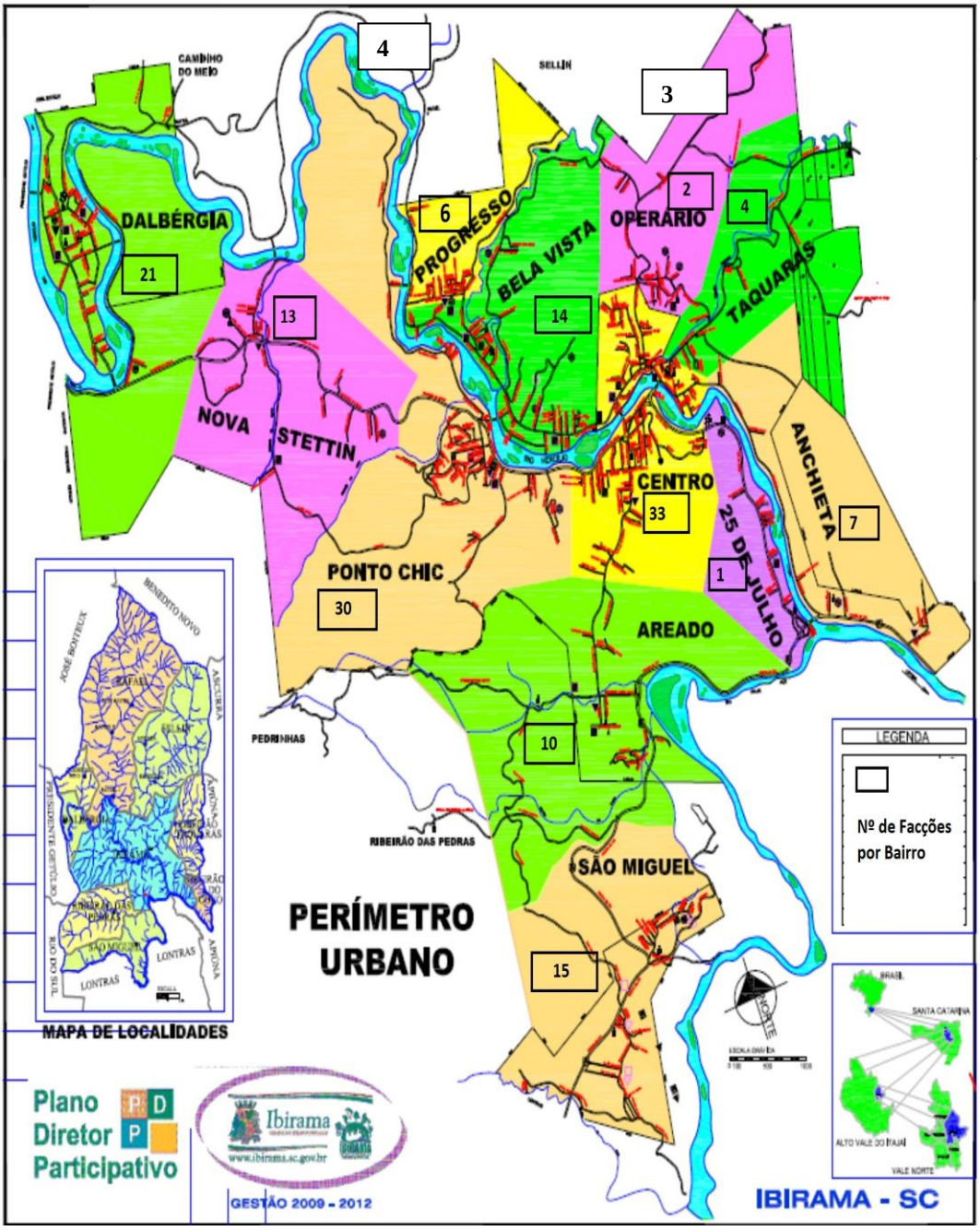
O quadro apresenta o número de facções existentes no município, por bairro onde funciona. Como uma das questões da nossa pesquisa se refere à espacialidade, importante

[9] Fonte – RAIS/MTE.

citar e também demonstrar geograficamente, a distribuição espacial dessas facções no município de Ibirama. É o que mostra o mapa da Figura 13.

Por apresentar uma área urbana que chega a 90% de seu território, é natural que essas áreas concentrem a grande maioria das facções. Algumas das facções não estão contabilizadas neste quadro, mas conforme levantamento realizado, teríamos mais 4 (quatro) facções no Rio Rafael e mais 3 (três) Facções no Rio Sellin, ambas localidades pertencentes à zona rural do município.

Figura 13 - Mapa de delimitação dos bairros de Ibirama, com o número de facções



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento / Adaptação do Autor (2016).

Conforme o Cadastro Sintético da Prefeitura de Ibirama, foram listadas 160 facções, distribuídas pelos bairros citados no quadro 3.

Cabem aqui algumas observações importantes a respeito desse cadastro sintético. Durante a pesquisa verificou-se certa relutância dos entrevistados em declarar a classificação da empresa. Pode ter sido por desconhecimento, mas o fato é que em muitas dessas facções os registros estão em desacordo com o número de empregados e seus rendimentos. Acontece, por exemplo, quando a empresa se classifica como MEI [10], mas não é MEI.

Para ser enquadrada como MEI, um microempreendedor individual, é necessário faturar no máximo R$ 60.000,00 por ano e não ter participação em outra empresa como sócio ou titular. Segundo o portal do Microempreendedor Individual, o MEI também pode ter um empregado contratado que receba o salário mínimo ou o piso da categoria. A Lei Complementar nº 128, de 19/12/2008 criou condições especiais para que o trabalhador conhecido como informal possa tornar-se um MEI legalizado. O portal de MEI esclarece que:

> entre as vantagens oferecidas por essa lei está o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), o que facilita a abertura de conta bancária, o pedido de empréstimos e a emissão de notas fiscais. Além disso, o MEI será enquadrado no Simples Nacional e ficará isento dos tributos federais (Imposto de Renda, PIS, Cofins, IPI e CSLL). Assim, pagará apenas o valor fixo mensal de R$ 45,00 (comércio ou indústria), R$ 49,00 (prestação de serviços) ou R$ 50,00 (comércio e serviços), que será destinado à Previdência Social e ao ICMS ou ao ISS. Essas quantias serão atualizadas anualmente, de acordo com o salário mínimo. Com essas contribuições, o Microempreendedor Individual tem acesso a benefícios como auxílio maternidade, auxílio doença, aposentadoria, entre outros. (PORTAL DO MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL). Disponível em: <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>.

Se por um lado o MEI veio tentar formalizar trabalhadores que viviam na informalidade, por outro lado criou alguns entraves, principalmente às prefeituras, que deixam de arrecadar impostos e taxas, mas devem fiscalizar essa modalidade de negócio.

A diferença entre um MEI e outras modalidades de empresa reside no registro, pois o MEI é cadastrado com o número do cartão de identificação de pessoa física.

As Microempresas – ME, por sua vez, são enquadradas de acordo com os rendimentos igual ou inferior a 360 mil reais. Já as empresas de pequeno porte – EPP são enquadradas com rendimentos que vão de 360 mil até 3.600.000.00, segundo a Lei n.º 123/06.

---

[10] Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e se legaliza como pequeno empresário.

Conforme o SEBRAE[11], existe ainda a classificação de acordo com número de empregados, em se tratando de indústria: Micro: com até 19 empregados: Pequena: de 20 a 99 empregados; Média: 100 a 499 empregados; Grande: mais de 500 empregados.

Esse aspecto do tamanho da empresa, tanto pelo critério de rendimento mensal quanto de número de empregados, foi uma surpresa. Claro que a classificação conforme o número de empregados é um critério utilizado pelo SEBRAE, para dimensionar a quantidade média do empreendimento. Para fins de pagamentos de tributos, vale a questão legal.

De forma geral, entre as seis facções pesquisadas predomina o enquadramento como microempresa.

As respostas sobre a classificação da facção por número de empregados foram mais fáceis de conseguir. Questões ligadas ao faturamento mensal das facções não foram plenamente esclarecidas; houve dificuldades de compreensão.

A variedade de rendimento mensal depende muito do número de empregados, bem como a modalidade de classificação da empresa. Por isso faremos a tabela das empresas visitadas citando sua classificação, número de funcionários e localização.

Quanto a sua classificação como atividade econômica, cumpre salientar que a atividade relacionada ao setor têxtil definida como facção é classificada com o código 1413-4/03. pela CNAE/IBGE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas).

Segundo o SEBRAE, esse código permite que a facção realize serviços industriais de facção de blusas, camisas, vestidos, saias, calças, ternos e outras peças do vestuário, inclusive roupas profissionais, roupas íntimas e de dormir.

No cadastro econômico sintético da Prefeitura, as atividades de facção/confecção recebem o Número 000000468. Esse número aparece como registro - 00000468 - Facção de Peças do Vestuário, exceto Roupas Íntimas.

Olhando o cadastro econômico, verifica-se que além da atividade principal, as empresas podem desenvolver outras atividades, tanto relacionadas a facção como a confecções, ou ainda outras atividades que não apresentem nenhuma relação com o setor em questão, que é o têxtil.

Alguns Estados do Brasil não aceitam o registro de “Facção”. Os registros estão com o nome de confecções.

---

[11] Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Quanto à explicação desse fato, algumas questões jurídicas estão presentes por entender, por exemplo, que a atividade de facção que envolve a mão de obra feminina e masculina não pode ser considerada mercadoria.

Sem adentrar a esfera do direito, cabe lembrar que algumas modalidades de subcontratações são condenadas por alguns sindicatos e juristas, por entenderem que esse processo, no geral, mais precariza as condições de trabalho e do trabalhador, do que ajuda em sua trajetória. No Quadro 4, as empresas participantes da pesquisa, com seu nome, sua constituição e dados reais.

Na análise mais pormenorizada, as empresas não serão citadas nominalmente, mas serão utilizados códigos numéricos para identificá-las. Abaixo, Quadro 4 com a nominata das empresas e número de funcionários, entre outros aspectos.

Quadro 4 - Dados das facções participantes da pesquisa. Eixo 1

Empresa	Nº de Trabalhadores	Fundação	Produto/Atividade	Endereço-Bairro
Hipnose Comércio& Confecções Eireli-ME	11	2000	Confecção e venda de jeans	Bairro Anchieta
Verônica Starke-ME	8	2008	Serviço de facção-Malhas	Bela Vista
J.R.F. Confecções	20	2000	Serviço de facção-Malhas	Bela Vista
D'Anggels Confecções LTDA	24	2000	Serviço de Facção- Malhas	Ponto Chic
Confecções Heusser LTDA-EPP	84	1994	Serviço de facção-malhas	Ponto Chic
LKJ Confecções LTDA EPP	84	2002	Serviço de facção-malhas	Ponto Chic

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (2016).

Quanto à utilização de nomes e endereços, correspondem à verdade, com a devida autorização dos proprietários, mas convém alertar que os números não correspondem à sequência da tabela. A análise será de cunho qualitativo, com uso de tabelas e depoimento dos pesquisados.

O eixo 1 do roteiro trata de questões referentes ao início do empreendimento, experiências prévias no setor e auxílio do município para iniciar o negócio. Apresentam as

seguintes informações: das 6 facções pesquisadas, em 4 delas os responsáveis afirmaram já terem experiências anteriores no setor têxtil. Muitos destacaram que já fizeram parte, por exemplo, da Hering. Destacam a dificuldade de começar um negócio.

Dentre muitos fatores que dificultaram o início das atividades, muitos relatam a falta de capital de giro, inexperiência, falta de orientação de algum segmento sobre o andamento do negócio.

As queixas envolvem desde a falta de apoio do governo municipal até de outras entidades no Brasil. O domicílio de atuação das facções em sua maioria é próprio, ou seja, adquiriram terreno e construíram seu empreendimento.

O proprietário da facção 1 relata que já mudou sua facção três vezes, por não conseguir adquirir um terreno próprio. E que não conseguiu nenhum apoio do município para adquirir uma área onde construir as instalações.

Complementa:

> *O aluguel que pago, hoje gira em torno de 1500 reais mês, o que representa uma despesa extra que não teria. Toda vez que preciso mudar minha malharia, tenho que adaptar melhorias para poder funcionar. Só de instalações elétricas vai uma grana para deixar do jeito que a vigilância quer. Pra eu tirar esse dinheiro de volta demora muito.*

O poder público municipal ajudou na terraplenagem de uma das facções, conforme relato. De forma geral houve muitas queixas quanto à atuação do município. Destacam que talvez os detentores do poder, representantes e gestores municipais não percebam a importância que o setor tem para a comunidade.

Diante desse abandono, falta de incentivo e até fiscalização, elencaram algumas sugestões, que serão apresentadas oportunamente. Uma característica interessante também é perceber que a grande maioria das facções tem algum parente como responsável.

Quatro dessas facções estudadas começaram como “facções de fundo de quintal”, onde além do domicílio como unidade familiar de moradia, servia a outra finalidade quando se transformava numa pequena unidade de produção.

As questões do eixo 2 focam sobre a mão de obra que é empregada nas facções, a quantidade de trabalhadores e se empregam algum ex-funcionário da Cia Hering. Essa questão se justifica porque a Cia Hering foi a pioneira em Ibirama e muito influenciou a qualificação da mão de obra feminina e até masculina, em virtude de ministrar cursos de mecânica de máquinas para os homens, mão de obra masculina cada vez mais necessária e presente nas malharias, confecções e facções.

Da mesma forma nota-se que a mulher exerce menor número de atividades relacionadas à mecânica, por exemplo, embora, de maneira geral, ainda seja a mão de obra feminina que se sobressai nas facções pesquisadas, com índice de 82%, contra 18% da mão de obra masculina.

Até aí não há nenhuma novidade quanto a essa proporção. O trabalho fabril têxtil ainda tem forte presença feminina. No geral, em comparação com anos anteriores, houve uma redução na demanda de trabalhadores.

A sócia proprietária da facção 2 afirma: *No ano passado (2015), tínhamos 20 costureiras direto na empresa. Tínhamos dois turnos. Hoje reduziu mais da metade. Não tinha serviço e às vezes eu tinha que pagar por elas paradas.*

A responsável pela facção 6 afirma:

> *O ano passado tínhamos cerca de 100 costureiras, e segundo a produção poderíamos ampliar as instalações. Porém, com esta crise, ficamos com medo e preferimos continuar com 84 costureiras, mas fazendo uma produção de acordo com o pedido da empresa.*

Uma das observações feitas é quanto ao volume de mão de obra disponível no mercado. Os faccionistas relatam que não tem problemas em achar mão de obra para suas empresas. Porém, ressaltam que há uma rotatividade muito grande em comparação com anos anteriores. Se nos tempos da Hering havia um mínimo de identificação com a empresa, por exemplo, hoje a identificação com a empresa é elevada a outro patamar.

Palavras como identidade e cooperação são substituídas por segurança, valorização salarial, cumprimento dos direitos trabalhistas. A qualidade exigida anteriormente é substituída pela quantidade, pela produção, nas diversas operações da facção.

O Quadro (5) apresenta a proporção entre mulheres e homens no trabalho têxtil das empresas pesquisadas.

Quadro 5 - Referente à proporção de trabalhadores empregados nas facções. Eixo 2

Empresa	N.º de trabalhadores	Homens	Mulheres	Trabalhadores residentes no município de Ibirama	Usam transporte da facção
1	11	4	7	todos	não
2	8	2	6	odos	sim
3	20	3	17	todos	sim
4	24	3	21	todos	não
5	84	16	68	2 de Presidente Getúlio	sim
6	84	14	70	todos	sim

Fonte: elaborado pelo autor.

Outros aspectos deste eixo referem-se ao trabalho de imigrantes no setor. Nas facções pesquisadas não há imigrantes contratados.

Apenas em 2015 uma família de paraguaios trabalhou na facção 3 durante algum tempo. Necessário esclarecer porque Ibirama é município limítrofe de Presidente Getúlio, que emprega mão de obra de imigrantes haitianos.

Os imigrantes haitianos que vieram para Presidente Getúlio em 2014 foram contratados por uma grande empresa do setor alimentício, para suprir sua necessidade de mão de obra. O município de Rio do Sul também recebeu grande parcela desses imigrantes. Em Presidente Getúlio, segundo informações da empresa, trabalham 41 haitianos.

Em Rio do Sul, cerca de 200 haitianos trabalham na empresa. Em Presidente Getúlio, esses haitianos foram bem-vindos para suprir a carência dessa mão de obra. Atualmente já se verifica expansão dessa mão de obra imigrante para outros setores da atividade econômica.

Passado o período de dificuldade inicial e vencidas as barreiras culturais, outras empresas estão absorvendo essa mão de obra, inclusive algumas facções de Presidente Getúlio. Algumas mulheres haitianas já estão trabalhando em facções como revisoras. Este esclarecimento é necessário porque a busca desses imigrantes foi de iniciativa privada, mas o poder público vem auxiliando com políticas de assistência social.

Outro fato que se constata nesse município e também no município de José Boiteux é a utilização de mão de obra indígena no setor de confecção e na facção. Algumas empresas fornecem o transporte, ou seja, buscam a mão de obra indígena em José Boiteux, até mesmo na própria reserva Indígena Laklãnõ.[12]

Com relação ao transporte, verificou-se que alguns funcionários ainda recebem o transporte fornecido pelo contratante, embora a tendência seja diminuir. Um dos motivos é a evolução dos meios de transporte e a oferta de trabalho, e grande parte dos trabalhadores procuram colocação perto de sua residência.

Quando a Cia Hering estava em seu auge, com grande número de empregados, mantinha uma frota de ônibus exclusivos para a empresa, de municípios vizinhos e de lugares distantes do interior do município. Eram mais de cinco ônibus que faziam esse transporte local-regional. Hoje vemos poucos ônibus, algumas vans e kombis realizando o transporte.

---

[12] Laklãnõ – Terra indígena formada por nove aldeias, abrigando cerca de 3000 índios, fazendo fronteira com os municípios de José Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho. Abriga também a Barragem Norte do Rio Itajaí do Norte (ou Rio Hercílio).

Dependendo do tamanho das micro, pequenas e médias empresas, esse tipo de transporte é suficiente para atender a demanda da empresa. A facilidade para adquirir carros e motos fez com que se reduzisse o número de ônibus em circulação.

A proprietária da facção 6 comenta:

> *Quando abrimos nossa empresa, contratávamos costureiras até de Presidente Getúlio. Fizemos um acordo com a empresa de ônibus, para trazer as costureiras das outras facções. O ônibus deixava elas na porta. Hoje muitos empregados vêm de carro, de moto, de "BIZ"[13]. Hoje tenho que me preocupar com estacionamento.*

Isto reflete também uma realidade no Brasil, da era Lula, quando o acesso a automóveis e motos foi facilitado, com financiamentos e taxa de juros atraentes, de tal forma que o trabalhador poderia planejar sua compra.

Outro detalhe do transporte, do proprietário da facção 3:

> *O ano passado eu tinha costureiras de vários lugares do município. Hoje eu tenho apenas uma costureira que mora longe. Vou buscá-la porque ela é uma boa costureira. Mas daqui a pouco não vai dar. Desde o momento em que ela estiver em trânsito, seja indo embora ou vindo para o trabalho, ela está ganhando hora extra.*

Sobre esse assunto não existe unanimidade na justiça do trabalho. O fato é que em regiões de difícil acesso, onde não há o transporte coletivo, o Tribunal da Justiça do Trabalho entende que essas horas de deslocamento devem ser levadas em conta para fins remuneratórios. Há vários e vários casos na justiça do trabalho, sobre esse tema. Geralmente, quando verificadas essas situações de dificuldade de locomoção aliada à inexistência de transporte público eficiente, as decisões tendem a ser favoráveis ao trabalhador.

Outro item deste eixo 2 refere-se à existência de ex-trabalhadores da Hering em seu quadro de funcionários.

Uma das questões-chave da pesquisa também é a importância da instalação de uma filial da Empresa Hering, em 1976, para a região. De que forma sua vinda impactou a dinâmica espacial local e regional[14]?

De forma geral, verificou-se que em todas as facções pesquisadas, no mínimo uma costureira fez parte do quadro de funcionários da Hering. A responsável pela facção 2 relata: *"Fiz parte das primeiras funcionárias da Hering, e dói ver nossa Hering assim desse jeito"*.

Duas observações podem ser destacadas nessa afirmação. A primeira ressalta a realidade que a pesquisa quer mostrar: várias proprietárias de facções foram empregadas da

---

[13] Motocicleta da marca Honda, tipo *scooter*, lançada no Brasil em 1998. Por ser econômica e de fácil condução e permitir o uso de saia, ganhou a simpatia das mulheres.

[14] Ver conceitos de escalas em Souza (2013, p. 106-111).

Cia Hering. Aproveitaram a "saída" da empresa para montar sua facção. Detalhe importante: no início dos anos 90, a Hering faccionava muitos artigos na região. A segunda afirmação evidencia o caráter de identidade criado pela empresa. Mesmo de longe, elas acompanharam o desenrolar do processo de reestruturação pelo qual passou a empresa. Prova disso foi o fechamento da unidade de produção de Rodeio, em outubro de 2015, e de forma até surpreendente, o fechamento da unidade de produção de Ibirama[15] agora em janeiro de 2016.

A Hering trouxe para a região do Alto Vale o que podemos chamar de "especialização da mão de obra feminina", através de programas de treinamento e especialização em operações produtivas.

Através de um sistema de treinamento desenvolvido pela empresa desde a década de 1950 em suas unidades em Blumenau, a Hering priorizava a especialização de costureiras em determinadas operações, contribuindo para a maior eficiência e eficácia na produção. Essa especialização, que a partir de 1997 contou com a parceria do SENAI[16], contribuiu para o treinamento de quem entrasse na empresa.

Por outro lado, essa especialização em apenas uma operação produtiva dificultou a adaptação nas facções de costureiras egressas da Hering. Apesar de a Hering desenvolver métodos diferenciados na busca da melhor eficiência produtiva e organizacional, prevalecia ainda o modelo de especialização operacional.

Enquanto a Hering desenvolvia uma linha de produção com artigos definidos, com razoável material agregado – e a produção desses artigos exigia um tempo considerável – as facções ostentam uma temporalidade breve e numérica no que se refere a artigos e peças costuradas. É frequente a troca de artigos de costura nas facções, porque a contratante muitas vezes se obriga a entregar às licenciadas esses artigos com várias ordens. Reside aí uma dificuldade de atuação de costureiras que, acostumadas a um processo de especialização produtiva, deparam-se com inúmeras funções que terão de desempenhar, devido à variação dos artigos e das máquinas para confeccioná-los.

As questões do eixo 3 envolvem questionamentos relacionados à dinâmica interna de funcionamento de uma facção e de aspectos externos quando se trata de contratantes. Foram pesquisadas questões relacionadas aos tipos de operações executadas no interior da facção, quais artigos são costurados e o número aproximado da produção num período mensal, como se vê no Quadro 6.

---

[15] Os detalhes da fundação da Hering foram comentados na primeira seção da dissertação. Os do fechamento de suas atividades em Ibirama serão comentados na seção 3.

[16] Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Quadro 6 - Dinâmica de funcionamento de uma facção/Operações realizadas. Eixo 3

Empresa	Contratador/ cidade	Facção	Confecção própria	Operações (1)corte (2)costura (3)embalagem (4) venda	Artigos	Nº de peças por mil
1			x	1, 2, 3, 4	Calças, bermudas jeans	8000
2	Faquini/Blumenau Lunender/pomerode	x		2	Camisetas bermudas de malhas	58000
3	Malwee/Jaraguá	x		2	Calça, jaquetas, vestidos, blusas- malha	25000
4	RR/Blumenau HJ Hering/Gaspar; Vila-Blumenau	x		2	Camisa polo	20000
5	Brandili/Apiuna	x		1, 2	Bermudas, calças de moletom	120000
6	Brandili/Apiúna	x		1, 2	Camisa, regatas, blusa de moletom	150000

Fonte: elaborado pelo autor (2016).

Uma das questões formuladas aqui era sobre o grau de polarização que cidades como Blumenau, Brusque, Jaraguá, Pomerode e Gaspar exerciam sobre a dinâmica produtiva local. Notamos que os pedidos, os serviços de facção provêm majoritariamente dessa região, através das "Pequenas e Médias Empresas Têxteis", o que Lins (2000) chamou de PMEs.

O tipo, a modalidade de contratação e subcontratação serão vistos mais adiante, quando analisaremos esse processo na cadeia produtiva regional. De forma geral, o trabalho faccionado é responsável pela dinâmica econômica local-espacial. Nesse caso, estamos falando de cadeias controladas principalmente pelos compradores de médias e pequenas empresas, mas também de grandes cadeias varejistas. Raulino (2008) ressalta que a subcontratação pode ocorrer em cadeias produtivas comandadas tanto pelo produtor quanto pelo comprador. Lembra ainda que no topo das cadeias comandadas pelo produtor encontram-se as grandes empresas transnacionais, enquanto no topo das cadeias comandadas pelo

comprador estão as grandes corporações (Wal-Mart, C&A); e na base, médias e pequenas empresas subcontratadas.

Na pesquisa realizada, a grande maioria das empresas pesquisadas presta serviço para as pequenas, médias e grandes empresas têxteis (Brandili, Malwee, Fakini, Lunender).

Temos o caso de uma confecção de jeans que fabrica e vende sua própria marca. Segundo o proprietário da confecção 1:

> *Tentamos ter em nossa empresa uma unidade de costura. Pegávamos o Jeans, em regiões do sul de Santa Catarina, como Imbituba talhávamos e fazíamos a calça. Tínhamos sérios problemas com a produção. Costurar o jeans demanda um investimento em máquinas mais pesadas, com um processo de depreciação menor e com mão de obra especializada. Não deu certo. Vendemos nosso maquinário, inclusive para nossa ex-funcionária, que nos pagou em produtos. Ela conseguiu fazer produção, trabalhando em casa. Hoje faccionamos o serviço de costura em municípios vizinhos, como Lontras, Rio do Sul, Laurentino.*

O fato chama a atenção pelo detalhe de que Ibirama apresenta mais uma confecção de jeans e está próximo a Rio do Sul; e esse município é considerado o polo do jeans. Existe todo um processo de organização produtiva em torno desse polo industrial do jeans, que abrange desde a produção, etiqueta, comercialização e montagem de centros de venda ao comerciante atacadista e varejista que passa pela cidade, através da BR 470.

A atividade de costura de malhas é a que se sobressai em Ibirama. As operações de costura envolvem principalmente máquinas de porte simples. E com o avanço tecnológico no setor da produção têxtil, é possível uma facção realizar a tarefa de produção, com máquinas simples, usadas. Porém, dependendo do prazo e da qualidade desejada, será preciso investir em equipamentos novos.

O avanço da tecnologia não se refere só às máquinas. A integração tecnológica é uma realidade. A automação, uma necessidade. Citamos a máquina por se tratar de um elemento fundamental na relação Mulher/Homem-tempo-produção.

Autores como Marx (1985), Braverman (1987), Coriat (1976) e Gorz (1989), através de suas obras e análises, nos fornecem contribuições importantíssimas sobre a influência da máquina sobre a produção.

Se por um lado o maquinário acelera o processo de produção, provocando um benefício ao seu proprietário, por outro lado aumenta o processo de mais-valia relativa em relação ao trabalhador, que não recebe sobre essa produção excedente gerada pela mecanização da produção. Analisar o processo de produção e os impactos gerados pela tecnologia no mundo do trabalho requer uma contextualização mais apurada. Hoje em dia os

investimentos em tecnologia, assim como o trabalho terceirizado, subcontratado seguem uma lógica, uma dinâmica centro-periférica.

Enquanto temos facções com maquinários novos e uma política de investimentos bem organizada, temos facções com maquinários mais usados, depreciados. Por exemplo: a facção 5, através de seu encarregado de produção, justifica o investimento:

> *Adquirimos uma máquina de pregar botões, com um valor de 12.500,00. Ela faz um trabalho e tanto. Antes a gente tinha 3 pessoas por turno para pregar botões. Com esta máquina, temos apena uma pessoa para fazer a operação*.

Comenta ainda:

> *Nossas máquinas têm uma idade de produção útil de cerca de 5 anos. Depois disso a gente troca. Ou a gente dá em troca no negócio com a empresa que nos vende, ou a gente vende para as facções pequenas, que tem máquinas mais antigas.*

Fica evidente que o investimento em máquinas mais modernas no processo de produção e até de automação não é uma realidade geral. Além do exemplo da máquina de pregar botões, temos vários outros em que, para o dono do capital, esse investimento se torna vantajoso.

Se colocar em análise, os benefícios entre você ter seis funcionárias para fazer uma operação e você puder diminuir esse número para duas, com a mesma produção, claro que a opção será por aquela que diminuirá seu custo de produção.

As quatro funcionárias que serão dispensadas, desligadas da função, irão representar uma parcela do grande número de mulheres trabalhadoras que engrossarão a estatística do setor têxtil que serão realocadas para outros setores.

A compra e venda de maquinários segue também uma lógica regional. Grande parte das máquinas e pequenos aparelhos utilizados no processo de costura nas facções provêm de lojas especializadas da região de Blumenau. São máquinas em sua maioria importadas da China, da Alemanha e da Itália (IEMI/SECEX-2015). O processo de importação de máquinas e equipamentos sofreu uma queda acentuada nestes últimos 4 anos, sobretudo no setor de confecção e vestuário (SINTEX-2015). A justificativa maior é a desvalorização de nossa moeda em comparação com o dólar. De todo o segmento têxtil (fiações e confeccionados), o último segmento é o que apresenta uma defasagem maior no tocante a investimentos em maquinários, sobretudo nas facções.

A atividade faccionista centra na prestação de serviços sua principal atividade. Para tanto, facciona os serviços de costura em peças com menor valor agregado e menor

complexidade, como peças de malha ditas de cima, por exemplo: camisas, camisetas, regatas; e peças de baixo, como bermudas, shorts e calças de moletom.

Com o dinamismo comercial, com a abertura econômica dos mercados e as crescentes flexibilizações, as PMEs, repassam aos faccionistas uma gama de produtos desenvolvidos por estilistas que atuam nas grandes empresas, conforme exigências do mercado. Essas flexibilizações do mercado influenciam o sistema de produção das facções. As chamadas "modinhas" envolvem produções conforme as estações do ano e o mercado contratante.

A produção mensal de peças tem relação direta com a estação do ano em questão. Produtos de verão são mais simples de costurar e envolvem menos operações. Já os produtos de inverno, por serem mais pesados, envolvem um tempo maior de produção, devido a alguns detalhes na confecção, como capuz, etiquetas, cordões, entre outros.

Os insumos para a costura das peças como linhas, agulhas, aparelhos, podem ser de duas ordens. Existe a modalidade em que as PMEs, contratam o serviço de facção fornecendo esses insumos. Outra modalidade envolve apenas a contratação, ficando os insumos a cargo da facção contratada. Embora muitos desses insumos sejam importados, implicando variação do preço final da peça a ser costurada conforme a flutuação do câmbio, nem sempre as PMEs contratantes repassam os reajustes às facções contratadas. Assim sendo, é um desafio pesquisar as facções têxteis num âmbito local-regional sem perder de vista o mercado mundial e suas implicações.

O preço por peça que principalmente as MPMEs do Vale do Itajaí praticam tem relação direta com a realidade do custo dos insumos importados. O sócio proprietário da facção 3 salienta:

> *Ás vezes o preço por peça vem definido, por exemplo 0,80 o preço da peça de uma jaqueta, sem fornecer as linhas. Tenta-se negociar, porém não tem jeito. Se a gente não aceitar, as empresas contratantes repassam para outra facção. Entre eu ganhar um pouco e não deixar meus empregados sem serviço, a gente aceita. Mas veja, o preço de tudo subiu, água, energia, linha. O sindicato também fixou o piso mínimo de uma costureira. Claro que uma costureira não irá trabalhar pelo piso mínimo. Tá difícil.*

Esse relato reflete o caráter transitório que envolve muitas subcontratações. Por outro lado, existem facções que se tornaram mais sólidas e ampliaram suas instalações, a sua capacidade produtiva devido a um regime mais fiel de subcontratação, de terceirização, como se percebe no relato da proprietária da facção 6:

> *Se temos algumas coisas hoje em nossa vida é devido ao nosso trabalho, mas também o contrato de trabalho que temos com a Brandili, que desde 2002 fornece material para gente, pagando sempre em dia e garantindo serviço, mesmo nos*

> *momentos de crise. Temos uma produção muito boa, com qualidade, e nossa produção representa hoje cerca de 20 % da Brandili*.

Casos como esse caracterizam alguns contratos de exclusividade na região em estudo. Tomando como base dados não oficiais, encontra-se apenas uma minoria de facções com essa exclusividade de contratação.

Grande parte das facções trabalha com subcontratações temporárias. Muitas vezes essas facções recebem pedidos das MPEs contratantes e acabam ainda repassando mais uma vez o trabalho de costura, subcontratando um trabalho domiciliar. Essa empresa, por sua vez, fazendo um estudo sobre o custo diferencial entre produzir, costurar a peça e faccionar, muito logicamente, contrata outra empresa para realizar a tarefa. E em geral isso representa uma economia sobre o produto final. A produção não enfrenta riscos apenas na questão do preço. Outros custos, como, por exemplo, da mão de obra, fazem o processo de subcontratação ser mais seguro e rentável.

Dentre as facções que recebem esse tipo de serviço, duas confessaram, através de seus responsáveis, que repassam mais uma vez o trabalho que recebem. Trata-se de uma nova forma de subcontratação quando você ainda repassa algo que já é caracterizado como subcontratação. Apesar de reconhecer que fazem isso, fica claro que este repasse de serviço envolve facções de fundo de quintal, que trabalham na própria casa em que residem.

Para a pesquisa resta a incógnita de não saber sequer o número aproximado dessas minifacções, pois as facções que repassam o serviço não comentaram sobre quantas facções domésticas existem.

O trabalho doméstico evidencia outra rede de facções, muitas delas não regulamentadas pela prefeitura e demais órgãos. Sem vínculos trabalhistas segundo a CLT, sem nenhum contrato escrito, o trabalho é desenvolvido informalmente entre familiares, vizinhos e amigos.

O eixo 4 trata de questões relacionadas à capacidade das facções em matéria de integração, cooperação, desenvolvimento local e regional.

Outro aspecto levantado foi o número de facções que obtiveram o selo da ABVTEX, esclarecendo as consequências de possuir ou não esse diferencial.

A falta de integração e de cooperação regional é uma realidade no setor. Apesar dos esforços por parte de segmentos do governo municipal e dos representantes do setor têxtil, algumas iniciativas não obtiveram o resultado esperado.

O responsável pela facção 1 relembra:

> *No ano de 1997, o Município de Ibirama tentou formar um núcleo têxtil que resultaria numa grande empresa do setor. Vários empresários do setor contribuíram com um valor em dinheiro, cujo objetivo era desenvolver o setor, formando uma empresa cooperativa, onde se lançaria uma marca própria. Não deu certo porque ninguém queria abrir mão de sua empresa e investir em outra. O projeto não teve continuidade*.

Apesar de algumas tímidas iniciativas de integração entre a cadeia produtiva têxtil local e outros municípios vizinhos, não existe um projeto em nível regional. A concorrência do setor é bastante acirrada. Se há um tímido esforço de integrar a região com outros polos produtivos, há uma constante busca de melhores mercados e preços. Entre as facções não se desenvolve um trabalho efetivo de cooperação. Há forte competição para conseguir as melhores empresas contratadas e garantir seu serviço. Muitas vezes essa concorrência chega a ser desleal. O máximo de cooperação de que tivemos notícia é o compartilhamento de alguns equipamentos para produção. Devido à variedade de artigos para costura, vários aparelhos precisam ser acoplados à máquina de costura, cujo preço é considerável, razão pela qual existe a prática de trocá-los entre as facções. Outro fator levantado pelas facções diz respeito à contratação de trabalhadores, em que existe um informal código de ética a regular tais contratações. Por exemplo: é costume não contratar funcionárias que vão pedir emprego na facção 2, sem ter se desligado totalmente da facção1. No quadro (7), alguns dados referentes à pesquisa, sobre o eixos 4 e 5.

Quadro 7 - Facções com o selo ABVTEX/dificuldades e ações ambientais

Empresa	Possui selo ABVTEX	Realiza trabalho cooperado/ integrado	Maiores dificuldades (1)financeira (2)mão de obra (3)instalações (4) incentivos (5) outros	Ouviram falar em desenvolvimento sustentável	Há um desenvolvimento de política ambiental
1	não	não	1 e 4	sim	sim
2	sim	não	4	Sim	Sim
3	sim	não	1 e 4	sim	sim
4	não	sim	4	sim	sim
5	sim	não	4	sim	sim
6	sim	não	4	sim	sim

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (2016).

Um dos assuntos pesquisados e que gerou bastante discussão refere-se ao selo da ABVTEX.[17]

Criado pela Associação Brasileira do Varejo Têxtil em 1999, o selo da ABVTEX visava certificar as empresas do varejo têxtil no que diz respeito à responsabilidade social, ao seu grau de formalização e ao combate à concorrência desleal e fraudulenta.

A ABVTEX surge num momento em que entidades de combate ao trabalho escravo e ao trabalho infantil denunciavam a utilização dessa mão de obra em setores da produção têxtil em cidades como São Paulo, por exemplo.

Empresas do setor ditas gigantes do varejo obtiveram esse selo com o objetivo de mostrar sua preocupação com o tipo de trabalho que era utilizado para produzir suas peças.

No âmbito federal, a ABVTEX tem atuado em parceria com a Secretaria dos Direitos Humanos para combater o trabalho escravo de imigrantes, tráfico de pessoas e trabalho forçado de pessoas.

A CONATRAE (Comissão Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo) atua em conjunto com outras secretarias, buscando formar uma rede que denuncia, que investiga e que pune, caso encontre situações irregulares de trabalho.

A ABVTEX regulamenta os compromissos das empresas fornecedoras com as empresas contratadas, o que a associação chama de subcontratada. Interessante que a ABVTEX admite o termo subcontratada para identificar um grupo ante os fornecedores.

Para obter o selo dessa Associação Têxtil, tanto fornecedores quanto as subcontratadas terão que respeitar e se adequar às várias exigências técnicas e sociais. A seguir, algumas normas de adequação para fornecedores e subcontratados.

Normas para fornecedores:

> a) fazer a sua adesão à Certificação;
> b) seguir as diretrizes e atender aos critérios e requisitos descritos no Regulamento da Certificação;
> c) agendar as suas auditorias de certificação e recertificação com algum dos organismos de certificação credenciados;
> d) contratar os organismos de certificação credenciados para a realização das auditorias previstas, arcando com as despesas de contratação;
> e) investir os recursos necessários para adequação da sua empresa aos requisitos da Certificação;
> f) comunicar formalmente os seus subcontratados sobre a Certificação;
> g) estimular e apoiar a adesão e adequação à Certificação por parte dos seus subcontratados;

[17] A ABVTEX - Associação Brasileira do Varejo Têxtil, fundada em 1999, representa as principais redes do varejo nacional que comercializam vestuário, bolsas e acessórios de moda, além de cama, mesa e banho. Disponível em: <http://www.abvtex.org.br/pt/quem-somos>.

> h) controlar a adesão e adequação dos seus subcontratados à Certificação para que estejam certificados dentro do prazo estabelecido;
> i) informar corretamente a lista de subcontratados que produzem mercadorias para as empresas varejistas participantes, submetendo a lista a uma avaliação durante o processo de auditoria;
> j) manter relações comerciais somente com aqueles subcontratados que se certificarem, conforme critérios e prazos estipulados no Regulamento;
> k) informar as empresas varejistas envolvidas na Certificação e com as quais mantêm relações comerciais, sobre os resultados de seu processo de certificação e de seus subcontratado. (ABVTEX - Associação Brasileira do Varejo Têxtil. Disponível em: <www.abvtex.org.br/cartilha>).

Por outro lado, os chamados subcontratados também mantêm uma série de adequações:

> a) fazer a sua adesão à Certificação;
> b) seguir as diretrizes e atender aos critérios e requisitos descritos no Regulamento da Certificação;
> c) agendar as suas próprias auditorias de certificação e recertificação com algum dos organismos de certificação credenciados;
> d) contratar os organismos de certificação credenciados para a realização das auditorias previstas, arcando com as despesas de contratação (exceto nos casos em que o fornecedor optar por assumir os custos de auditoria de seus subcontratados);
> e) informar os fornecedores diretos do varejo – para os quais prestam serviços – sobre os resultados de seu processo de certificação. (ABVTEX – Associação Brasileira do Varejo Têxtil. Disponível em: <www.abvtex.org.br/cartilha>).

Importante esses esclarecimentos sobre a ABVTEX, para melhor compararmos sua atuação na cadeia têxtil produtiva no Vale do Itajaí.

Das 6 facções pesquisadas, 4 possuem o selo da ABVTEX e 2 não. Uma das facções que não possui o selo de certificação funciona em sistema de cooperativa.

Enquanto a grande maioria das facções agrega o trabalho de administração familiar, com chefias de produção e encarregados, a facção 4 conta com o que eles chamam de "sócios cotistas"

A facção começou com dois irmãos egressos da Hering. Com o passar do tempo foram agregando funcionários, mas não queriam compromissos com eles. Surgiu a ideia de montar um sistema de cooperativa, através dos sócios cotistas. Cada pessoa que resolvesse fazer parte do sistema deveria entrar com certa cota em dinheiro e máquinas para compor a produção.

Um dos sócios cotistas entrevistados afirma:

> *Hoje temos esta cooperativa e funciona bem. O total produzido no mês é dividido de acordo com o número de horas trabalhadas. Em média, ganhamos mais do que em firma comum. Fazemos muita produção. Todos têm de produzir. Quanto mais produz, mais ganha.*

Perguntado sobre a ABVTEX, ele responde:

> *Eu acho uma boa, nós não temos porque faltam alguns ajustes, quanto a instalação e algumas documentações. Apesar de termos alvarás, estamos com problemas junto a justiça do trabalho, porque eles não conseguem entender como esta cooperativa funciona, já que tem 20 e poucos sócios. Tivemos algumas audiências, eles vieram até aqui, fizeram um monte de perguntas, e saiu balançando a cabeça dizendo que isto não está certo, não está certo, mas temos o alvará de funcionamento*.

O responsável pela facção 2 acha importante o selo, mas deveria haver mais fiscalização, para que todas tivessem. Comenta: *"A gente gasta bastante dinheiro na adaptação da forma como eles querem, isso vai um dinheirão. Mas a gente sabe de muitas que recebem o serviço da mesma firma sem ter este selo".*

Por outro lado, o responsável pela facção 5 ressalta a importância do selo:

> *A grande maioria das empresas que fornecem serviço procuram e exigem que nós tenhamos o selo da ABVTEX. Isto é também uma segurança para nós. Sabemos de casos em que a funcionária colocou a empresa no pau*[18] *e eles não tinham ABVTEX, se deram mal. Soube que agora uma das primeiras perguntas que o juiz faz é se a empresa tem o selo.*

Conversando com os responsáveis pelas facções, apurou-se o grande número de processos na justiça do trabalho (Ministério do Trabalho). Segundo eles, a facção que tiver o selo da ABVTEX pode ter o apoio da fornecedora em processos na justiça do trabalho.

Um grande temor por parte dos faccionistas são os processos na justiça trabalhista. Com a modalidade de subcontratação, vários casos se arrastam na justiça com a seguinte alegação: "Caso uma funcionária da facção 3 resolva entrar na justiça do trabalho, por alegar o não pagamento do total de horas trabalhadas. A facção por sua vez trabalha de forma exclusiva para uma PME, que por sua vez recebeu o lote de serviços de uma grande empresa varejista. A empresa varejista não repassou o pagamento a PME, que por sua vez não efetuou o pagamento às facções. De quem a justiça terá que cobrar esse débito?"

Alguns teóricos entendem esse mercado como terceirização, mas não é visto assim pela jurisprudência de alguns tribunais. Por vezes, assim como Lins (2000), tratamos neste trabalho os termos subcontratação e terceirização como sinônimos de um mesmo processo. Mas, conforme o TST, há uma diferença de natureza entre a terceirização e o contrato de facção.

A facção é entendida como uma figura "híbrida", com elementos da terceirização. Para o Tribunal, essa figura híbrida decorre do processo dinâmico de realocação produtiva, visando à redução de custos.

---

[18] Expressão usada no meio trabalhista para dizer que o empregado entra com ação contra a empresa na Justiça do Trabalho.

Segundo o Tribunal, não existe exclusividade de serviços por parte das empresas contratadas, pois em geral elas prestam serviços a outras empresas. Em virtude dessa compreensão do fenômeno de facções, de a subcontratação fazer parte de uma etapa do processo de terceirização, geralmente o Tribunal tem dado ganho de causa às empresas contratantes.

Um dos aspectos que fizeram parte do roteiro de questões refere-se à segurança e às condições de trabalho das operárias e operários. Quem trabalha nas facções sabe o quão frenético às vezes é o ritmo da produção. Para aguentá-lo, a costureira deve dispor de condições mínimas relacionadas à ergonomia[19] e à segurança social. Há uma forte cobrança por parte de alguns órgãos quanto ao cumprimento dos quesitos básicos de segurança, como a ABVTEX, que procura estabelecer critérios de ergonomia.

Na Figura 16, um modelo de ordem de serviço, levando em conta alguns aspectos da ergonomia, segurança, postura, saúde. Evidentemente que se trata de uma facção que atende as normas estabelecidas por vários órgãos fiscalizadores. No entanto, são muitos os casos de acidentes de trabalho envolvendo costureiras, envolvendo pessoas da produção.

O eixo 5 aborda o desenvolvimento de políticas de segurança das funcionárias e uma dimensão do desenvolvimento sustentável que foi objeto de análise.

Praticamente todos os responsáveis pelas facções onde essa pergunta foi feita sobre o desenvolvimento sustentável, relacionaram-no à dimensão ambiental e, segundo ouviram falar, relacionado à reciclagem do que resta das malhas.

Todos relataram a preocupação com o destino dos resíduos das malhas. Em geral, os resíduos das malhas são separados e semanalmente passa um responsável por levá-los para reciclagem.

Cada facção paga em média 60 reais mensais pela coleta. O destino desses restos de malhas é a reciclagem. As facções que mantêm contrato exclusivo com uma PME contratante mandam esses rejeitos para a empresa providenciar a destinação correta.

Na Figura (14) um modelo de ordem de serviço para as costureiras.

---

[19] Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO): "A ergonomia é o estudo da adaptação do trabalho às características fisiológicas e psicológicas do ser humano".

Figura 14 - Modelo de ordem de serviço

CONFECÇÕES HEUSSER LTDA EPP
Rua: Presidente Costa e Silva, nº 38
Bairro: Ponto Chic
Cidade: Ibirama – SC
CEP: 89140-000

ORDEM DE SERVIÇO

Colaborador(a): [redacted]
ADMISSÃO: 06/03/2006
SETOR: COSTURA
FUNÇÃO: COSTUREIRO(A)

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE DE TRABALHO
Área em alvenaria de aproximadamente 200 m2, com cobertura em Eternit e forro de isopor. Piso em alvenaria, com iluminação artificial, sendo que o ambiente também possui aberturas e ventiladores.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES
- Receber o serviço talhado juntamente com a amostra e os aviamentos, bem como a respectiva ficha técnica;
- Costurar as peças com operações básicas conforme descrito na ficha técnica, seguindo também peça de amostra;

OUTRAS ORIENTAÇÕES
- Para o exercício das atividades é obrigatória a utilização de calçados fechados. É proibido o uso de chinelos.
- Não expor as mãos aos motores em hipótese alguma.
- É proibido retirar lacres ou alterar os equipamentos de combate a incêndios (Extintores).
- Nunca operar a máquina sem estar autorizado (a) ou instruído (a) para este fim.
- Ao levantar peso manualmente, dobre os joelhos, procurando manter a coluna a mais reta possível, para evitar lesões musculares, levante com as pernas e não com a coluna;
- Não deixar no setor, nenhum pertence, colocar sempre nos guarda-volumes;
- Manter em perfeitas condições de uso os guarda-volumes e sanitários;
- Não fumar em locais proibidos;
- Qualquer acidente de trabalho deve-se procurar o Encarregado para o encaminhamento até o Hospital, e fazer a CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho)
- Quando for utilizar o Tira Mancha, solicitar e utilizar os EPI's necessários aos encarregados – Óculos, Luvas e Máscara.

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

ATIVIDADE	FATOR DE RISCO	PREVENÇÃO CONTRA ACIDENTE
Atividade Sentada	Postura incorreta	Manter uma postura adequada
Operar máquina de Costura	Acidente	Fazer troca de agulha e limpeza das máquinas somente com máquina desligada.

Declaro ter recebido a segunda via desta Ordem de Serviço

Orientação postura adequada:

[redacted]
Colaborador(a)

Fonte: Extraído de Confecções Heusser LTDA-EPP/Relatório de Estágio por Cleber dos Santos (Ano?).

Não foi descrita nenhuma política mais efetiva no que se refere à questão socioambiental.

Para finalizar o resumo destes dados coletados entre as facções do município de Ibirama, uma das últimas questões investigadas diz respeito às maiores dificuldades encontradas pelo setor no momento.

Enumeramos algumas que contemplam dificuldades financeiras, carência de mão de obra, dificuldade com instalações, falta de incentivos e outros.

Notamos que o setor reclama bastante da falta de incentivos por parte do setor público, principalmente a administração municipal, como já se falou aqui. A falta de uma política efetiva voltada para o setor deixa os empregadores cada vez mais preocupados. Por isso esperam contribuir com sugestões nessa área para garantir minimamente emprego e renda para o município e também para a região.

4 ANÁLISE DA DINÂMICA DAS FACÇÕES TÊXTEIS EM IBIRAMA

A presente seção é de ordem analítica, em que o desafio é traçar um paralelo entre a revisão teórico-temática da primeira seção e as questões levantadas na pesquisa de campo do segundo. As questões de partida da primeira seção giravam em torno da formação sócio-espacial de Ibirama: de que maneira acorreu essa formação? Em seguida, buscou-se dimensionar a influência de empresas como a Hering em Ibirama. O contexto é a década de 1990, quando se acentuou o processo de reestruturação produtiva em nível mundial. Se esse aspecto da reestruturação produtiva impactou fortemente em nível global, de que forma teria impactado em nível regional e local? O objetivo dessa questão seria mostrar a relação entre o processo de reestruturação produtiva e o aumento das facções têxteis, através do sistema de subcontratação. Para completar as questões a serem pesquisadas, interessante mostrar a dinâmica de funcionamento de uma facção têxtil e sua importância na cadeia produtiva têxtil no alto Vale do Itajaí.

A organização da seção foi dividido em cinco itens, procurando confrontar as questões de partida, numa perspectiva teórico-temática, com a realidade empírica, da pesquisa de campo. De maneira geral, a análise está centrada em temas como formação sócio-espacial, reestruturação produtiva, as facções têxteis e o processo de subcontratação e o desenvolvimento da cadeia produtiva regional.

A categoria de análise de formação sócio-espacial foi fundamental para compreendermos a gênese da evolução do espaço regional e local. Essa categoria de análise marxista não leva em conta só o território, mas o "território que é utilizado" (SANTOS; SILVEIRA, 2008). Segundo esses autores, quando quisermos definir qualquer pedaço de território, devemos considerá-lo vivo e vivendo, com aspectos fixos (imóveis) e fluxos (móveis) revelando ações passadas e presentes.

Nesse contexto, nossa sociedade depara-se com um conjunto de acontecimentos que ultrapassam as fronteiras do local, pois são eventos globais, mas sua repercussão se materializa no lugar. Aliás, o lugar é o depositário final dos eventos (SANTOS, 2003).

A gênese da formação sócio-espacial de Ibirama está relacionada com a vinda de Imigrantes alemães para a região do Vale do Itajaí, sobretudo no final do século XIX e início do século XX, oriundos de uma Alemanha em transição econômica e política.

A configuração espacial da região foi influenciada pela venda das terras através da Sociedade Colonizadora Hanseática, num sistema de povoamento seguindo um modelo estabelecido na Alemanha, chamado de Waldhufendorf, conforme Hering (1987).

A construção da colônia alemã de Hammonia, em 1897, representou um fato político de extrema importância, por elevar a região ao status de importante centro de colonização em Santa Catarina.

A evolução socioeconômica e espacial dessa colônia, do início até meados do século XX, esteve ligada ao desenvolvimento da pequena produção mercantil (MAMIGONIAN, 1986).

O início da industrialização em Santa Catarina, em especial o início da indústria têxtil, obedeceu a uma série de fatores externos e alguns fatores internos, que justificaram a dinâmica econômica regional. Para esta análise, merece destaque a abordagem de Rangel (2005) e Mamigonian (1998).

Estudando as fases de desenvolvimento e retração da indústria têxtil nacional, constatamos a coincidência dos períodos naquilo que Rangel chamou de "Dualidade Básica da Economia Brasileira", utilizando os chamados ciclos longos de Kondratieff,[20] para explicar o desempenho de nossa indústria frente às economias centrais. Vejamos o que diz Mamigonian:

> O ponto de partida para o esquema explicativo de Rangel foi a constatação que o sistema mundial capitalistas vive fases de expansão e fases de depressão, isto é, cresce em ciclos de longa duração (ou Kondratieff de 50 anos) e os médios (Juglarianos de 10 anos) (MAMIGONIAN, 2000, p. 18).

Acontecimentos históricos como a Primeira Guerra Mundial, a crise de1930 e a Segunda Guerra Mundial alteraram profundamente o rumo da industrialização brasileira, sobretudo a indústria têxtil.

Enquanto muitos países, sobretudo europeus, estavam em conflitos bélicos e o mundo se via num processo de estagnação econômica, o Brasil se vê prejudicado com a importação e a exportação de alguns produtos, porém se volta para o mercado nacional. A substituição industrial escalonada de produtos importados, aliada à transferência de recursos a outros setores da economia, fez com que houvesse uma expansão da indústria nacional, em plena crise econômica mundial.

Nesse cenário, empresas do setor têxtil como Hering, Renaux, Sulfabril, Artex e Teka se tornaram referência em Santa Catarina. Enquanto o processo de industrialização do setor têxtil se consolidava após a Segunda Guerra Mundial (décadas de 1940-1950) em cidades como Blumenau e Brusque, o interior do Vale do Itajaí buscava a base da sua economia na

---

[20] Nicolai Kondratieff (1892-1938). Economista marxista russo que faz a análise econômica geral, através dos ciclos econômicos longos (4), com duração aproximada de 50 anos, onde as fases (a) são ciclos de expansão; as fases (b), são de recessão.

agricultura e em setores como o madeireiro, Ibirama fazia parte desse cenário, com sua produção agrícola e madeireira sendo escoada pela estrada de ferro Santa Catarina (HENKELS; HABITZREUTER, 2009).

A vinda do setor têxtil para os municípios bem mais tarde, na década de 1970, não queria dizer que não houvesse outras pequenas indústrias na região. Procurando sair de uma Alemanha enfraquecida pela Primeira Guerra Mundial, chega ao Vale do Itajaí um dos últimos blocos de imigração alemã. Esses últimos imigrantes vieram de áreas que se caracterizavam por ter uma industrialização em curso e profissões técnicas que ajudaram a montar pequenos negócios no interior do Vale do Itajaí.

O projeto de expansão de algumas empresas alterou a característica até então centrada no mercantil-agrário-exportador, para se alicerçar num modelo industrial, conforme Goularti Filho (2002). Nas décadas de 70, houve um avanço da indústria nacional e catarinense, em vários setores. Iniciativas públicas governamentais dinamizaram o setor através de planos, financiamentos e concessão de crédito.

Com a indústria têxtil não foi diferente. A política de expansão regional possibilitou que municípios menores recebessem filiais de empresas localizadas no eixo Blumenau, Brusque, Joinville.

Entre essas cidades destacam-se Rodeio e Ibirama. A vinda de empresas como Hering na década de 1970, para Rodeio e Ibirama, representou um trabalho de negociação intenso entre as partes. Na região desses dois municípios predominava o trabalho agrícola, havendo também algumas indústrias. Nada, porém, que abrigasse um contingente de força de trabalho feminino. Levantamentos feitos pelas prefeituras davam conta dessa disponibilidade imediata de força de trabalho.

Enquanto as prefeituras faziam o levantamento da força de trabalho disponível, empresas como a Hering faziam suas exigências para se instalar nos municípios. Em Ibirama, os incentivos pedidos ao Prefeito e ao Conselho de Desenvolvimento econômico da época foram atendidos.

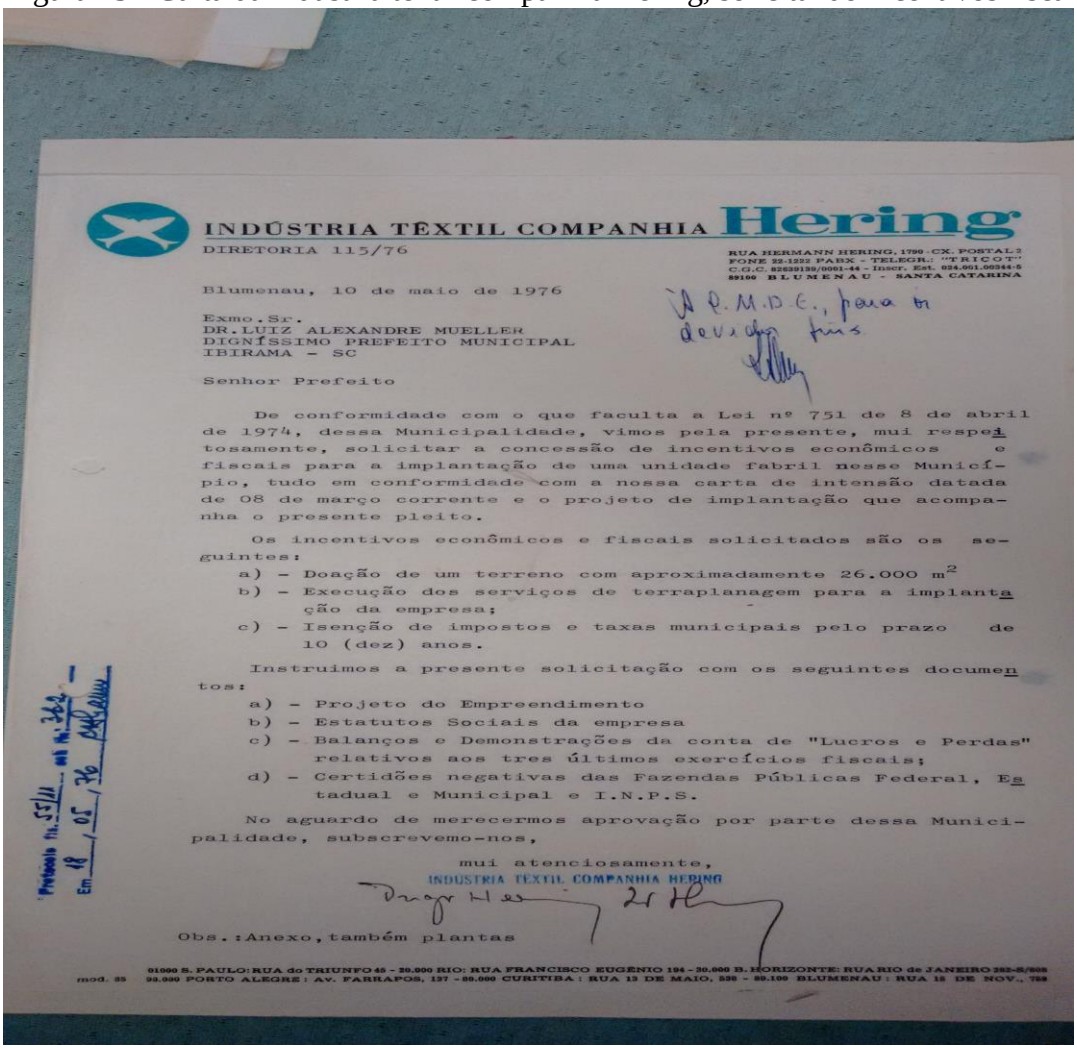
Além das questões relacionadas aos incentivos fornecidos pela prefeitura (figura 11), a questão cultural relacionada ao trabalho e à religião pode ter sido levada em conta, como Weber escreve:

> Em outras palavras, entre os diaristas católicos parece preponderar uma forte tendência a permanecer em suas oficinas, e se tornar com freqüência mestres artesãos, enquanto os protestantes são fortemente atraídos para as fábricas, para nelas ocuparem cargos superiores de mão de obra especializada e posições administrativas. A explicação desses casos é, sem dúvidas, que as peculiaridades mentais e espirituais adquiridas do meio ambiente, especialmente do tipo de

> educação favorecido pela atmosfera religiosa da família e do lar, determinaram a escolha da ocupação e, por isso, da carreira (WEBER, 2004, p. 33).

Esse suposto determinismo weberiano pode não ter sido fundamental, mas inegavelmente existe uma cultura do trabalho, do fazer bem feito, da poupança, nessas áreas de colonização do Vale do Itajaí. A instalação da Hering mudou a conformação espacial e econômica do município. Além do valor agregado à mão de obra, outros setores tiveram um ganho considerável, como o comércio, por exemplo. As compras no comércio, nas lojas eram feitas com dinheiro, ou, em se tratando de alguns agricultores, algumas lojas vendiam para cobrar na safra. Com o advento do emprego com remuneração mensal, as lojas começaram a abrir para as chamadas prestações. Trabalhar na Hering era status de bom trabalho, com excelente remuneração. Na figura (15), documento oficial da Cia Hering solicitando incentivos fiscais à Prefeitura de Ibirama.

Figura 15 - Carta da indústria têxtil companhia Hering, solicitando incentivos fiscais



INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA Hering

DIRETORIA 115/76

RUA HERMANN HERING, 1790 - CX. POSTAL 2
FONE 22-1222 PABX - TELEGR.: "TRICOT"
C.G.C. 82639139/0001-44 - Inscr. Est. 024.001.00344-5
89100 BLUMENAU - SANTA CATARINA

Blumenau, 10 de maio de 1976

Exmo.Sr.
DR.LUIZ ALEXANDRE MUELLER
DIGNÍSSIMO PREFEITO MUNICIPAL
IBIRAMA - SC

Senhor Prefeito

De conformidade com o que faculta a Lei nº 751 de 8 de abril de 1974, dessa Municipalidade, vimos pela presente, mui respeitosamente, solicitar a concessão de incentivos econômicos e fiscais para a implantação de uma unidade fabril nesse Município, tudo em conformidade com a nossa carta de intensão datada de 08 de março corrente e o projeto de implantação que acompanha o presente pleito.

Os incentivos econômicos e fiscais solicitados são os seguintes:

a) - Doação de um terreno com aproximadamente 26.000 m²
b) - Execução dos serviços de terraplanagem para a implantação da empresa;
c) - Isenção de impostos e taxas municipais pelo prazo de 10 (dez) anos.

Instruimos a presente solicitação com os seguintes documentos:

a) - Projeto do Empreendimento
b) - Estatutos Sociais da empresa
c) - Balanços e Demonstrações da conta de "Lucros e Perdas" relativos aos tres últimos exercícios fiscais;
d) - Certidões negativas das Fazendas Públicas Federal, Estadual e Municipal e I.N.P.S.

No aguardo de merecermos aprovação por parte dessa Municipalidade, subscrevemo-nos,

mui atenciosamente,
INDUSTRIA TEXTIL COMPANHIA HERING

Obs.:Anexo,também plantas

Protocolo fls. 55/11 sob fls. 362
Em 18/05/76

01000 S. PAULO: RUA do TRIUNFO 45 - 20.000 RIO: RUA FRANCISCO EUGÊNIO 194 - 30.000 B. HORIZONTE: RUA RIO de JANEIRO 282-S/608
mod. 85 90.000 PORTO ALEGRE: Av. FARRAPOS, 137 - 80.000 CURITIBA: RUA 13 DE MAIO, 538 - 89.100 BLUMENAU: RUA 15 DE NOV., 759

Fonte: Arquivo Histórico de Ibirama (2015).

Uma das questões da pesquisa creio que foi respondida na medida em que este processo de reestruturação produtiva fez diminuir o contingente de trabalhadores formais, para aumentar muito o setor de serviços, até a informalidade. O setor de serviços do ramo têxtil, por exemplo, aumentou principalmente nas pequenas facções e subfacções. Há entre o fenômeno da reestruturação produtiva e o aumento do número de facções uma correspondência, tendo como referência a Cia Hering.

A Hering resolveu reestruturar sua forma de atuação. Em meados da década de 1990, resolve direcionar seu eixo de atuação para o varejo, com o desenvolvimento de marcas, direcionadas para um público específico. A marca PUC, por exemplo, direcionada para o público infantil. Outra estratégia que viria alterar a configuração vertical de produção foi terceirizar alguns serviços de costura, de alguns artigos. Nesse período a Hering distribuiu muito serviço para terceiros, sobretudo para ex-funcionárias que acabavam de montar seus negócios. Se antes a empresa centralizava todo o processo de produção na empresa, agora descentralizava principalmente artigos de média a grande complexidade. Os prazos teriam de ser rigorosamente cumpridos.

A qualidade era muito exigida. Inspetoras de qualidade se deslocavam por toda a região para garantir assistência e inspeção das peças costuradas. A política de reestruturação continuou intensa nos anos 2000. O investimento no setor varejista através de marcas e franquias se avolumou. Nesse cenário de reestruturação, surgem expressões que justificavam a mudança de foco de atuação.

Segundo o relatório 2014, da empresa:

> Diante desse cenário, nosso modelo de produção híbrido – que combina produção própria, terceirizada e outsourcing – nos garantiu flexibilidade e velocidade para atender à demanda do mercado. Em razão dos volumes previstos para 2010, investimos na aquisição de equipamentos e na expansão da capacidade produtiva nos estados de Goiás e Rio Grande do Norte. Já com o objetivo de reduzir as despesas com distribuição e contribuir para a agilidade da entrega dos produtos, unificamos os centros de distribuição dos estados de Goiás e Rio Grande do Norte, com a consequente inauguração do novo CD em Anápolis (GO). Ao final do ano, alcançamos a marca de 39,7 milhões de peças produzidas (internamente e por terceirização) e 6,8 milhões de peças adquiridas por *outsourcing* (compra de produto acabado). (Demonstrações Financeiras referentes ao exercício findo em 31 de dezembro de 2014 e Relatório dos Auditores Independentes Deloitte Touche Tohmatsu Auditores Independentes).

Esse relatório revela algumas questões bem interessantes. O modelo híbrido citado é composto de três formas de atuação industrial e comercial. A produção própria é pequena, em relação às outras modalidades. A produção terceirizada continua a existir, porém com menor intensidade. Em nossa região há apenas uma facção que costura artigos para a Hering. A mão

de obra contratada está em locais fora de Santa Catarina, principalmente em Goiás e Rio Grande do Norte.

A modalidade de produção *Outsourcing* não é um meio de produção; na verdade, é uma compra de produtos de outras empresas para colocar à venda em suas lojas. Os produtos do *Outsourcing* envolvem a produção por terceiros da marca Hering, a compra de produtos nacionais para suas lojas e ainda uma gama de produtos importados que não são malhas. A compra desses produtos envolve acessórios e calçados, entre outros.

As somas dessas compras envolvem valores consideráveis de países como Indonésia e China. O investimento no varejo inclui também novas propostas de *design* de suas lojas. Detalhes como iluminação, espaço interno, atendimento e *marketing* justificam um novo conceito de vendas.

O quadro abaixo ilustra as receitas da Hering e sua participação no mercado interno e externo. De forma geral, houve uma pequena retração nas vendas comparando o ano de 2013 e 2014. O mercado interno continua sendo o seu principal foco. Apesar de apresentar um volume de vendas com pequena queda em 2014, o setor de franquias continua aumentando muito.

A aposta no setor varejista justifica essa quebra de seu complexo industrial produtivo. As chamadas “modinhas”, desenvolvidas para públicos específicos, representam grande parte das coleções sazonais da empresa.

Por outro lado, o número de lojas (Hering Store) somavam 640 lojas, das quais 57 são próprias e 583 são franquias, conforme relatório anual 2014.

No total, hoje a Hering possui 827 lojas, das quais 810 localizadas no Brasil e 17 lojas no exterior. Apesar de representar um volume de vendas menor, as vendas ao mercado externo representaram um índice positivo nas vendas.

Na figura 16, as receitas provenientes da Hering, sobretudo no varejo nas franquias.

Figura 16 - Receita e participação no mercado interno

Receita Bruta - R$ mil	2013	2014	Var. 2014 / 2013
Receita Bruta Total	**2.019.433**	**2.011.023**	***-0,4%***
Mercado Interno	1.987.642	1.975.960	*-0,6%*
Mercado Externo	31.791	35.063	*10,3%*
Receita Bruta Mercado Interno	**1.987.642**	**1.975.960**	***-0,6%***
Hering	1.495.701	1.482.569	*-0,9%*
Hering Kids	199.083	213.268	*7,1%*
PUC	156.875	155.832	*-0,7%*
DZARM.	101.816	99.543	*-2,2%*
Outras	34.167	24.748	*-27,6%*

Participação Mercado Interno	2013	2014	Var. 2014 / 2013
Varejo	930.828	933.326	*0,3%*
Franquias	767.452	745.551	*-2,9%*
Webstore	22.728	25.381	*11,7%*
Lojas Próprias	232.467	246.954	*6,2%*
Total	**1.953.475**	**1.951.212**	***-0,1%***
Varejo	47,6%	47,8%	*0,2 p.p.*
Franquias	39,3%	38,2%	*-1,1 p.p.*
Webstore	1,2%	1,3%	*0,1 p.p.*
Lojas Próprias	11,9%	12,7%	*0,8 p.p.*
Total	**100,0%**	**100,0%**	-

Fonte: Hering/Relatório anual/ Demonstração Financeiras (2015).

4.1 O PROCESSO DE SUBCONTRATAÇÃO E AS FACÇÕES TÊXTEIS

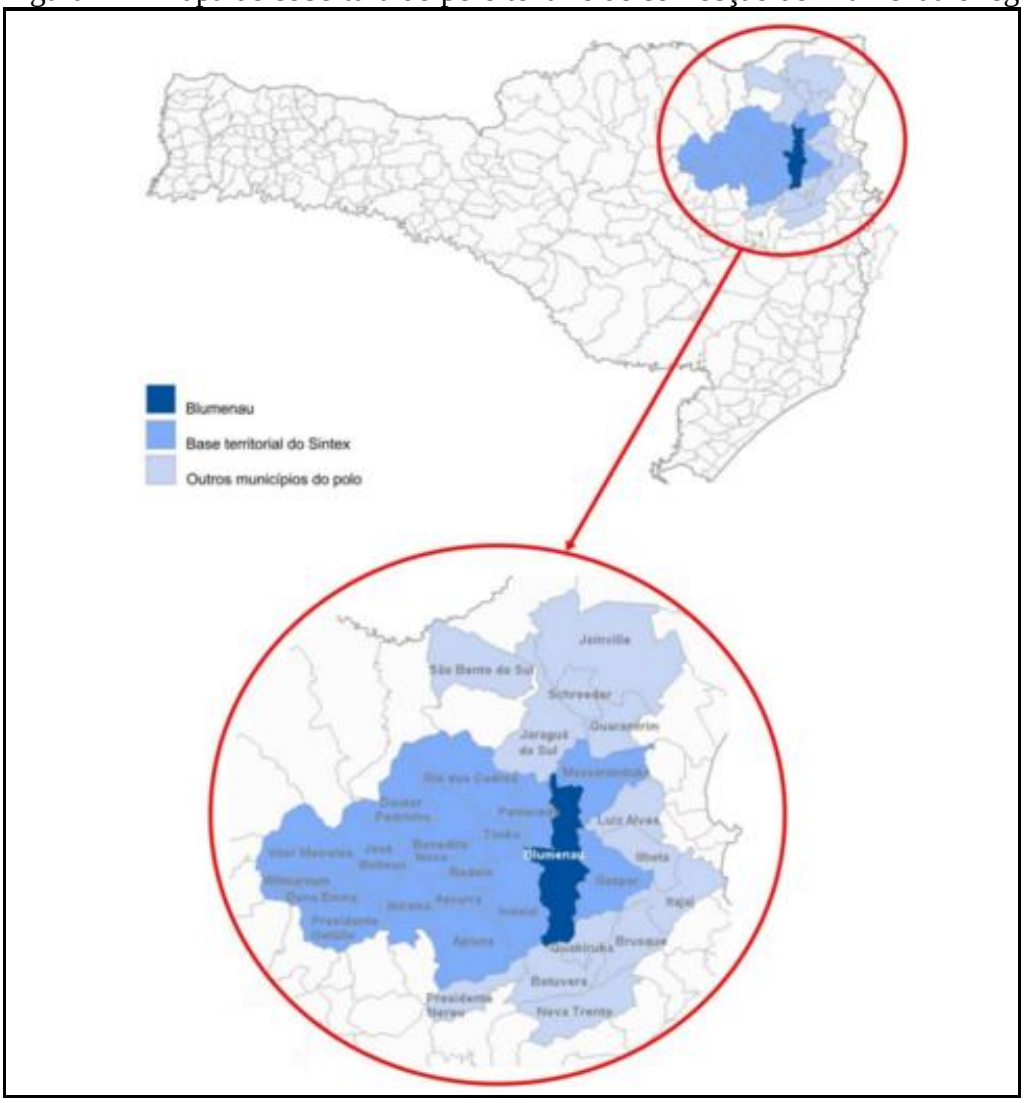
Antes de partirmos para a análise do processo de subcontratação, é interessante mostrar de que forma está estruturada a cadeia produtiva têxtil, para critério de classificação.

A classificação leva em conta aspectos ligados ao setor têxtil e de confecção. Quando se fala em setor têxtil, levam-se em conta as fiações, tecelagens, malharias e beneficiamento. Quando se analisam os confeccionados, levam-se em conta artigos de vestuário, linha lar e outros produtos, como artigos técnicos e industriais. É muito comum confundir o termo malharia com confecção. Ao analisar o quadro, temos uma ideia da distribuição das unidades produtivas por segmento. O segmento de confeccionados, que abrange o segmento do vestuário, representa a grande maioria das unidades de produção. A grande característica dessas unidades é o seu crescimento nos últimos anos da classificação como microempresa, que emprega de 5 a 19 funcionários.

Conforme o SINTEX, a região de Blumenau conta com 1627 unidades produzindo linhas para o vestuário, com destaque para a roupa casual. O destaque fica para o maior público usuário dessa roupa, que é o público feminino, adulto.

A figura 17 dá uma ideia da cadeia produtiva que a SINTEX engloba e os municípios envolvidos no processo.

Figura 17 - Mapa de cobertura do polo têxtil e de confecção de Blumenau e região



Fonte: SINTEX - Sindicato dos Trabalhadores Têxteis.

Conforme o SINTEX:

> Os Municípios que fazem parte do polo têxtil e de confecção de Blumenau e região – em que se incluem os 31 municípios: Blumenau, Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Dona Emma, Doutor Pedrinho, Gaspar, Ibirama, Indaial, José Boiteux, Massaranduba, Pomerode, Presidente Getúlio, Rio dos Cedros, Rodeio, Timbó, Vitor Meireles, Witmarsum, São Bento do Sul, Joinville, Brusque, Itajaí, Guabiruba, Jaraguá do Sul, Luís Alves, Botuverá, Ilhota, Guaramirim, Nova Trento, Presidente Nereu e Schroeder – conta com nada menos que 3.006 unidades produtivas em atividade, que geraram 112 mil postos de trabalho formais (com registro em carteira) em 2014.

Importante essa citação, pois inclui Ibirama como parte do polo têxtil da região de Blumenau.

Se durante o princípio da industrialização em Santa Catarina, no início do século XX, a região de Blumenau se destacou como centro produtivo têxtil, que polarizava as ações no Vale do Itajaí, o fato hoje ainda se repete.

Convém lembrar que o contexto é outro, assim como a dinâmica produtiva. Se antes tínhamos verdadeiras gigantes do setor como Hering, Sulfabril, Karsten entre outras, que concentravam renda e força de trabalho, hoje quem determina a dinâmica regional são as MPMEs,[21] que respondem por mais de 70 % na participação têxtil confeccionista. Não são levadas em conta aquelas pequenas empresas, que atuam na clandestinidade, na informalidade nos diversos segmentos da confecção.

A influência do polo têxtil de Blumenau envolve o processo de subcontratação, do qual iremos falar. Já comentamos que o processo de subcontratação, ou de terceirização, como querem alguns autores, ocorreu e ocorre ainda em escala mundial. Empresas Multitransnacionais diversificam suas bases de produção, na busca de melhores regiões para produzir.

Fatores como matéria-prima, custo da mão de obra e incentivos fiscais fazem com que esse fenômeno ultrapasse fronteiras. É importante lembrar a forma como esse processo de terceirização, de subcontratação ocorre em cada região.

Cada região é afetada diferentemente com esses processos. O desenvolvimento desigual e combinado (TROTSKY, 1978) procura destacar a importância da análise regional em suas múltiplas características. As diferenças entre lugares resultam do arranjo espacial dos modos de produção particulares. Santos (1974) enfatiza que o "valor" de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e de que maneira eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional.

Em se tratando da região do Alto Vale do Itajaí, o fenômeno da subcontratação segue alguns modelos e premissas. De forma geral, a contratação envolve aspectos de natureza específica quanto a objetivos, modalidade, duração e consequências. A natureza está atrelada à condição em que algumas organizações produtivas mundiais tiveram suas estruturas afetadas por uma concorrência forte, onde produzir mais e mais barato é garantia de competência na busca de novos mercados.

Essa reestruturação já estudada impulsionou a quebra da verticalidade funcional, buscando novas formas de produção. Para tanto, parte da produção teria de ser deslocada, em nome de barateamento do custo da mão de obra e da flexibilização do trabalho.

Oportuno lembrar das abordagens e classificações de Holmes (1986), Ruas (1993), Abreu e Sorj (1993), acerca das subcontratações e o consequente trabalho domiciliar.

---

[21] A sigla se refere às Micro, Pequenas, e Médias Empresas, acrescentando a sigla Micro ao que Lins (2000), chamou de PMEs.

Holmes escreve:

> É possível identificar três grandes grupos de hipóteses explicativas para a subcontratação/terceirização: aquelas baseadas na estabilidade estrutural e temporal dos mercados de produtos; nos requerimentos de capital fixo do processo de produção e na natureza da tecnologia de produção utilizada no processo de trabalho; na estrutura e na natureza das condições de oferta de trabalho e, em particular, nas condições de minimização do custo do trabalho e de controle sobre o processo de trabalho (HOLMES, 1986, p. 87).

A citação reflete os objetivos das subcontratações pelas MPMEs em Santa Catarina. Alguns aspectos merecem destaque, tomando como base a pesquisa com as facções. Dentre os objetivos destacados o que mais chama a atenção é a busca da mão de obra, da força de trabalho no Vale do Itajaí.

A força de trabalho encontrada aqui apresenta algumas características singulares. Se por um lado busca-se a quebra de vínculos produtivos e contratuais, buscando baratear a produção, por outro a qualidade e produtividade são fatores levados em conta no momento da escolha da região a ser subcontratada.

A região do vale do Itajaí apresenta mão de obra barata, qualificada e determinada. Logicamente quem faz essa negociação salarial com as costureiras é a facção, tomando por base a produção e o preço pago pela contratante por peça costurada. O grau de experiência e especialização da costureira é levado em conta.

A especialização da mão de obra feminina tem relação direta com a vinda e a permanência da Hering em Ibirama durante 40 anos: de 1976 a 2016.

Durante estes 40 anos, a empresa treinou e capacitou milhares de trabalhadoras e trabalhadores, que mais tarde alguns abriram suas próprias confecções e facções. Uma das constatações feitas durante a pesquisa foi o pioneirismo da Hering, no que diz respeito à subcontratação. No final da década de 1980, a Hering de Ibirama já fornecia artigos para serem costurados fora da empresa. Exemplo disso foi uma de suas primeiras funcionárias, que saiu da empresa e fundou sua própria facção (facção da D. Maria).

Voltando às modalidades de subcontratação, percebe-se então três modalidades principais envolvendo as contratantes e contratadas.

No caso específico da costura de artigos de malhas, as modalidades podem ser descritas de três formas:

a) a subcontratação Parcial/informal – a empresa contratante (MPMEs) subcontrata o serviço de costura da facção para determinados tipos de artigos. A peça costurada volta para a revisão, na sede da empresa contratante. Cumpre lembrar que o processo já sofreu uma contratação. Na Grande maioria, gigantes do segmento do varejo

contratam as PMEs para a confecção das peças, que por sua vez, subcontratam essas facções. Não há entre a contratante e a facção maiores vínculos contratuais nem de fornecimento de materiais.

b) a subcontratação Complementar – nesta modalidade existe um vínculo maior entre a contratante e a facção citada. Há contratos de exclusividade, onde rezam compromissos de fornecimento de serviços e de insumos, como linhas e agulhas. Mesmo porque o setor de costura de malhas obedece a uma sazonalidade intensa, e esse tipo de subcontratação garante uma continuidade e uma segurança à facção contratada, envolvendo contratação de força de trabalho, investimento em novas máquinas de costura, adaptação às normas da ABVTEX, por exemplo. Em se tratando de métodos de produção, a empresa traz a malha talhada e a facção costura a peça inteira, inclusive embala. Há casos em que as PMEs, incentivam a divisão de uma facção em duas unidades de produção, onde uma confecciona as chamadas peças de baixo (bermuda, saia, calças de moleton) e a outra parte costura a parte de cima (camisa, camisetas, regatas, casacos de moleton). A dinâmica dessa modalidade serviria para que coleções estivessem prontas mais rapidamente para serem colocadas no mercado.

c) a subcontratação Mista – apresenta características das duas acima, como o próprio nome sugere. A característica principal é a forma de distribuição e contratação. Dependendo do artigo e dos prazos fixados por uma rede varejista, as PMEs, subcontratam as facções para fazerem parte do trabalho de costura ou total. A característica reside no tipo de artigo costurado. A demanda urgente faz com que artigos mais fáceis, que não requeiram operações complexas, sejam feitos em sua totalidade. A distribuição ou não de linha para realizar o serviço vai depender do grau de precisão e da necessidade?) da empresa contratante. Outro aspecto a lembrar é que geralmente há modalidade de contratação em que a facção busca o serviço na cidade de origem da contratante, como pode haver a distribuição desse serviço diretamente na facção. Em muitos casos a facção subcontrata outras facções domiciliares, para dar conta da produção. Um caso característico pesquisado ocorreu em que a facção reduziu drasticamente seus funcionários (de 23 para seis) e passou a subcontratar uma subcontratação.

Convém lembrar que as formalidades de subcontratação podem variar de região para região, dependendo também do grau de valor agregado ao produto e do setor que poderá ser subcontratado.

Outro fator relevante na análise diz respeito às condições de trabalho nessas facções ditas domiciliares. Não podemos generalizar dizendo que o processo de subcontratação

precariza o trabalho feminino. Encontramos facções preocupadas com o bem-estar da costureira nos diversos níveis em que sindicatos ou autoridades exigem.

É bem verdade que há uma rede de facções em que o trabalho feminino é extremamente explorado, com quase nenhum ou nenhum grau de respeito às normas trabalhistas, de segurança. Nesse sentido, o processo de terceirização/subcontratação preocupa o Sindicato da região (Sindtêxtil).

Aliado ao processo de subcontratação, agrava a situação o fechamento de algumas empresas na região do Vale do Itajaí, como a Hering, que encerrou sua unidade em Rodeio em outubro de 2015 e a de Ibirama em 2016.

Em entrevista, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis da região de Ibirama respondeu a muitos questionamentos, dentre os quais destaco 3:

1- Qual a abrangência do Sindicato?
2- Número de filiados em Ibirama?
3- Qual a sua análise sobre o fechamento da Hering de Rodeio e Ibirama?

O Senhor Ivoni responde:

Bom dia!

1- *Nosso sindicato abrange os municípios de Rodeio, Ascurra, Ibirama, Presidente Getulio, Dona Ema, Witmarsuhm e Vitor Meirelles. Representamos em torno de 8.000 (oito mil) trabalhadores e temos aproximadamente 3.000 (três mil) sócios. Embora sejam apenas 3.000 sócios, considerando o índice de filiação a nível nacional, é um nº expressivo;*
2- *O nº de filiados no município de Ibirama é de apenas 200 sócios, dos quais a grande maioria é da Cia Hering;*
3- *O fechamento da Hering é um caso um pouco diferente. Segundo explicações, quando do fechamento de Rodeio, a empresa está fazendo uma reestruturação. Na verdade essa reestruturação é a transferência da produção para o estado de Goiás. Certamente produzem com custos menores e obtêm lucros maiores. Recebem incentivos (poder público) e têm mão de obra sobrando naquela região (Goianese). Agora, com o fechamento de Ibirama, além da reestruturação, alegam baixas vendas e estoque de mercadorias elevado (dificuldades de mercado).*
   Importante ressaltar que a empresa está pagando todos os direitos dos trabalhadores e a estimativa é de um gasto de aproximadamente R$ 4 milhões com as rescisões em Ibirama. Portanto, acredita-se que a empresa está sólida e que esses "fechamentos" são estratégias empresarias, penso eu...

Estou à disposição para maiores esclarecimentos[22]

[22] Entrevista do Senhor Ivoni Macoppi, presidente do Sindicato Têxtil Regional de Ibirama.

Quando o Presidente do Sindicato fala nessa entrevista sobre “reestruturação”, ele quer dizer que o projeto de pesquisa que resultaria nesta dissertação foi pensado há dois anos, o que prova que tal reestruturação já vinha sendo pensada, mas só seria efetivada este ano.

Da mesma forma que a Hering chegou à região na década de 1970, trazendo incremento geográfico de valor aliado à mão de obra feminina, ao sair deixa muitas trabalhadoras sem emprego. No entanto, deixa algumas contribuições relacionadas ao treinamento e especialização da mão de obra feminina e cooperativas de crédito e de consumo, citados anteriormente. Evidentemente que centenas de costureiras também vão ter de se reestruturar, no que refere a novas recolocações. Se a empresa tinha um plano de contingência estruturado, notamos que a região não o tem, e o município também não.

Se trabalhar em domicílio representa maior exploração da força de trabalho feminina, não trabalhar também representa uma forma de excluir grande parte de uma população do acesso a melhor qualidade de vida.

O correto é formalizar essas situações, porém é delicado, requer planejamento.

4.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL

Uma das questões feitas aos proprietários das facções era se eles tinham consciência da sua importância para o desenvolvimento do município e região.

O desenvolvimento foi atrelado também com a questão sobre desenvolvimento sustentável.[23]

A grande maioria estava consciente de que geram empregos e renda. Quanto ao desenvolvimento sustentável, foi relacionado apenas à questão ambiental.

Trabalhar o termo desenvolvimento atrelado ao planejamento talvez seja a grande questão. Vários são os conceitos relacionados ao desenvolvimento. Souza (2013), por exemplo, diz que “Só há um desenvolvimento sócio-espacial autêntico quando se constata uma melhoria da qualidade de vida e um aumento da justiça social”. Para o autor, o desenvolvimento sócio-espacial “é a mudança, para melhor, das relações sociais e do espaço (por elas produzido e que as condiciona), que acontece simultaneamente” (Souza, 2002, p. 62).

---

[23] Termo utilizado primeiramente num documento intitulado: ”Nosso futuro Comum”, ficando conhecido pelo nome de Relatório Brundtland, já que o documento foi relatado pela primeira Ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland em 1987. O desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender as necessidades e aspirações humanas.

Em se tratando de desenvolvimento regional, algumas preocupações, em especial ao município de Ibirama, que tem perdido muito espaço no setor industrial e na renda em comparação com outros municípios vizinhos.

Se por um lado existe uma dinâmica produtiva no setor têxtil, relacionado ao serviço de confecção e facção, por outro lado alguns setores precisam desse dinamismo. Uma das facções pesquisadas começou com serviço de facção apenas. Depois de um tempo, resolveu lançar uma marca própria, tendo como artigos principais camisetas e conjunto de pijamas.

Essa facção montou uma verdadeira confecção. Um prédio no centro da cidade foi locado e estabeleceu um ponto de venda. O comércio ficou aberto durante um ano. Questões relacionadas ao aluguel e principalmente à competição com roupas prontas vindas de outros estados e até importadas, fez com que o comércio fechasse. Continuou apenas com o processo de talharia de malhas.

A realidade que se apresenta é essa. A concorrência do setor não se restringe ao âmbito local. Ela ultrapassa fronteiras. Não vemos em nossa região "clusters"[24] capazes de integrar e proteger nossa região, de reestruturações e da falta de planejamento. Onde se consiga observar regiões prósperas, com matéria-prima, força de trabalho, com capacidade técnica de antever considerável acumulação de capital, o mercado, a lógica do capital estará presente. É o caso do polo da cadeia produtiva de Blumenau.

Conforme estudos da FIESC relacionados aos anos de 2014 e 2015, Santa Catarina apresentou um recuo na produção industrial e nas vendas nesse período. Os setores analisados somam as atividades ligadas ao comércio, à indústria, à agropecuária e aos serviços.

O recuo pode ser creditado às dificuldades vividas por nossa economia nestes dois últimos anos. A produção se voltou para o mercado interno.

As exportações caíram bastante no setor têxtil devido à valorização da taxa de câmbio nos últimos anos. No Brasil, segundo dados do IEMI/SECEX: "Entre 2010 e 2014 as exportações caíram (-) 21,7%. Já as importações apresentaram alta de 48,3%; O crescimento nas importações elevou o déficit a US$ 5,1 bilhões, um crescimento de 78,4% no período"

Se os dados do Brasil preocupam, Santa Catarina também se encontra nessa ordem.

Segundo os dados dos mesmos institutos de pesquisa IEMI/SECEX, entre 2010 e 2014 as exportações de SC recuaram 13,1%, enquanto as importações subiram 69,86%.

---

[24] São concentrações geográficas de empresas interconectadas de um setor específico. Porter (1998). Concentração geográfica e setorial de empresas. Schmitz (1997).

No setor específico têxtil, houve no Brasil uma diminuição das exportações. Santa Catarina registrou um aumento 43,6 %, embora não tenha representado melhora no setor de confecções.

Neste setor, incluindo a linha lar e vestuário, as exportações brasileiras de confeccionados caíram 45,7% no período de 2010 a 2014, e em SC a queda foi de 40,3%.

Em se tratando do polo de Blumenau, entre 2010 e 2014, a produção de confeccionados cresceu 48,9% em R$ e 9,8% em peças. Apenas em 2014, o crescimento foi de 3,7% em volumes e de 10,6% em valores. (IEMI-2015).

O cenário regional até 2014 apontava para um quadro promissor. O que chama a atenção é a relação entre o número de peças e o valor agregado. Mesmo produzindo poucas peças a mais no geral, o volume financeiro arrecadado foi maior.

Isto representa a recuperação das condições de acumulação por parte das empresas diante do fenômeno da reestruturação produtiva e comercial, com medidas referentes à diminuição de sua produção industrial, subcontratações, investimento em outros setores, como o varejo, através de franquias, importações e outsourcing.

Nesse cenário, o trabalho de subcontratação continua dependente dessa cadeia produtiva, com suas oscilações e reestruturações.

O espaço da produção se transforma de maneira dinâmica, na medida em que os processos de trabalho também se transformam. As relações de trabalho também se horizontalizam, passando a contar com flexibilizações nos modos e nos espaços de produção.

A análise principal pesquisada envolve esse espaço de produção, embora se considere importante registrar a relevância de outros espaços, de outras formas de organização dentro do sistema capitalista, da sociedade capitalista.

Através de um quadro estrutural (8), Santos (2005) nos ajuda a compreender outros aspectos da sociedade capitalista.

Quadro 8 - Mapa estrutural das sociedades capitalistas

Componentes Elementares / Espaços Estruturais	Unidade de prática social	Forma Institucional	Mecanismo de poder	Forma de Direito	Modo de racionalidade
Espaço doméstico	Sexos e Gerações	Família, casamento e parentesco	Patriarcado	Direito doméstico	Maximização da afectividade
Espaço da produção	Classe	Empresa	Exploração	Direito de produção	Maximização do lucro
Espaço da cidadania	Indivíduo	Estado	Dominação	Direito territorial	Maximização da lealdade
Espaço da cidadania	Nação	Contratos, acordos e Org. Internacionais	Troca desigual	Direito sistémico	Maximização da eficácia

Fonte: Santos (2005, p. 125).

O quadro resume, em grande parte, a dinâmica Capitalista.

Dois dos espaços muito destacados por nós refere-se ao espaço próprio de produção e ao espaço de produção doméstico. O espaço mundial e o espaço da cidadania fazem parte desse complexo.

O espaço de produção já foi citado na seção dois. Compreende as relações no mundo do trabalho. Compreende os antagonismos da classe (Marx 1998) dos trabalhadores com os donos do capital e a obtenção da mais-valia, num sistema econômico, num espaço materializado.

O espaço doméstico composto pelas relações familiares, onde se registra ainda a figura de um patriarcado, com mudanças nos últimos tempos, em que as relações de parentesco e afeto muitas vezes são substituídas por relações de produção, de hierarquia produtiva. A casa projetada para domicílio se transforma em unidade de produção.

Em nível mundial ocorrem as relações políticas de produção, de hegemonia econômica. As trocas desiguais, muitas vezes acentuadas por relações centrais e periféricas, evidenciam uma dependência ou independência frente às dinâmicas comerciais.

O espaço da cidadania é representado pelo estado e sua representação perante seus cidadãos.

Se a economia pode ser considerada o motor do desenvolvimento, o estado com suas políticas públicas, envolvendo planejamento territorial, econômico, financeiro e político pode

orientar de maneira ímpar o estado, o município, a região na busca de melhor desenvolvimento.

Se muitos responsáveis pelas facções relacionaram o desenvolvimento a emprego e a renda, percebemos que alguns dirigentes municipais e gestores públicos atribuem a importância do setor de facções apenas à quantidade de impostos que elas poderiam gerar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi relacionar o processo de reestruturação produtiva, com o aumento das facções têxteis e sua influência na dinâmica produtiva regional. Além de ser temática escolhida para dissertação de mestrado, o objetivo também visou englobá-la com relevância social para o pesquisador a para os pesquisados.

Falar sobre a dinâmica das facções têxteis envolveu diversos elementos que desafiaram muitas vezes nossa interpretação. Para chegar à análise dessas facções, foi de suma importância situar o contexto da região a ser pesquisada. A região em estudo é o Alto Vale do Itajaí, uma região ímpar, devido ao seu fator de extrema relevância no cenário catarinense e até nacional.

Foi de suma importância o trabalho de imigrantes, sobretudo alemães, na constituição espacial e política do município. Não podemos esquecer-nos de outros grupos étnicos que ajudaram na constituição do Município, como as tribos indígenas que aqui habitavam, imigrantes italianos, eslavos e cafuzos.

Assim tomando como exemplo o Brasil e suas inúmeras identidades étnicas, o Vale do Itajaí se configurou num mosaico de culturas e miscigenações. Tomando como ponto de partida a cultura alemã, e relacionando com o aspecto contextual e empreendedor de seu povo, permitiu traçar um paralelo com o surgimento da indústria têxtil em nossa região.

O empreendedorismo da família Hering, Renaux, Karsten e de outras lançou as bases da indústria têxtil na região. Blumenau representou a cidade que polarizava a estrutura produtiva regional no início e meados do século XX. A expansão para o interior do estado mudou a configuração espacial e econômica desses municípios.

Contemplada com a instalação de uma unidade de produção da Hering em 1976, Ibirama foi testemunha dessa transferência geográfica de valor. Por 40 anos ela esteve presente no município, sendo referência no que se refere a treinamento e aproveitamento da mão de obra feminina. O fechamento de sua unidade de produção em Ibirama representou uma comoção geral e alguns questionamentos.

Durante os últimos anos, a Hering já demonstrava sua intenção de reestruturar suas funções. Entre os funcionários era forte o pressentimento de que a Hering estava indo à falência. Demissões e acordos começaram a ser feitos. Mais do que uma empresa, a Hering representava, para as funcionárias mais experientes, uma vida dedicada à produção, mas também outros envolvimentos. A empresa tinha muito de suas identidades, numa força de trabalho competente e de qualidade.

Se por um lado a força de trabalho feminina foi explorada, por outro gerou um desenvolvimento considerável para a região, com heranças no setor têxtil. Deixou também uma herança importante relacionada ao cooperativismo. Hoje o município conta com duas cooperativas, surgidas no interior da própria Hering: uma de crédito e outra de consumo. Ambas promovem o desenvolvimento local e regional. A cooperativa de crédito influenciou diretamente o fomento de novas facções no município e região. Já a Cooperativa de consumo oferece mais uma alternativa de compra aos seus cooperados.

O fechamento de sua unidade de produção, segundo os seus gerentes, fazia parte da reestruturação produtiva da empresa, como ficou comprovado em nossa pesquisa, pelos números do faturamento da empresa, com investimento em outras formas híbridas de produção e comércio. O conjunto dessas medidas caracteriza o que se chama de *hollow company* (empresa vazia), especializada apenas na comercialização da marca (SILVA, 1999).

Nesse cenário de reestruturações, surgiam as subcontratações, e com elas, as facções. Conforme a pesquisa, as facções de Ibirama se caracterizam por possuir uma média de 10 a 20 trabalhadores, fazendo operações principalmente de costura, tendo nas modalidades de subcontratação parcial, complementar e mista uma característica da relação entre a facção e as MPMEs contratantes. Grande parte das trabalhadoras demitidas pela Hering, por exemplo, hoje estão trabalhando nas facções da região. As facções absorveram rapidamente essa mão de obra, minimizando o impacto socioeconômico de tais demissões.

Nesse contexto encontram-se facções muito bem estruturadas, de acordo com as normas impostas pelo poder público municipal, com alvarás de funcionamento e selos do tipo ABVTEX. Por outro lado, constituiu-se numa das limitações da pesquisa, pelo fator tempo e acesso, as chamadas facções de fundo de quintal ou domiciliares. Registradas na prefeitura encontramos 160 facções. Já salientamos que parte delas possui apenas o código de facções, mas não estão atuando como tal. Outro ponto a salientar é que muitas dessas facções já fecharam, mas muitas não regularizaram sua condição com a prefeitura.

A dinâmica funcional de uma facção já foi relatada aqui, mas convém reiterar: é a concentração dos serviços em artigos de malhas, recebidos de contratantes, que por sua vez irão repassar para gigantes de vendas do varejo.

Essa dinâmica das facções é polarizada ainda pelo polo têxtil de confeccionados de Blumenau, Brusque e Jaraguá.

É um setor que se mostra sensível às mudanças estruturais do mercado. Muitas facções acabaram fechando suas atividades devido ao caráter sazonal dos confeccionados. Uma das maiores dificuldades relatadas pelos responsáveis das facções é de caráter tributário e de

incentivos. Perguntamos como donos de facções e associados percebem a conjuntura atual e futura.

Relacionando suas respostas com os dados sobre o município de Ibirama obtidos em órgãos oficiais, algumas constatações ficam evidentes.

Quem pertence ao ramo das facções não possui uma posição clara quanto ao desenvolvimento da região, e alguns gestores públicos também não.

Não vi, por parte do poder público, estratégias de ações relacionadas ao setor têxtil. Sequer são estudadas situações em que pequenos incentivos poderiam garantir a continuidade de uma facção ou ações simplificadas que possibilitariam a instalação de empresas do setor na região. As sugestões colhidas para o setor incluem esses incentivos.

Se houvesse, por exemplo, a instalação de empresas de produção e corte de malhas, poderia transformar a região num pequeno polo têxtil. A rodovia que corta o município também poderia ser mais bem utilizada, caso fosse instalado um centro de vendas de produtos da região nas suas proximidades. Por outro lado, a rodovia que serve de ligação de escoamento da produção têxtil se transforma num gargalo que tranca esse escoamento. Por vezes, prazos de busca e entrega de lotes de costura acabam não sendo cumpridos por causa desse tráfego pesado e lento na BR 470.

A criação de uma secretaria especializada no setor que possa orientar as empresas em funcionamento e a instalação de outras. Essa secretaria faria uma ligação entre empresas e o sistemas “S”, por exemplo.

Nesse sentido, creio que a pesquisa forneceu alguns dados que puderam satisfazer as questões de partida.

As limitações da pesquisa envolveram agendamentos não cumpridos, e mails que não foram respondidos e dados não fornecidos.

Creio que a pesquisa de forma nenhuma esgota o assunto e vejo que em minha cidade temos uma questão relacionada à identidade. Não sabemos o que queremos ser. Cidade das facções, do turismo, do comércio, da agricultura? A diversificação é importante, mas o planejamento em alguns setores, e principalmente foco no que se quer, são primordiais.

REFERÊNCIAS

ABREU**,** Alice Rangel de Paiva; SORJ, Bila. Trabalho a domicilio e as relações de gênero: as costureiras externas do Rio de Janeiro. In:_____ (Org.). **O trabalho invisível**: estudos sobre os trabalhadores no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

ARQUIVO HISTÓRICO DE IBIRAMA. **Fotos e documentos.** Disponível em: <http://arquivohistoricoibirama.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VAREJO TÊXTIL (ABVTEX). **Certificação de fornecedores.** Disponível em: <http://www.abvtex.org.br/>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BEAUVOIR, Simone**. O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Ensaios de Geografia contemporânea**: Milton Santos, obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 55-62.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLLI, Juliana. **A trama da terceirização**: um estudo do ramo da tecelagem. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2000. 132p.

DARONCO, Clarice Graupe. Setor têxtil registra demissões. **Jornal do Médio Vale (JMV)**, Timbó, 22 jan. 2016.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). Reestruturação produtiva em Santa Catarina: um olhar sobre o setor têxtil. **Estudo regional**, Florianópolis, n. 4, jun. 2003.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

EXPRESSÃO. **Quatro décadas que mudaram a economia do Sul.** Florianópolis: AZ Comunicação, 2006.

FIESC. **FIESC 50 anos**: uma história voltada para a industrialização catarinense. Florianópolis: Expressão, 2000.

FIESC. **Relatório Anual 2013**. Florianópolis: [s. n.], 2014.

GORZ, André. **Historia y enajenación**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1969.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HENKELS, Luiz Carlos; HABITZREUTER, Rubens Roberto. **A estrada de ferro de Santa Catarina (EFSC) 1909-2009**. [S. l.]: CESAP, 2009.

HOLMES, John. The organization and locational structure of production subcontracting. In: SCOTT, AlIen J.; STORPER, Michael (Ed.). **Production, work, territory**: the geographical anatomy of industrial capitalism. Winchester: AlIen&Unwin, p. 80-106, 1986.

IBGE. **Banco de dados- Municípios.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/cidades>. Acesso em: 1 jun 2015.

JUNGERFELD, Vanessa Follmann; SILVA , Ana Lúcia. **O capital originário das grandes empresas têxteis de Blumenau e Brusque.** Textos de Economia, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 68-94, jan./jun.2013.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política**. Barcelona: Peninsula, 1976.

LINS, Hoyedo Nunes. **Reestruturação industrial em Santa Catarina**: pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

LÖWI, Michel**.** A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Tradução de Henrique Carneiro. **Actuel Marx**, Paris, n. 18, 1995.

LUCLKTENBERG, Isabela Albertina Barreiros. **Reestruturação e dinamismo do setor têxtil de Blumenau**: o caso Hering. 2004. Dissertação (Mestrado), UNESP, Presidente Prudente, 2004.

MAMIGONIAN, Armen. Brusque: estudo de geografia urbana e econômica. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 13, 1960.

_____. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia,** Rio de Janeiro, v. 27, n. 3. jul./set., 1965.

_____. Vida regional em Santa Catarina.In: **Revista Orientação**, São Paulo, 1966.

_____; GAPLAN. **Atlas de Santa Catarina:** Indústria. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986.

_____; KONDRATTIEV. Ciclos médios e organização do espaço. **Geosul**, Florianópolis, v. 4, n. 28, p. 152-157, jul./dez. 1999.

_____. Teorias sobre a industrialização brasileira. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC/CFH/GCN, n. 2, 2000.

_____. A indústria de Santa Catarina, dinamismo e estrangulamento. In: MAMIGONIAN, Armen (Org.). **Santa Catarina**: estudos de geografia econômica e social. Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE, 2011.

MARQUARDT, Helena. Facções informais prejudicam o setor têxtil. **Diário do Alto Vale**, Rio do Sul, 4 nov. 2014.

MARTINS, Pedro. **Anjos de cara suja**: etnografia da comunidade cafuza. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MARX, K. **O Capital**: livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEI). **Portal do empreendedor**. Disponível em: <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza**. Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Cadastro Geral de desempregados** (CAGED). Disponível em: <http://www.mtps.gov.br/trabalhador-caged>. Acesso em: 13 jan. 2016.

MOSER, Anita. **A nova submissão**: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial. Porto Alegre: Edipaz, 1985.

NAPOLEÃO, Fábio. **Origem, desenvolvimento, crise da indústria joinvilense de materiais de construção em PVC** (1941-2002). 2005. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

NIVEAU, Maurice**. História dos fatos econômicos contemporâneos**. Tradução Octávio M. Cajado. São Paulo: Difel, 1969.

PELUSO JÚNIOR, Victor A. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina**: sua história. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983.

PORTER, M. E. Clusters and the new economics of competition. **Harvard Business Review**, Boston, v. 76, n. 6, p. 77-90, Nov./Dec. 1998.

RANGEL, Ignácio. **Obras reunidas.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RAULINO, Ivo. **Crise e reestruturação produtiva na grande empresa têxtil do médio Vale do Itajaí**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RENAUX-HERING, Maria Luiza. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Ed. da FURB, 1987.

RIBEIRO, Alessandra Valim. **Análise das pequenas empresas de costura frente ao desenvolvimento local no município de Bandeira do Sul/MG**: um estudo de caso. 2012. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

RICHTER, Klaus. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville-SC**: da gênese às exportações. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1997.

_____. **O dinamismo industrial e exportador de Santa Catarina**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SANDOVAL FILHO, Silas. **Braverman, divisão do trabalho e maquinaria**: o alcance da análise do processo de trabalho presente em "Trabalho e capital monopolista". 2002. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas. 2002.

SANTOS**,** Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. A revolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. **Terra Livre**, n. 9, p. 7-17, 1991.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, 1977.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.

SCHMITZ, H. Collective efficiency and increasing returns. **IDS Working Paper**, Brighton, IDS, n. 50, mar. 1997.

SEBRAE. **Empreendedorismo**: como montar um negócio de confecção. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br//sites/PortalSebrae/ideias/Como-montar-um-serviço-de-facção>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SEBRAE. **Santa Catarina em números**. Florianópolis: Sebrae/SC, 2010, 115 p.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **As singularidades do bairro na realização da cidade**: um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa/PB. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999.

SILVA, João Carlos Paiva da. **Clusters de pequenas e médias empresas na área de produtos regionais**: uma estratégia alternativa de desenvolvimento industrial sustentado na Zona Franca de Manaus. 2003. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2003.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE FIAÇÃO, TECELAGEM E DO VESTUÁRIO DE BLUMENAU (SINTEX). **Indústria têxtil de Santa Catarina perspectivas e desafios para o crescimento**: relatório IEMI: FIESC, [Florianópolis]: FIESC, 2015.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e a gestão urbanos. 9. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TROTSKY, Leon. **A história da revolução russa**: v. 1. Tradução E. Huggins. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VIEIRA, Maria Graciana E. D. **Formação social brasileira e geográfica**: reflexões sobre um debate interrompido. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

VIEIRA, Maria Graciana. E. D.; PEREIRA, Raquel Maria F. A. Formações socioespaciais catarinenses: notas preliminares. In: **Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina**. Florianópolis: CAPES/MEC, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIESE, Harry. **Terra da fartura**: história da colonização de Ibirama. Ibirama: Edigrave, 2007.

Formulário base da pesquisa – Roteiro de Entrevistas				
Identificação da Empresa				
Nome da empresa:				
Responsável legal				
Endereço:				
Classificação da empresa (quanto ao nº *de* trabalhadores)	Micro	Pequena	Média	Grande

Questões - eixo 1

1- De que forma nasceu a ideia de seu empreendimento?
2- Já tinha experiência neste ramo de atuação?
3- Qual ou quais foram as dificuldades iniciais? Houve algum incentivo por parte do município

Questões - eixo 2

4- Qual o seu quadro de trabalhadores? A proporção Homens e Mulheres.
5- Os trabalhadores residem todos no município de Ibirama?
6- Trabalha na empresa algum ex-funcionário da Cia Hering?

Questões - eixo 3

7- De que forma é organizada a hierarquia da empresa. Chefia? Gerência?
8- De que forma você classifica sua empresa: indústria ou prestadora de serviço?
9- Quem seriam as empresas contratadoras? De que cidades? Facciona trabalho para empresas aqui do município ou região?
10- Quais operações são feitas na empresa? Talhe? Corte? Costura? Embalagem?
11- Quais artigos são feitos com essas operações?
12- De que maneira faz investimentos em tecnologia? Máquinas e equipamentos?

Questões - eixo 4

13- Sua empresa mantém relações comerciais com empresas locais, regionais?
14- Desenvolve trabalho de cooperação comercial, regional, local?
15- Na sua opinião, de que forma sua empresa contribui para o desenvolvimento econômico e social do município?
16- Já ouviu falar na ABVTEX? Sua empresa possui o selo ABVTEX?

Questões - eixo 5

17- Hoje, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo setor têxtil de confecção?
18- Já ouviu falar em desenvolvimento sustentável?
19- As sobras de malhas estão tendo qual destino?
20- Alguma sugestão sobre a realidade do setor de facções, em nosso município?